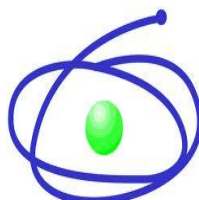




UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA  
APLICADA  
ERIKA ASSUNÇÃO DOS SANTOS

**A EMERGÊNCIA DA (INTER)SUBJETIVIDADE  
EM INTERAÇÃO VIRTUAL: UM ESTUDO  
SOBRE NEGOCIAÇÃO DE SENTIDOS E  
CONSTRUÇÃO DE REFERENTES NO FÓRUM  
DA COMUNIDADE “PROFESSORES DO  
CEARÁ”**



C A P E S

FORTALEZA – CEARÁ

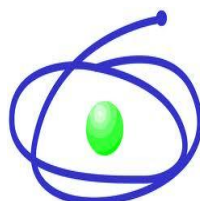
2013

ERIKA ASSUNÇÃO DOS SANTOS

**A EMERGÊNCIA DA (INTER)SUBJETIVIDADE EM  
INTERAÇÃO VIRTUAL: UM ESTUDO SOBRE  
NEGOCIAÇÃO DE SENTIDOS E CONSTRUÇÃO DE  
REFERENTES NO FÓRUM DA COMUNIDADE  
“PROFESSORES DO CEARÁ”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helenice Araújo Costa.



C A P E S

FORTALEZA – CEARÁ

2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Universidade Estadual do Ceará**  
**Biblioteca Central do Centro de Humanidades**  
**Bibliotecário Responsável – Doris Day Eliano França – CRB-3/726**

S237e Santos, Erika Assunção dos.

A emergência da (inter)subjetividade em interação virtual: um estudo sobre negociação de sentidos e construção de referentes no fórum da comunidade “Professores do Ceará” / Erika Assunção dos Santos. – 2013.

CD-ROM. 110 f. ; il. (algumas color.) : 4 ¾ pol.

“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm)”.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2013.

Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa.

1. Referenciação. 2. Intersubjetividade. 3. Ciberespaço. I. Título.

Universidade Estadual do Ceará  
Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada

A EMERGÊNCIA DA (INTER)SUBJETIVIDADE EM INTERAÇÃO  
VIRTUAL: UM ESTUDO SOBRE NEGOCIAÇÃO DE SENTIDOS E  
CONSTRUÇÃO DE REFERENTES NO FÓRUM DA COMUNIDADE  
“PROFESSORES DO CEARÁ”

**Autora:** ERIKA ASSUNÇÃO DOS SANTOS

Defesa em: 25 / 04 / 2013.

Conceito obtido: Aprovada.  
Nota obtida: 100.

**BANCA EXAMINADORA**

Maria Helenice Araújo Costa  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Helenice Araújo Costa (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Mônica Magalhães Cavalcante  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Mônica Magalhães Cavalcante  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Iúta Lerche Vieira  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Iúta Lerche Vieira  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

*Dedico este trabalho aos(às)  
professores(as) cearenses de educação  
básica.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, meu Pai amado, a Verdade e o Sentido da minha vida. Obrigada pela Sua imensa misericórdia que me fez chegar até aqui e que me dá esperança de ir mais longe.

À minha mãe querida, companheira e conselheira. Lúcia, de fato, iluminada. Obrigada por me dar lições vivas de amor, por saber como ninguém me encorajar em tempos difíceis e por compreender com rara sensibilidade meu gosto pelo ensino e pela pesquisa.

Ao meu pai Francisco, que contribui generosamente com a realização dos meus projetos e sonhos, sem titubear.

À Nathália, minha irmã amada, responsável e comprometida com a família. Obrigada pela animação com que você reage diante de cada passo que eu dou na vida e por me salvar, em muitos momentos, tendo a praticidade e a agilidade que me faltam.

Ao Henrique, meu irmão caçula. Obrigada pelo jeito paciente com que me acompanha em muitos lugares onde preciso ir e por ter deixado de passear, em tempo de feriado, para permanecer ao meu lado nos meus momentos longos de dedicação à escrita.

Às tias Marly e Rosa, que oram continuamente por mim. Sei que, na base dos milagres que eu tenho vivido, estão as orações das duas. Afinal, como nos é revelado no texto bíblico, “A oração de um justo é poderosa e eficaz”.

À Nina, minha cachorrinha linda, cuja fofura e sapequice me servem de ânimo e inspiração diariamente.

Aos meus irmãos e irmãs da Igreja Cristã Monte Sinai, com quem posso dividir alegrias e tristezas.

À Jariza, amiga-irmã à primeira vista. Muito obrigada por partilhar felicidades, choro, “tigres de papel”, afazeres, orações, ideias, projetos e sonhos comigo. Obrigada por ser essa menina com coração e espírito de criança, uma pessoa que não hesita quando o assunto é dividir bênçãos, oportunidades e felicidades.

Ao Emanuel, amigo-irmão do peito, de uma sabedoria e humildade incomuns. Obrigada por me dar muitos motivos para sorrir e lindas memórias para reviver.

À Elvina, amiga confidente, acolhedora, generosa e humana. Obrigada por me escutar sempre e por inventar tempos divertidíssimos e revigorantes.

À Alana, pela disposição em revisar este trabalho, pelo seu olhar crítico que me deu segurança e pelas palavras bondosas que me reabasteciam quando eu “empacava” no “quase lá”.

À Poly, ao Carlos Eduardo, à Benedita, à Andrezza, à Beatriz, à Jariza, à Alana e ao Renan, que deram sentido e vida ao grupo GEENTE (Grupo de Estudos e Ensino do Texto). Agradeço pela amizade e pelas trocas de aprendizado.

À Eleonora, tão gentil e eficiente! Obrigada por me ajudar, com seus dotes de língua inglesa, a compor um *abstract* apropriado.

À Caroline, meiguíssima. Obrigada por me auxiliar prontamente na tarefa chatinha de transcrever meus dados.

Aos colegas do PosLA, Hiran, Raquel, Sidney, Rafaele, Fernanda, Gisleuda, Isabela, Cínthya, Luciana, Katharina, Abimael e Elys, pelo apoio, pelas conversas, pelas lições e pelas risadas.

Aos professores e alunos da EEFM João Paulo II, que me incentivaram a ir “de cabeça” nesta pesquisa.

Aos alunos noturnos da disciplina Teoria do Ensino de Língua Portuguesa da UECE, do semestre 2012.1, com quem aprendi muito no meu estágio de docência.

À Prof<sup>a</sup> Iúta e ao Prof. João Batista, que me trouxeram contribuições valiosas no momento da minha qualificação.

À minha orientadora, Profa. Helenice, uma mãe! Agradeço por todas as horas que eu lhe tomei, por todos os seus conselhos sábios e maduros e pela sensibilidade com que a senhora me tratou em todo esse nosso tempo de convivência. A senhora é um presente de Deus na minha vida!

À Profa. Mônica e, mais uma vez, à Profa. Iúta, que aceitaram prontamente participar da minha defesa, com um espírito colaborativo.

À Keiliane, sempre gentil em atender às necessidades e pedidos dos alunos do PosLA. Obrigada pela prestatividade com que me ajudou a vencer as burocracias desta trajetória de pesquisa.

À Capes, por financiar este estudo.



Eu me conheço mais  
Olhando pra você eu vou  
Descobrir quem eu sou  
E penso agora no que você vê.

Convívio – Banda Crombie

## RESUMO

Nesta pesquisa, focamo-nos na constituição intersubjetiva dos referentes. Nosso intento é aprofundar a ideia, asseverada pela proposta teórica da referenciação, de que os objetos de discurso são perfilados de modo negociado (MONDADA e DUBOIS, 2003). Entendendo, com Bakhtin/Volochínov (2010, p. 127), que o “diálogo” está na base de toda comunicação verbal, defendemos que os atos de referir passam necessariamente por algum ajuste intersubjetivo, uma vez que eles levam em conta interlocutores (presentes ou ausentes), discursos, crenças, aprendizados socioculturais. Pensando nisso, consideramos proveitoso tomar para discussão dados advindos de uma interação assíncrona. De modo mais preciso, concentramo-nos no uso da ferramenta “assinatura” por um membro da Comunidade Virtual PROFESSORES DO CEARÁ, pertencente à rede social Orkut. Nossa análise é guiada, primeiro, pela nossa experiência de usuário no ambiente e pela observação da postagem estreada das assinaturas; depois, por considerações do próprio usuário da ferramenta, adquiridas em entrevista semiestruturada. Feitas as apreciações, concluímos que o uso das assinaturas, por esse sujeito específico, não só prevê reações dos demais membros do grupo, como também supõe que eles compartilhem saberes e referências socialmente estabelecidas.

**Palavras-chave:** Referenciação. Intersubjetividade. Ciberespaço

## **ABSTRACT**

In this research, we focus on the intersubjective constitution of referents. Our intent is to deepen the idea, asserted by the theoretical proposition of referenciation, which states the discourse objects are aligned in a negotiated way (MONDADA and DUBOIS, 2003). Understanding, with Bakhtin/Volochinov (2010, p.127), the “dialogue” is in the base of every verbal communication, we defend that the acts of referring go, necessarily, through some intersubjective adjustment, once they take into consideration the interlocutor (present or absent), discourses, beliefs, sociocultural knowledge. Thinking of that, we consider beneficial taking into discussion some data from an asynchronous interaction. More precisely, we concentrate on the use of the tool “signature” by a member of the virtual community PROFESSORES DO CEARÁ, belonging to the social network Orkut. Our analysis is guided, first, by our experience as user in the entourage and by the observation of the debuting signatures post; afterwards, by considerations the user himself made on the tool, which was acquired in semistructured interview. Once the appreciations were done, we concluded that the use of signatures, by this specific subject, not only forecasts reactions from the other group members, as, also, supposes they share socially established knowledge and references.

**Keywords:** Referenciation. Intersubjectivity. Cyberspace.

# SUMÁRIO

<b>LISTA DE ABREVIATURAS.....</b>	<b>12</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>12</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 Fundamentação teórica .....</b>	<b>18</b>
1.1 A referenciação: uma atividade intersubjetiva .....	18
1.1.1 <i>Uma atividade discursiva</i> .....	23
1.1.2 <i>Uma atividade sociocognitiva</i> .....	26
1.1.3 <i>Uma atividade ideológica</i> .....	29
1.2 Referência e sujeito: conceitos relacionados .....	34
1.3 Ciberespaço: aspectos intersubjetivos .....	37
<b>2 Metodologia.....</b>	<b>44</b>
2.1 Como chegamos à Comunidade “PROFESSORES DO CEARÁ” .....	45
2.2 Apresentação da CPC e do seu fórum .....	47
2.2.1 <i>Breve perfil da CPC</i> .....	47
2.2.2 <i>Breve perfil do fórum da CPC</i> .....	50
2.3 O sujeito de pesquisa e o recurso assinatura .....	51
2.3.1 <i>O sujeito de pesquisa</i> .....	51
2.3.2 <i>As assinaturas</i> .....	52
2.4 Instrumentos e Procedimentos de coleta .....	53
2.4.1 <i>Das mensagens eletrônicas</i> .....	54
2.4.2 <i>Da entrevista semiestruturada</i> .....	56
2.5 Procedimentos de análise.....	57
<b>3 Análise dos dados.....</b>	<b>59</b>
3.1 Assinatura 1: “ISTO É O QUE SOMOS” .....	60

3.1.1	<i>O lado mais eventual da negociação – olhar do pesquisador</i> .....	60
3.1.2	<i>O lado mais amplo da negociação – olhar do sujeito</i> .....	68
3.2	Assinatura 2: “Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir” .....	74
3.2.1	<i>O lado mais eventual da negociação – olhar do pesquisador</i> .....	74
3.2.2	<i>O lado mais amplo da negociação – olhar do sujeito</i> .....	77
3.3	Reflexões adicionais: a intersubjetividade do processo de negociação de sentidos na construção de referentes por meio de <i>nicknames</i> e <i>emoticons</i> .....	81
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>86</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>90</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>94</b>

# LISTAS

## LISTA DE ABREVIATURAS

Linguística Textual - LT

Comunidade virtual PROFESSORES DO CEARÁ – CPC

Assinatura “ISTO É O QUE SOMOS” – A1

Assinatura “Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir” – A2

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: “Etiqueta para grife juvenil” .....	24
FIGURA 2: Assembleia geral dos professores estaduais cearenses.....	32
FIGURA 3: Página perfil da CPC .....	48
FIGURA 4: Recurso assinatura .....	53
FIGURA 5: Ferramenta de busca da CPC.....	54
FIGURA 6: Participação do sujeito de pesquisa no fórum .....	63
FIGURA 7: Mensagem propulsora do tópico “INTRANSIGÊNCIA” – A1 .....	65
FIGURA 8: Mensagem inaugural da A1 .....	66
FIGURA 9: Mensagem inaugural da A2.....	76

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: “ISTO É O QUE SOMOS” .....	55
QUADRO 2: “Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir” .....	55

## INTRODUÇÃO

No âmbito da Linguística Textual, estudos atuais em referenciação têm assimilado os objetos de discurso<sup>1</sup> como intersubjetivos por natureza. Na base da formulação desse princípio, estão as reflexões de Mondada e Dubois (2003). A partir de excertos de conversações espontâneas orais, as pesquisadoras destacam tentativas de interlocutores de chegar - em meio a (des)acordos, dúvidas, lapsos e “puxões” de memória - a uma descrição plausível da realidade, uma prova de que o modo como o mundo é comunicado e interpretado decorre de um processo de “negociação colaborativa”<sup>2</sup> (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 35).

Esse fundamento segundo o qual as entidades do discurso são promovidas em direção à pessoa com quem se interage despertou motivações para este estudo. Intentando avançar nessa questão, pensamos, com Custódio Filho (2011), que é importante observar como essa negociação colaborativa se efetiva em situações comunicativas assíncronas. Inquietou-nos sobremaneira saber como se operaria, em um ambiente de interlocução virtual não simultâneo, esse ajuste intersubjetivo pelo qual o referente vai adquirindo “aparência e alma” na intercogitação.

Em nossa vivência no ambiente do fórum da Comunidade PROFESSORES DO CEARÁ, essa curiosidade esboçada foi dia a dia ganhando fôlego. Começamos a enxergar usos de recursos tecnológicos de personalização<sup>3</sup> e a nos questionar sobre até que ponto as construções referenciais evocadas por eles poderiam ser entendidas como resultantes de um trabalho de acordo intersubjetivo. Por razões que serão melhor aprofundadas no decorrer desta pesquisa, elegemos para exame, de um lado,

---

<sup>1</sup> Objetos de discurso, também chamados de referentes, são entidades sociocognitivas e discursivas elaboradas, de forma situada e adaptativa, por sujeitos em interação (MONDADA e DUBOIS, 2003). De acordo com Cavalcante (2011, p. 15), “Para a Linguística de Texto, hoje, fazemos referência a algo quando nos reportamos a pessoas, animais, objetos, sentimentos, ideias, emoções, qualquer coisa, enfim, que se torne essência, que se substantive quando falamos ou escrevemos”.

<sup>2</sup> No trabalho de Mondada e Dubois (2003, p.35-41), podemos perceber que essa negociação colaborativa não significa necessariamente concordância de ponto de vista. Os vários exemplos apresentados por elas evidenciam a instabilidade das descrições referenciais operadas pelos interlocutores. Haveria nas comunicações uma tentativa por parte destes de chegar a um consenso sobre o que está sendo caracterizado. Mas isso nem sempre é possível, pois, conforme dizem as autoras, uma vez compartilhado, o objeto de discurso está distribuído, isto é, não está limitado às intenções individuais do seu produtor.

<sup>3</sup> *Avatares*, assinaturas por padrão e *emoticons*.

“assinaturas”<sup>4</sup> verbais adotadas por um dos membros; de outro lado, relatos desse membro, adquiridos em entrevista, acerca desses enunciados automáticos.

Como uma insígnia desse usuário, tivemos expectativas de que as assinaturas exigissem (do seu produtor e de seus possíveis intérpretes) negociações de sentidos em dois planos imbricados: um mais eventual e outro mais abrangente, ambos sendo responsáveis por dar uma feição aceitável ao referente. Esta dupla face que atribuímos a esses contratos intersubjetivos toma de empréstimo o pensamento filosófico bakhtiniano: o sujeito interage cercado por pressões de ordem imediata (enunciação imediata) e extensiva (meio social amplo) (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 117-118)<sup>5</sup>. Dessa forma, pretendemos deixar, para pesquisas subsequentes, mais um bom ingrediente para debates, uma vez que, em nosso entendimento, mesmo que essa via mais vasta da negociação possa não ficar tão exposta no material linguístico, ela é constitutiva de todo tipo de interação.

Acreditamos que existe uma sinergia entre esse raciocínio bakhtiniano e a ideia, que vem sendo assumida por estudiosos da referenciação, de que os sujeitos são sociocognitivos. Estando estes sob essa condição, não é forçoso afirmar que o referente já nasce intersubjetivo, até porque no processo de construção desse referente o sujeito age com base em experiências e aprendizados socioculturais. Ademais, nessa esteira sociocognitivista, o sujeito, imerso nas interações, acaba por fazer de si mesmo e dos seus interlocutores objetos de discurso (em constante atualização a cada prática interativa). Ora, sendo assim, as avaliações a que o sujeito chega sobre a realidade sempre têm uma raiz mais antiga a ser colocada por ele “na balança”.

Embora reconheçamos os progressos dos trabalhos especializados em referenciação (MONDADA e DUBOIS, 2003; MARCUSCHI, 2007; CUSTÓDIO FILHO, 2011; MONDADA, 2010; CAVALCANTE, 2011), entre outros, percebemos uma carência de estudos que explorem de modo mais focal essa dimensão intersubjetiva. Como adiantado, essas negociações colaborativas têm ficado ainda muito restritas à análise de diálogos orais. A proposta de Custódio Filho (2011), já

---

<sup>4</sup> As assinaturas são textos (verbais, visuais ou verbo-visuais, com ou sem efeito de movimento) fixados automaticamente na postagem do usuário que as ativou. Elas geralmente ficam posicionadas no lado inferior direito da postagem. Mais informações sobre esse recurso podem ser vistas no subtópico 2.3.2.

<sup>5</sup> De acordo com os autores (2010, p.117, grifo dos autores), “*A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação*”.



mencionada, inova nesse sentido ao apontar para a existência de negociações indiretas: que não se operam entre o produtor do texto e o seu possível interlocutor de forma simultânea. O estudioso mostra que outros tipos de interação<sup>6</sup> também fazem emergir objetos de discurso através de um trabalho cooperativo entre as partes envolvidas. No entanto, a nosso ver, esse tópico não é o centro do estudo do autor, nem recebe a atenção que dispensamos a esse aspecto no presente trabalho. Além disso, os textos com que o autor lida são decorrentes de um planejamento minucioso a longo prazo, o que não caracteriza os que integram esta pesquisa.

Frisamos ainda que, dentro do conjunto de trabalhos que conhecemos em referência, são poucos os que discutem o fenômeno da elaboração da realidade em meio eletrônico (COSTA, 2007a; GALVÃO, 2008; ALVES FILHO e ALEXANDRE, 2012; SANTOS e OLIVEIRA, 2011). Não tivemos notícias de nenhum que tomasse como parte do *corpus* enunciados-assinatura. Essa escolha permite que tratemos da intersubjetividade com respaldo em um material linguístico de estrutura “congelada”, que não progride (em termos materiais), apenas se repete nas postagens do usuário.

Nossa proposta, além de trazer uma situação interativa diferenciada, busca aprofundar a afetação eu/outro com ênfase na (inter)sociocognição. A conversa que estabelecemos com o sujeito de pesquisa foi fundamental nesse sentido.

Afora contribuições para a perspectiva teórica a que nos filiamos – os estudos sociocognitivos do texto, com atenção especial para o fenômeno da referência -, esta pesquisa, a nosso ver, também colabora com os estudos linguísticos que se interessam pelo ciberespaço e pela cibercomunicação. Mondada (1999, p. 5, tradução nossa) alerta para o fato de existirem poucos trabalhos em Linguística que se dedicam às interações realizadas por meio eletrônico. A pesquisadora, destacando as obras de Herring (1993) e Herring, Johnson & Di Benedetto (1995), evidencia que as investigações de base linguística podem desvendar “[...] as formas situadas com que a comunicação via Internet ou mais geralmente mediada pelo computador re-elaboram, mantêm, negociam e adaptam categorizações<sup>7</sup> dos atores e das ações [...]”<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> No caso, Custódio Filho (2011) comprova a existência de negociações colaborativas com base na análise de um conto longo (texto escrito) e de quatro capítulos de um seriado (texto audiovisual).

<sup>7</sup> Dentro da perspectiva teórica da referência, as categorizações “[...] não são mais consideradas como algo que estabiliza uma ligação direta com o mundo, mas como processos que se desenvolvem no seio das interações individuais e sociais com o mundo e com os outros, e por meio de mediações semióticas

Para abarcar a problemática apresentada - que relaciona basicamente três pontos-chave: referência, sujeito e ciberespaço -, dividimos nossa pesquisa em três capítulos principais. No primeiro, apresentamos os fundamentos teóricos. Estes ocupam tal lugar à frente na organização porque esclarecem e instituem os pilares conceituais da investigação. A fim de explicarmos essa maneira como estamos nos apropriando da ideia de negociação de sentidos e objetos de discurso, relacionamos a dimensão intersubjetiva dos referentes a outras três dimensões, a saber: a discursiva, a sociocognitiva e a ideológica. Para nós, a íntima ligação existente entre elas nos auxilia nesse entendimento mais profundo, que pode ser relacionado ao pressuposto bakhtiniano de que a interferência do outro na linguagem tem uma espessura densa na dinâmica global das enunciações. Nossos argumentos no que tange à referenciação se apoiam em Mondada e Dubois (2003), Costa (2007a, 2007b), Cavalcante (2011), Custódio Filho (2011), Marcuschi (2007), Cardoso (2003), Koch (2004), Koch (2006), Salomão (1999) e Bakhtin/Volochínov (2010).

Ainda nesse momento inicial, fazemos notar a mútua afetação entre os conceitos de referência e sujeito. Como antecipado, consideramos que há uma compatibilidade entre ambos que nos leva a entender melhor por que as versões referenciais sempre se estabelecem “autorizadas” por interlocutores (presentes ou ausentes na situação comunicativa) e por discursos socioculturais. Para fechar o capítulo, abordamos, com base em Pierre Lévy (1999), Costa (2007a), Mondada (1999), e Violi (2009), aspectos atrelados ao ciberespaço que evidenciam como o meio eletrônico pode exercer condicionamentos na percepção dos sujeitos acerca da realidade.

No segundo capítulo, descrevemos a nossa metodologia. Preliminarmente, damos razões para a escolha do nosso “‘nicho’ específico” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 187). Em seguida, cumprimos a missão de elucidar a lógica científica do trabalho e os recortes necessários.

---

complexas” (MONDADA e DUBOIS, 2003, p.22). Os seres humanos constroem categorias para se reportar ao mundo e estas podem se modificar no curso do evento comunicativo e no curso da história.

<sup>8</sup> “[...] *les façons situées dont la communication via Internet ou plus généralement médiatisée par ordinateur réélaborait, maintenait, négociait et adaptait les catégorisations des acteurs et de leurs actions [...]*” (MONDADA, 1999, p. 4)

No terceiro e último capítulo, apresentamos nossa análise. Apoiamo-nos em nosso olhar “de dentro das discussões” (COSTA, 2007a) e no olhar do próprio usuário das assinaturas tomadas para exame. Esperamos, com esse procedimento de caráter qualitativo, tornar manifesta a profundidade das negociações que dão forma e sentido ao mundo no processo interativo.

Em nossas considerações finais, frente aos resultados da análise, apontamos contribuições do trabalho e sinalizamos desdobramentos possíveis.

As partes subsequentes são dedicadas as nossas referências e aos anexos, nessa ordem.

# 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra”.

Bakhtin/Volochínov

Neste capítulo, damos enfoque aos pressupostos teóricos que sustentam nossa pesquisa. Por motivo de organização, decidimos subdividi-lo em três seções principais. Cada uma delas dedica maior atenção a um dos três elementos, os quais, como já foi mencionado, inter-relacionam-se em nossa investigação: referência, sujeito e ciberespaço.

Inicialmente, tratamos do eixo teórico deste estudo: a perspectiva da referenciação. A partir de princípios desta, empenhamo-nos em evidenciar a intersubjetividade fundadora dos objetos de discurso. Nesse percurso, defendemos que a forma como o referente é “desenhado” responde não só ao público pretendido, mas também a discursos e crenças maiores que entram em jogo na interação. Em seguida, na segunda seção, atentamos para a correlação entre os conceitos de “referência” e de “sujeito”. Por último, abordamos o ciberespaço e possíveis afetações que ele pode acarretar no processo de negociação de sentidos e de construção de referentes.

## 1.1 A referenciação: uma atividade intersubjetiva

O tema da referência é fonte de desafios para distintas áreas do conhecimento<sup>9</sup>. Segundo Mondada e Dubois (2003, p. 21), “A literatura científica é atravessada pela constatação de um grande número de divergências entre linguagem ou o conhecimento humano e o mundo, entre os nomes, seus sentidos comuns, seus usos, seus conceitos e as ‘coisas’”. A amplitude e as polêmicas em torno da questão já sugerem seu *status* de lugar central, morada para pensadores, cientistas e curiosos ávidos por um melhor entendimento acerca do modo como nós, seres humanos, desenvolvemos saberes e significados para o que nos envolve.

---

<sup>9</sup> Conforme explica Koch (2006, p. 77), ao trazer um trecho da obra “Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade” de Blikstein, a relação língua e realidade “[...] tem ocupado a mente de filósofos, logicistas, semanticistas, semiólogos, lingüistas e demais estudiosos de questões de significação e de linguagem”.

Apesar das discordâncias e da complexidade peculiar ao tema, é patente, nas pesquisas especializadas em linguagem, o crescimento de uma forte tendência: a visão não representacionista da linguagem<sup>10</sup>, que admite que língua e mundo se relacionam de forma indireta. Dentro da Linguística de Texto (LT), ramo dos estudos linguísticos ao qual nos vinculamos, a proposta teórica da referenciação<sup>11</sup> é a que se concentra em firmar e explorar a validade dessa ideia. Conforme expomos neste tópico, o quadro conceitual da referenciação legitima a natureza intersubjetiva do discurso e da cognição o que, nesta pesquisa, obtém atenção especial.

Costa (2007a), ao fazer como ela mesma intitula “uma viagem conceitual” sobre a referência - partindo da maneira como era tratada a questão na Filosofia da Linguagem<sup>12</sup> e tornando visível a influência disso nas abordagens desenvolvidas pela Linguística posteriormente -, termina por assimilar a perspectiva da referenciação como um “processo pragmático-discursivo” (p. 136). Em sintonia com essa definição, Cavalcante (2011, p.15) argumenta que “O ato de referir é sempre uma ação conjunta” e esclarece que, atualmente, as atividades de referenciação, no interior da LT, são vistas na “[...] interação, mediada pelo outro, e na integração de nossas práticas de linguagem com nossas vivências socioculturais [...]” (p. 15-16).

De modo esclarecedor, Cavalcante (2011, p.9) nos conta a história de como essa abordagem teórica surgiu:

O que se entende hoje por referenciação começou quando, bem longe daqui, na Suíça, em 1994, Lorenza Mondada propôs tratar da descrição de processos discursivos que se verificam na introdução de um objeto, nos ajustes que ele sofre quando vai participando da configuração complexa de um texto e na passagem de um objeto a outro. Falava-se, assim, não de referentes como entidades da realidade externa do mundo, mas de objetos de discurso, aqueles que emergem da elaboração discursiva de um saber compartilhado. Tais objetos de discurso intervêm nas formas estruturantes de um texto e são, ao mesmo tempo, em alguma medida, por elas condicionadas. Como dizia Mondada, as categorias cognitivas e o modo como se organizam ancoram nas formas linguísticas, que nunca se desvinculam de sua ação social.

---

<sup>10</sup> Segundo Marcuschi (2007, p. 82), estaria ocorrendo a “falência do representacionismo”.

<sup>11</sup> Elucidamos que o termo “referenciação” serve para designar a perspectiva teórica, ao mesmo tempo em que serve para designar o próprio processo de construção de referentes, o qual, dentro dessa vertente, é considerado variável e dinâmico.

<sup>12</sup> Apoiada em Martins (2004), Costa (2007a, p. 17-51) reflete sobre o embate entre o “essencialismo” e o “antiessencialismo” nas abordagens linguísticas. Aquele influenciado pelo pensamento platônico-aristotélico e este pelo pensamento sofístico.

Como podemos apreender do trecho citado, a linguista Lorenza Mondada é quem arquiteta o nascedouro dos postulados da referenciação, os quais instituem os referentes como entidades de natureza discursiva. Com a estudiosa Dubois, Mondada defende uma mudança significativa no modo de se lidar com os fenômenos referenciais:

[...] no lugar de partir do pressuposto de uma segmentação *a priori* do discurso em nomes e do mundo em entidades objetivas, e, em seguida, de questionar a relação de correspondência entre uma e outra – parece-nos mais produtivo questionar os próprios processos de discretização. [...] no lugar de pressupor uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e linguísticas, assim como de seus processos de estabilização (MONDADA e DUBOIS, 2003, p.19).

Esse caminho alternativo, indicado pelas autoras, opõe-se a uma orientação representacionista, defensora de uma relação transparente entre língua e mundo; e coloca-se a favor de uma orientação mais relativista, proclamadora dos referentes como objetos de discurso, instáveis por natureza. Segundo as estudiosas, não é útil tentar conferir se determinado uso referencial retrata fielmente um objeto do mundo, em vez disso, seria mais sensato “[...] buscar como as atividades humanas cognitivas e linguísticas, estruturam e dão sentido ao mundo” (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 20).

A fim de tornar mais perceptível a mudança empreendida pela referenciação, frisamos que, em uma orientação contrária, ou seja, de tendência representacionista, o sujeito e seu entorno contextual (enunciativo, sócio-histórico, cultural) acabam se configurando como irrelevantes para a análise da referência, já que as coisas do mundo teriam uma essência imutável e, conseqüentemente, “A função da linguagem seria descrever e representar o real, informar sobre as entidades, mas não as coisas aparentes e instáveis, e sim a essência das coisas, num plano virtual das ideias” (CAVALCANTE, 2011, p. 24).

Conforme elucidamos na parte introdutória desta pesquisa, em negação à ideia de referência como uma descrição única, Mondada e Dubois (2003, p. 37) atestam que os objetos de discurso resultam de um trabalho colaborativo por parte dos sujeitos. Nesse ponto, elas dão ênfase à dimensão de intersubjetividade, afirmando que os referentes podem ser enriquecidos, (re)alimentados, transformados, tendo em vista os

(des)acordos efetuados entre os interactantes no desenrolar do evento comunicativo. A linguagem e o discurso seriam, nessa percepção, indiciais e adaptativos, não, moldes rigorosamente idênticos em relação ao mundo.

Como prova dessa ação colaborativa, as autoras apresentam conversações orais autênticas, em que podemos verificar, na materialidade verbal do texto (alterações no léxico, comentários metalinguísticos, complementações sintáticas), os interlocutores operando conjuntamente. Elas argumentam que um objeto de discurso, uma vez compartilhado, passa a ser do domínio de todos os participantes da interação. O jogo de colaboração seria percebido pelas complementações e refacções da realidade, que vai sendo, pouco a pouco, (re)ajustada pelos enunciadores no curso interativo. Observemos um dos diálogos discutidos pelas pesquisadoras (2003, p. 37-38)<sup>13</sup>:

(1)

1 E: é o centro da cidade/

2 G: sim é o centro da cidade então\

3 E: para vocês vocês têm a impressão de estar no centro da cidade /

4 G: ah sim é verdade então de fato hein \

5 E: mhm mhm

6 G: e depois eu acho que não tem um outro bairro / melhor que este então \

7 E: [mhm mhm

8 G: [para ir ao centro da cidade então \ sistema de comunicação/tudo isso é bem definido é bem localizado \

Na evolução dos turnos de voz, é possível perceber o “centro da cidade” ora identificado como o próprio local de morada de “G”, ora como apenas próximo. Essa variação um tanto sutil seria uma amostra do quanto nossas construções referenciais estão subordinadas à intersubjetividade e ao contexto, mesmo em situações em que os interactantes desejam dar respostas com máxima objetividade a perguntas que geralmente não incitam polêmica.

Embora tenhamos estima pelo trabalho das autoras, no tocante à ação dos sujeitos na elaboração de versões referenciais acerca do mundo, sentimo-nos motivados a explorar ainda mais essa questão. O pensamento filosófico bakhtiniano de que a forma estrutural da enunciação seria decorrente de influências tanto da “situação imediata”,

<sup>13</sup> Transcrevemos apenas a versão traduzida do francês para o português. No artigo consultado, traduzido por Mônica Magalhães Cavalcante e revisado por Francisco Roterdan F. Damasceno e por Alena Ciulla, pode-se ler as duas versões.

quanto do “meio social mais amplo” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 117) nos servem nesse propósito. Essa dupla afetação, a nosso ver, pode ser aplicada ao entendimento das negociações intersubjetivas que interferem na construção dos objetos de discurso. Nessa lógica, estas teriam duas faces inseparáveis: uma voltada para circunstâncias mais pontuais (enunciação imediata), outra voltada para fatores mais profundos (crenças, sociedade e cultura). Esta última, especialmente, pode não se expor de modo tão visível na superfície do texto, entendida como apenas a “[...] ponta de um grande iceberg, submerso no ‘mar’ das interações sociais” (COSTA, 2007a, p. 10).

A nosso ver, as reflexões em torno do aspecto intersubjetivo dos referentes ainda ficam muito limitadas à identificação de um objeto de discurso em sua menção primeira, na materialidade verbal do texto, e à verificação de como ele vai sendo retomado no desenrolar de um diálogo, realizado na modalidade oral. Isso, segundo nosso entendimento, acaba por explorar pouco a porção mais densa, vinculada ao universo sociocognitivo intrínseco às negociações e pode causar a impressão de que a intersubjetividade só atua quando existem duas ou mais pessoas conversando frente a frente e intervindo, de maneira concreta, naquilo que está sendo dito. Essa observação também foi feita por Custódio Filho (2011, p. 119):

Um detalhe que não deve escapar das reflexões é o fato de que a construção colaborativa é constitutiva de qualquer situação comunicativa. Normalmente, a comprovação empírica do postulado é feita apenas em situações de comunicação síncrona, aquelas em que os interlocutores planejam e executam o texto durante a interação, fazendo intervenções durante seus turnos de voz.

Corroborando essa constatação do autor, cremos que, ao reconhecer os referentes como entes discursivos e sociocognitivos, a proposta teórica da referenciação já nos leva inevitavelmente à condição intersubjetiva. O fenômeno da negociação, nesse fio argumentativo, torna-se irrefutável. Mesmo que estejamos a sós, qualquer ato de linguagem nosso nos leva a operar ajustes, que levam em conta outras pessoas, histórias e discursos. Costa (2007a, p. 10) percebe bem a profundidade do aspecto intersubjetivo das práticas comunicativas quando considera que o princípio do dialogismo bakhtiniano imprime mudanças substanciais para os estudos linguísticos. Na visão da autora, “Admitir que o discurso é dialógico é também entender que, seja na enunciação oral, seja na escrita, aquele que compreende também produz discurso, isto é, está sempre em co-autoria com quem fala ou escreve”.



Com vistas a perceber negociações que interferem no caráter intercognitivo dos objetos de discurso, admitindo que elas envolvem tanto um aspecto mais contingente, como outro mais amplo, analisamos o uso que um membro da Comunidade virtual PROFESSORES DO CEARÁ (CPC) fez do recurso “assinatura”. Conforme mostraremos no decorrer deste relato (ver seções 2.1 a 2.4), algumas peculiaridades desse ambiente nos fizeram concluir que ele oferecia uma boa oportunidade para tratarmos da intersubjetividade, uma questão que, no nosso modo de ver, é intrínseca às interlocuções. A despeito de terem sido estabelecidas em uma situação assíncrona, de serem um recurso de uso pessoal (de “domínio” do seu produtor), de veicularem construções referenciais que não exigem uma resposta explícita, pudemos perceber o quanto as assinaturas adotadas por esse sujeito “transpiravam” intersubjetividade. Como um acréscimo para as nossas reflexões e em direção ao nosso intento, discutimos também, de forma menos central, a construção de *nicks* e *emoticons*. Essas análises que empreendemos se encontram no terceiro capítulo.

Como adiantado, cremos que a natureza complexa dos referentes respalda a ideia de que as negociações estabelecidas no processo interativo são bem mais amplas que a simples consideração de um ou mais interlocutores imediatos efetuando interrupções e acréscimos em uma conversa oral espontânea. Tanto é assim que, além do caráter discursivo e sociocognitivo mencionados, também pensamos que o ideológico se coloca em favor do intersubjetivo (e dos outros dois). Por isso, consideramos válido discorrer sobre motivos que fazem da referenciação uma atividade ao mesmo tempo discursiva, sociocognitiva e ideológica e, assim, tentar estabelecer possíveis relações disso com a dimensão da intersubjetividade. Salientamos, contudo, que isso será feito de forma breve, destacando pontos considerados importantes para a pesquisa. Também esclarecemos que a natureza dos referentes envolve outros fatores, no entanto, julgamos que os três destacados já são suficientes para fazer ver a abrangência com que estamos concebendo a intersubjetividade.

### *1.1.1 Uma atividade discursiva*

Como temos ressaltado, os teóricos da referenciação defendem que, nas interações, produzimos objetos de discurso e não propriamente identificamos objetos do mundo. Consoante adverte Cardoso (2003, p. 118-119), essa ideia não rechaça a ligação entre discurso e realidade, mas reforça o entendimento de que nós, seres humanos,

comunicamos “[...] a situação ‘real’ de maneiras transformadoras”. Com apoio em Eagleton (1997), a autora explica que haveria, no mundo externo, uma razão para as atividades de referir: uma “situação socioeconômica total”, dentro da qual, reagiriam interesses conflitantes responsáveis por gerar discursos distintos.

Koch (2004, p. 61) também descreve a referenciação como uma atividade de ordem discursiva. Segundo a opinião da autora, “Os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade, mas (re)constroem-na no próprio processo de interação”, visto que o sujeito faz elaborações que atendam àquilo que ele deseja dizer: a sua “proposta de sentido”. De modo similar, Costa (2007b, p. 40) esclarece que “Predomina, atualmente, uma visão processual da linguagem, de acordo com a qual se concebe o referente, não como um objeto da realidade objetiva, mas como um objeto construído no fluxo das práticas discursivas”.

Encontramos um bom exemplo dessa fabricação discursiva do mundo no trabalho de Oliveira (2012, p. 52-61). Nele a autora expõe o processo que determinado *designer* vive no intento de produzir uma etiqueta de roupa juvenil. Disponibilizamos a obra para visualização:

FIGURA 1: “Etiqueta para grife juvenil”<sup>14</sup>.



Com base em informações fornecidas por um *briefing*, em seu conhecimento de mundo e em pesquisas que o ajudassem a conhecer com agudeza o seu

<sup>14</sup> Extraída de Oliveira (2012, p. 52).

público-alvo, o *designer* elabora a etiqueta em forma de cartão de crédito, com a imagem da famosa cantora pop Avril Lavigne. Conforme expõe Oliveira, durante a criação da peça exibida, o referente “menina adolescente” vai sendo enriquecido, de modo a favorecer a venda do produto. Haveria, portanto, um olhar para o real e um olhar para as motivações da criação, as quais levam em conta o que se diz comumente sobre as adolescentes.

Na conversa que Oliveira estabelece com o *designer*, podemos perceber que, na base do processo de produção da peça, está o objeto de discurso “menina adolescente” com traços de alguém que deseja liberdade, que segue ídolos e que é “um pouco consumista e visualmente influenciável” (p.53), nas palavras do entrevistado. Nesse exercício criativo, surge um referente, que se (re)constrói atendendo a demandas específicas de mercado.

Embora o propósito da pesquisa de Oliveira não tenha sido salientar a dimensão intersubjetiva, o processo sociocognitivo e discursivo - analisado pela autora com base em relatos de criadores e consumidores (em potencial) de peças de *design* – nos abriu os olhos especialmente para o lado mais profundo que pensamos existir nas negociações de “versões públicas do mundo” (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 17). Para nós, as reflexões da autora - que vão além do exame da estrutura material das peças - acabam por deixar mais palpável o raciocínio bakhtiniano de que existe um “discurso interior”<sup>15</sup> ilimitado que ganha corpo concreto e definido, sob interferências da situação comunicativa e do público com quem se interage. A voz das pessoas envolvidas na prática investigada por Oliveira explicitou, em certa medida, o enlace discursivo maior que as enredava.

Nessa ótica bakhtiniana, segundo a qual o “discurso interior” de cada indivíduo abriga necessariamente um “*auditório social*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 117, grifo dos autores), vemos uma oportunidade para se expandir o alcance das negociações de sentido que afetam o modo como são configurados os objetos de discurso. Estas não só seriam efetuadas sob influência de interlocutores imediatos (presentes ou ausentes na situação comunicativa), mas também, de forma ampla, sob influência de discursos sociais que vão constituindo dia a dia a identidade do sujeito.

---

<sup>15</sup> Segundo Bakhtin/Volochínov (2010, p. 129, grifo dos autores), “A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por *seu auditório*”.

De acordo com Bakhtin/ Volochínov (2010, p. 128, grifo dos autores), existiria uma “conversa” perene entre os discursos: “Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente ininterrupta [...]”.

Vistas por esse ângulo, as versões referenciais construídas no processo interativo tanto são calibradas sob influência do público a que se destinam, quanto, em nível mais profundo, sob interferência de percepções mais antigas, que se fortalecem ou se modificam nas circunstâncias da “nova” comunicação.

### 1.1.2 *Uma atividade sociocognitiva*

Em sua tese de doutoramento, Custódio Filho (2011, p. 122) assinala que a referenciação carece de um respaldo sociocognitivista. Isso se justificaria, grosso modo, pelas evidências de que o fenômeno referencial une aspectos cognitivos e sociais, os quais seriam “interinfluenciáveis” (p. 26). O pesquisador traz uma pertinente contribuição ao abordar os postulados sociocognitivistas e, sobretudo, ao oferecer razões contundentes para a necessária apropriação destes, como suporte fundamental, pelos estudiosos da referenciação, na LT.

A discussão especializada feita pelo estudioso (2011, p. 20-57) deixa à vista o modo como o Sociocognitivismo se coloca em oposição ao Cognitivismo Clássico. É útil uma síntese que o autor oferece para destacar pontos principais que causam embate entre essas duas vertentes. Conforme ele elenca, ao contrário do pensamento clássico, o sociocognitivista defende que “mente e corpo não estão separados”, “o funcionamento da mente não ocorre isolado do meio” e “a realidade a ser conhecida não é objetiva ou homogênea” (p. 24). Tais recusas, dentro da proposta sociocognitivista, seriam convertidas nos seguintes postulados: “mente e corpo atuam num *continuum* [...]”, “as atividades cognitivas ocorrem em forte interação com o meio [...]” e “a realidade é constitutivamente instável [...]”<sup>16</sup> (p. 24). Como podemos perceber, essas premissas da sociocognição sustentam a ideia de que a linguagem está intimamente ligada a experiências e vivências socioculturais dos sujeitos.

---

<sup>16</sup> Cada uma dessas teses sociocognitivistas apresentadas por Custódio Filho (2011) estão ancoradas em textos de outros autores especializados, a saber: Koch & Cunha-Lima (2005), Maturana & García (1998) e Blikstein (2003), respectivamente.

Margarida Salomão (1999, p.71, grifo da autora), uma voz forte na discussão e no afinamento dos postulados sociocognitivistas no Brasil, assinala que “[...] **fazer sentido (ou interpretar) é necessariamente uma operação social** na medida em que o sujeito nunca constrói o sentido-em-si, mas sempre para alguém (ainda que este alguém seja si mesmo)”. O raciocínio desenvolvido pela autora parece se conciliar com o pensamento filosófico de Bakhtin/ Volochínov (2010, p. 117), para quem: “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor”. Para os autores, sempre haveria, na interação, um interlocutor, mesmo que em “potencial”.

Afastando-se da ideia de que os elementos textuais armazenam um sentido exato, Salomão (1999, p. 71) advoga que as diversas semioses (a verbal seria apenas uma delas) serviriam como “instruções” para o processo interpretativo. Em nossa opinião, um dos grandes acréscimos disso é o reconhecimento de que o “mundo”, os conhecimentos adquiridos na vida, os consensos sociais, os esquemas conceituais, etc., também atuam como instruções (ora centrais, ora periféricas) no processo de construção de representações e sentidos. Seguindo essa linha de entendimento, a autora nos desperta para o fato de que o “contexto” não é algo estático, nem totalmente separado da linguagem. Dependendo daquilo que é tomado como o “centro da atenção comunicativa” (p. 69), pode haver modificações na percepção e na elaboração desse contexto, que, nessa ótica, é tido como mutável.

Esse foco que o sujeito pode dedicar à determinada semiose (em detrimento de outra, ou em combinação com outra(s)) para construir representações leva Salomão (1999) a considerar, apoiada em Goffman, que a interpretação é um fenômeno semelhante a um espetáculo teatral (p. 71). Para ela, “[...] a experiência social não prescinde da semantização primária, que corresponde ao investimento do sujeito em específico papel comunicativo, configurado frente à sua **audiência**, num trabalho de **mútua determinação**, através do qual se constrói **a face**” (SALOMÃO, 1999, p.72, grifos da autora). Dito de outra forma, isso significa que, nos eventos interativos, as pessoas, de modo equivalente a atores de peças de teatro, simultaneamente, enquadrar-se-iam em cenas, construiriam, a partir do lugar que ocupam no palco, uma identidade para si e para os outros com quem elas interagem.

Os pensamentos da estudiosa de que, nas interações, as formas verbais são escassas<sup>17</sup>, o contexto é dinâmico e os sujeitos são integrantes de um “drama”, a nosso ver, fortalecem a ideia de que o texto é um “[...] evento em que convergem ações de natureza lingüística, social e discursiva” (BEAUGRANDE, 1997 *apud* MARCUSCHI, 2006, p. 8).

Sob esse prisma sociocognitivista, é possível entender melhor o porquê de as pessoas acionarem e (re)categorizarem objetos de discurso, sem que eles estejam sublinhados por alguma menção referencial na superfície do texto. A consideração do fator social, do cognitivo e do pragmático, na ocasião germinativa e interpretativa dos textos, evidencia que memórias e vivências socioculturais agem significativamente nesses processos. Assim, determinadas entidades referenciais podem dispensar o uso de uma forma textual explícita, já que estão apoiadas em conhecimentos compartilhados, em “**modelos cognitivos idealizados**” (SALOMÃO, 1999, p.70, grifo da autora).

Podemos dizer que as premissas sociocognitivistas auxiliam bastante na chamada segunda tendência da referenciação, a qual, embora destaque a importância das expressões referenciais dispostas em um texto, admite que nem sempre é necessária a menção de uma forma referencial para que se fabrique e se modifique coerentemente um objeto de discurso. Cavalcante (2011, p.120) faz uso de um exemplo esclarecedor quando trata da introdução de referentes sem expressões referenciais:

(2)

- Antes de começarmos, por favor, me diga uma coisa, o que o senhor fazia no emprego anterior?

- Eu era funcionário público!

- OK! O senhor pode contar até dez?

- É claro! Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e às. (piada – 50 piadas, de Donald Buchweitz).

A partir dessa piada, a autora demonstra que o referente “entrevista de emprego”, muito embora não esteja explícito no diálogo, é essencial para que seja estabelecida a coerência do texto. Nesse exemplo, podemos ver “[...] que aquilo que

---

<sup>17</sup> O princípio da escassez do significante se refere ao que explicamos anteriormente sobre as formas lingüísticas não portarem um sentido.

parece excepcional (a contribuição da informação extralingüística) instala-se no próprio coração do processo de interpretação da linguagem” (SALOMÃO, 1999, p. 66).

Ainda tendo em vista o acionamento de referentes sem menção declarada, consideramos útil comentar um episódio vivido por nós em ambiente de sala de aula<sup>18</sup>, na ocasião em que discutíamos coletivamente o exemplo extraído de Cavalcante. No esforço de encontrar sentido para a piada, alguém cogitou a possibilidade de o diálogo ter ocorrido em um hospital; teríamos, assim, um médico e um paciente. Justificando seu pensamento, essa pessoa explicou que quem geralmente pede para “contar até dez” é um médico, na tentativa de testar as condições mentais de um paciente que passou por alguma situação de desequilíbrio. O mais interessante é que o defensor dessa hipótese tinha acabado de vir de um ambiente hospitalar. Ao expor essa argumentação, não intentamos defendê-la como a mais adequada, nem negligenciar as “pistas” fornecidas pela materialidade do texto, gostaríamos apenas de destacar o quanto as experiências dos sujeitos participam intensamente desse processo de significar.

Frente aos precedentes, podemos dizer que admitir que estamos imersos sociocognitivamente no mundo, é admitir também a ideia de que essa imersão é intersubjetiva. O que temos dito parece se encaminhar para o argumento de Donald Davidson, extraído de Marcuschi (2007, p. 129, grifo do autor), “*a intersubjetividade é o fundamento da objetividade*”, o que leva a crer que “*ter uma vida mental organizada é ter uma vida social e intersubjetivamente fundada*” (MARCUSCHI, 2007, p. 137, grifos do autor).

### 1.1.3 Uma atividade ideológica

O enfoque que temos dado à natureza dos referentes, a nosso ver, pode encontrar um forte apoio nos pensamentos do Círculo bakhtiniano. Cremos que, de certa forma, todos os aspectos, seja discursivo, sociocognitivo, ideológico e intersubjetivo, os quais se inter-relacionam nos fenômenos referenciais, beneficiam-se da abrangente percepção que esse grupo de teóricos desenvolveu sobre o termo “diálogo”. Segundo Bakhtin/Volochínov (2010, p. 127): “[...] pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num

---

<sup>18</sup> Minicurso “Referenciação e Ensino” realizado na XVII Semana Universitária da UECE em 2012 e ministrado pela Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa, pela mestrandia Jariza Augusto Rodrigues dos Santos e por nós.

sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”.

Nessa lógica em que o processo interativo é constitutivamente dialógico,

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um *respondente*, pois não é o primeiro locutor que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (funda-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados. (BAKHTIN, 2000, p. 291)

Esse pensamento exposto é útil para respaldar a nossa ideia de que o perfilamento conjunto do referente nas circunstâncias da prática interativa ratifica, transforma, em um nível profundo, categorias referenciais já conhecidas e tidas como compartilhadas pelos interlocutores. Dessa forma, a negociação transcende os interlocutores mais diretamente envolvidos no processo interativo.

Cardoso (2003, p. 106-111) destaca que a concepção de signo proposta na obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”<sup>19</sup> contribui para um entendimento equilibrado da relação língua e exterioridade. Tal signo “[...] não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 32). Esse fenômeno da refração levaria em conta que a linguagem não se dissocia das relações sociais e, portanto, dos valores socioideológicos que vão sendo disseminados e construídos pela humanidade. Nessa perspectiva, “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fio ideológicos [...]” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 42).

Faraco (2009, p.46-47) explica que, nos trabalhos do Círculo, o termo “ideológico” assume basicamente dois sentidos: todo enunciado estaria vinculado a alguma “área da atividade intelectual humana”: à arte, à ciência, à religião, à ética, à política, etc; e todo enunciado construiria uma “posição avaliativa” com respeito ao

---

<sup>19</sup> Cardoso (2003) se baseia na publicação de 1988, assinada por Volochínov. Na nossa pesquisa, utilizamos a obra publicada em 2010, a qual registra autoria de Bakhtin/Volochínov, portanto, nas citações que fazemos, colocamos os dois nomes.



mundo. Este caráter axiológico conferido aos enunciados e aos signos em geral consolida a ideia de que

“[...] nós, os seres humanos, não temos relações diretas, não mediadas com a realidade. Todas as nossas relações com nossas condições de existência – com nosso ambiente natural e contextos sociais – só ocorrem semioticamente mediadas. Vivemos, de fato, num mundo de linguagens, signos e significações” (FARACO, 2009, p. 49)

Para nós, esse pensamento em destaque pode ser relacionado com a proposta teórica da referenciação, que postula “A irrelevância da vericondicionalidade para a determinação referencial”<sup>20</sup> (MARCUSCHI, 2007, p.104). Como temos exposto, essa perspectiva que assimilamos prevê uma “multiplicidade de pontos de vista” atuando na descrição do mundo e na construção de “versões públicas” para o que se sente, o que se vê e o que se vive (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 24).

Com a finalidade de tornar mais palpável o que temos dito, discutimos, a seguir, um exemplo extraído de uma situação autêntica. Aproveitamos para fazer uma breve contextualização do cenário inspirador das trocas eletrônicas, as quais nos serviram de dados para análise<sup>21</sup>.

É sabido que, na segunda metade de 2011, a classe de professores estaduais do Ceará protagonizou uma greve de repercussão nacional. O movimento se estendeu por mais de sessenta dias. Nesse período, os docentes buscaram alcançar visibilidade, na tentativa de ter suas reivindicações esclarecidas à sociedade e atendidas pelo governo estadual<sup>22</sup>. Inclusive, diante da popularidade das redes sociais, espalharam-se, em ambientes da mídia eletrônica, discussões sobre o assunto.

Como parte desse grupo docente e do movimento grevista, vimos emergir, em contextos presenciais e virtuais, expressões muito curiosas, tais como “Cidcato”, cujo uso se tornou comum, principalmente na fala de educadores atuantes na

---

<sup>20</sup> Como explica Marcuschi (2007, p. 105), a referenciação é uma “[...] atividade interativa e não uma relação de correspondência convencional e fixa”.

<sup>21</sup> Os dados serão melhor caracterizados nos próximos capítulos.

<sup>22</sup> Chefiado pelo atual governador Cid Ferreira Gomes.

mobilização da greve<sup>23</sup>. Verifiquemos, na imagem abaixo, o uso dessa expressão referencial em uma prática concreta.

**FIGURA 2: Assembleia Geral dos Professores Estaduais Cearenses, ocorrida no dia 11 de novembro de 2011<sup>24</sup>.**



Entendemos que esse exemplo deixa à mostra a indissociável relação da linguagem, enquanto construtora de objetos de discurso, com aspectos que ultrapassam a materialidade do texto e a realidade natural do mundo. Tal uso linguístico, “Cidcato”, dá razão à ideia de que “O mundo se explicita categorialmente na recorrência das relações intersubjetivas e não se acha discretizado de uma vez por todas [...]” (MARCUSCHI, 2007, p. 41). Podemos perceber a atuação de sujeitos que dão sentido às suas experiências no mundo e que, portanto, fazem julgamentos sobre as coisas.

É possível concluir que o termo referencial “CIDCATO”, explícito na faixa, funde duas entidades sociocognitivas: uma que diz respeito ao atual governador do Ceará, Cid Ferreira Gomes; outra, ao atual sindicato dos professores estaduais cearenses, APEOC. É instaurada, então, uma realidade.

Com o conhecimento prévio de que tanto a atuação do governador Cid Ferreira Gomes, quanto a da APEOC não correspondem às expectativas dos docentes sobre a valorização da carreira do magistério, podemos inferir a crítica severa que o termo em foco engendra. Essa expressão “CIDCATO” coloca em relevo o ponto de vista de um grupo social que se vê vítima de quem deveria representá-lo. Percebemos,

<sup>23</sup> Podemos verificar o uso dessa forma referencial em ambientes virtuais, tais como blog, fórum de discussão, twitter, facebook, comentários de notícias de jornal online, abertos ao público.

<sup>24</sup> Fonte: <http://www.lbiqi.org/jornal-luta-operaria/no-226-1a-quinzena-de-novembro-2011/trs-derrota-2011cidcato201d-na-assembleia-geral-que-deflagrou-a-retomada-da-greve-geral-da-categoria>.

portanto, que houve uma recategorização<sup>25</sup> da realidade, como resultado da ação de sujeitos sociais.

A pergunta “SINDICATO OU CIDCATO?” parece colocar lado a lado dois sentidos opostos: o que faz parte do senso comum, isto é, a ideia de que todo sindicato representa os interesses de uma coletividade; e o novo, surgido no contexto da greve, de que a APEOC não representa os interesses da categoria e, sim, os do governador. A maneira como o enunciado se apresenta, em forma de pergunta retórica e dando destaque (em vermelho) ao primeiro nome do governador, “CID”, parece aumentar o tom de crítica do enunciado. O questionamento retórico parece funcionar mais como uma resposta ou uma denúncia, declarando indiretamente que quem está sendo beneficiado com as atitudes do sindicato é o governador do Estado.

Não é difícil chegar à conclusão, por meio desse exemplo, de que “O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto” (MONDADE e DUBOIS, 2003, p. 34), e de que “A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 126).

Tudo o que mencionamos aponta para o fato de que uma escolha linguística não é apenas uma operação de seleção de forma, pois “As significações são produzidas, nas línguas naturais, mediante processos inferenciais que unem mais conhecimentos do que aqueles diretamente implicados pela soma dos elementos linguísticos [...]” (MARCUSCHI, 2007, p. 41). Um olhar apenas para a materialidade não daria conta da interpretação do discurso dessa faixa. Daí a importância de entendermos a referenciação como um processo intersubjetivo, o qual é decorrente de negociações tanto imediatas (voltadas para a enunciação), como abrangentes (voltadas para a sociedade, a cultura, as crenças).

---

<sup>25</sup> De forma simplificada, a recategorização seria “um processo mental por meio do qual os objetos-de-discurso vão sendo reavaliados pelo falante” (JAGUARIBE, 2007, p. 232 *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 26).

## 1.2 Referência e sujeito: conceitos relacionados

A ideia que assimilamos de que língua e mundo não se relacionam de forma especular nos exigiu uma visão compatível de sujeito. Como dito na parte introdutória desta pesquisa, a compreensão de que existe um trabalho sociocognitivo nas interações, aliada à ideia bakhtiniana de que as enunciações são balizadas por pressões de ordem imediata e ampla, permitiu-nos reconhecer que os objetos de discursos já despontam intersubjetivos, uma vez que seus produtores têm uma constituição social.

A pertinência desse vínculo entre os conceitos de referência e de sujeito fica evidente quando atentamos, mesmo que brevemente, para diferentes tratamentos dados à linguagem nos estudos especializados. Em Cardoso (2003, p. 3), tomamos conhecimento de que na fase inicial da Linguística, construída a partir das ideias estruturalistas de Ferdinand Saussure<sup>26</sup>, “os sentidos existem de maneira imanente ao sistema”. Essa compreensão aponta para a tentativa do pesquisador suíço de separar a língua, enquanto objeto de investigação científica, de suas relações com o mundo e com os interactantes<sup>27</sup>. Conforme é afirmado na obra mais conhecida atribuída ao autor, o “Curso de Linguística Geral”, a língua, como um sistema organizado e autossuficiente, existiria

[...] sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos [...]. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independente da vontade dos depositários. (SAUSSURE, 2006, p.27)

Pelo trecho acima mencionado, podemos confirmar que não parece ter sido interesse de Saussure ocupar-se das interferências das relações sociais humanas na linguagem, uma vez que a língua, segundo sua percepção, era um “sistema social desencarnado” (SALOMÃO, 1999, p. 64). Outro testemunho disso é que, para o estruturalismo saussuriano, “*a vida dos signos no seio da vida social*” (SAUSSURE, 2006, p. 24, grifo do autor) seria responsabilidade de uma outra ciência, a Semiologia.

<sup>26</sup> Primeira metade do século XX.

<sup>27</sup> Na compreensão de Cardoso (2003, p.15), seria extremista dizer que Saussure desconsiderou por completo a relação da língua com a realidade, haja vista que a característica de arbitrariedade do signo acaba por trazer para discussão esse relacionamento. Também é pertinente o trabalho de Teixeira e Martins (2008), o qual mostra um movimento de “reação e adesão à perspectiva representacionista” por parte do Curso de Linguística Geral.

Dessa forma, dizemos com Costa (2010, p. 293), que “O nascimento da Linguística foi marcado pela exclusão do sujeito”.

Ainda que possuindo toda uma formação estruturalista, Émile Benveniste deu um salto significativo no tratamento da relação sujeito e linguagem. Brait (2006) afirma que o estudioso pôs “[...] no centro das preocupações linguísticas, a questão do sujeito, a partir de uma abordagem enunciativa da linguagem”. Prova disso é que, para ele, os fenômenos de linguagem seriam consequência de uma interação: “todo homem se coloca em sua individualidade enquanto *eu* por oposição a *tu* e *ele*” (BENVENISTE, 1989, p. 68, grifo do autor).

Atribuindo valor aos pensamentos de Benveniste, Guimaraes (1995), parafraseado por Costa (2010, p. 295), acredita que houve um “[...] esforço de construir paradigmas próprios para a constituição da intersubjetividade na linguagem”. Podemos perceber, com Cardoso (2003, p. 69), que os avanços trazidos pelo trabalho de Benveniste decorrem de sua preocupação não apenas com a forma, mas também com o funcionamento da língua: o “discurso”, a “enunciação” e, por conseguinte, a questão da referência. Assim, o estudo linguístico passaria a levar em conta “um locutor, um interlocutor e a situação desse locutor no mundo” (CARDOSO, 2003, p.71).

Em contrapartida, os progressos apresentados pelas reflexões de Benveniste não cobrem falhas consideráveis no raciocínio empreendido pelo autor. Segundo Cardoso (2003, p. 81), o autor concebeu a semântica dentro de “[...] valores subjetivistas e individuais” e fez que a enunciação ficasse “[...] presa à subjetividade e à pragmática do aqui e agora do ato discursivo”.

Não negligenciando o papel do sujeito, nem concebendo-o como detentor do sentido, a ideia de signo refratado defendida pelo Círculo bakhtiniano, como visto na subseção 1.1.3, faz ver a complexidade inerente aos fenômenos de significação. A propósito dessa visão de signo assumida pelo Círculo, temos que

[...] os processos semióticos – quaisquer que eles sejam – ao mesmo tempo em que refletem, sempre refratam o mundo. Em outras palavras, a semiose não é um processo de mera reprodução de um mundo “objetivo”, mas de remissão a um mundo múltipla e heterogeneamente interpretado (isto é, aos diferentes modos pelos quais o mundo entra no horizonte apreciativo dos grupos humanos em cada momento de sua experiência histórica). (FARACO, 2005, p.39)

É importante destacar que, nos pensamentos do Círculo, as construções linguísticas acerca do mundo não seriam decorrentes apenas de um trabalho mental individualizado, dado que todos nós, enquanto seres humanos, possuiríamos uma consciência de natureza social e histórica. A noção de sujeito é, nessa lógica, dialética: recusa “[...] tanto um sujeito infenso à sua inserção social, sobreposto ao social, como um sujeito submetido ao ambiente sócio-histórico, tanto um sujeito fonte do sentido como um sujeito assujeitado” (SOBRAL, 2005, p.22).

Tal percepção de que o sujeito, embora sendo único, é também social<sup>28</sup> nos leva a reforçar o que diz Barros (1996, p. 28), quando trata da constituição interativa da linguagem na proposta bakhtiniana: “a intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os locutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto”.

Creemos que a ideia de sujeito sociocognitivo, defendida por estudiosos da referenciação e assumida por nós nesta pesquisa, pode ser relacionada com essa visão bakhtiniana abrangente da natureza da linguagem, dos sentidos e dos sujeitos. Partidária das premissas sociocognitivistas, Salomão (1999, p. 72) assinala que não há como separar “interpretação-do-mundo, representação-de-si e escolha da linguagem”. De forma clara, ela chega a declarar que “sem um sujeito que inferencie e supra [...] informações implícitas, a enunciação seria simplesmente estranha e, na verdade, incompreensível” (1999, p. 68). A relevância disso, em nosso entendimento, fica bem evidente quando a estudiosa afirma que a interpretação é social na mesma proporção que a linguagem.

Retomando algumas das explicações que registramos no subtópico 1.1.2, vemos que a pesquisadora (1999, p. 71-72), com base nos estudos de Goffman, define o trabalho interpretativo como uma espécie de encenação dramática. Algumas justificativas disso seriam: os sentidos não serem fechados em si mesmos, mas serem construídos com vistas a algum interlocutor, mesmo que este seja o próprio enunciador; os sujeitos desenvolverem perspectivas (suscetíveis de variação) acerca da cena comunicativa; os sujeitos (mutuamente afetados) incorporarem *frames* e papéis

---

<sup>28</sup> Como explica Barros (1996, p. 28), existiriam, na compreensão bakhtiniana, dois tipos de “sociabilidade”: tanto a ocorrida entre sujeitos, como também, em um sentido mais amplo, a ocorrida entre sujeito e sociedade.

específicos no fluxo interacional. Nesse raciocínio, o sujeito tanto se comunica a partir de uma identidade social, como pode se transmutar dentro da dinâmica circunstancial da relação interativa.

Como se pode notar, esse modo de ver da sociocognição reconhece que a língua “não é um *retrato* e sim um *trato* do mundo, isto é, uma forma de agir sobre ele” (MARCUSCHI, 2007, p. 108, grifos do autor), o que implica uma atuação elaborativa humana em um processo interativo. Pensamos que essa perspectiva de sujeito como (re)construtor de si mesmo, do outro e do real deixe inteligível a espessura da dimensão intersubjetiva que funda os atos referenciais.

### **1.3 O ciberespaço: aspectos intersubjetivos**

Este tópico versa sobre possíveis afetações do meio eletrônico na intersubjetividade. Serviram-nos de base especialmente quatro trabalhos conhecidos, a saber: o de Violi (2009), o de Costa (2007a), o de Mondada (1999) e o de Pierre Lévy (1999).

Violi (2009, p. 46) concebe a escrita como uma “tecnologia em si mesma”. Convém esclarecer que, para a autora, o termo tecnologia, nesse caso, não significa um mero aparelho de manipulação mecânica, mas algo que possibilita aos sujeitos experiências particulares. Estas, por sua vez, relacionam-se à subjetividade e à intersubjetividade. Avançando nessa linha argumentativa, a estudiosa defende que a escrita em meio eletrônico seria “uma dupla tecnologia”, visto que une ação de redigir e peculiaridades da cibercomunicação.

Segundo a pesquisadora, a escrita altera nossas “dimensões básicas de experiência” (p.46) e esse fenômeno pode ser percebido na forma como estruturamos nossos textos. Refletindo sobre o gênero carta, a pesquisadora faz ver como a distância espaço-temporal entre remetente e destinatário interfere nas estratégias de produção textual. O remetente tanto se identifica e indica a data e o local de onde fala, quanto inscreve o seu interlocutor no texto, por meio de vocativo, pronomes e marcações espaço-temporais.

Em se tratando de um diálogo eletrônico, Violi (2009, p. 52) tece considerações pertinentes sobre o e-mail, afiliado do gênero maior “troca epistolar”. A

redução da distância temporal no caso do correio eletrônico, conforme argumenta a autora, parece causar a impressão nos interlocutores de que eles estão conversando simultaneamente. Isso justificaria o fato de os e-mails apresentarem, como característica regular, uma “alta frequência de referências anafóricas entre as mensagens de diferentes participantes”. Assim, o e-mail, para ser compreendido por alguém, tenderia a exigir o conhecimento das mensagens precedentes, ou seja, não seria possível separar as vozes dos participantes do diálogo, sem que houvesse um prejuízo na construção do sentido. Inclusive, essa necessidade se constata quando o usuário opta por enxertar em seu discurso citações de respostas (completas ou apenas partes) de interlocutores, o que simularia uma interação oral.

Como podemos apreender do trabalho de Violi (2009, p.54), o e-mail se configura como um gênero híbrido, “intermediário entre as formas oral e escrita de comunicação”. Mais provas da proximidade do e-mail com trocas orais seriam: a expectativa dos usuários de receberem uma resposta imediata; algumas características de estilo, tais como: o uso de abreviaturas, elipses, proposições pouco extensas e signos que “imitam expressões faciais”, como é o caso dos *smilies*; a suposição de um *background* implícito, entre outras.

Já destacando diferenças com respeito à troca oral espontânea, vemos, no trabalho da pesquisadora, que a interlocução por e-mail permite a “tomada” da palavra “sempre que quisermos” (p. 56). Isso, por um lado, conferiria uma certa liberdade aos usuários para responderem à vontade, sem serem interrompidos e sem precisarem estabelecer um encontro pessoal; por outro lado, poderia causar uma gama de desentendimentos, especialmente em interações que envolvem vários interlocutores. Outra característica distintiva apontada pela estudiosa, com relação à oralidade, é o e-mail funcionar como uma “supermemória humana” (p. 58). A consequência disso seria “um processo interminável de releitura e reinterpretação” (p. 58), o que também poderia ser um desencadeador de mal-entendidos.

Voltando-se para o modo como os usuários representam a si mesmos, Violi destaca que os *smilies*, já mencionados anteriormente, seriam uma forma de “introduzir no mundo altamente abstrato e imaterial do meio eletrônico uma semiótica não verbal”. No entanto, diferindo-se de sinais corporais que atuam concomitantemente à fala em conversações canônicas, esses *smilies* obedecem à linearidade da escrita e, por isso,



exerceriam uma “função meta-comunicativa” (p.59) não plenamente igual à que é desempenhada por pistas da fenomenologia corporal.

Como se pode ver, essas considerações feitas pela estudiosa advogam a ideia de que a tecnologia “[...] sempre afeta e transforma nossa experiência com o mundo, com as outras pessoas e com nós mesmos”. Para o nosso propósito de pesquisa, esse pensamento é fundamental.

Um outro trabalho digno de nota, com respeito às implicaturas do meio eletrônico no modo como os sujeitos percebem e representam o mundo e se relacionam uns com os outros, é o de Costa (2007a). Estudando fenômenos referenciais oriundos de trocas produzidas na lista de discussão da Comunidade Virtual da Linguagem (CVL), a autora chegou a conclusões importantes. Vejamos algumas delas.

Assim como Violi (2009) diagnosticou no gênero e-mail, Costa (2007a, p.143) constatou uma sensação de contemporaneidade entre os usuários da CVL. Unindo essa aparência de sincronia ao fato de o grupo visualizar as trocas projetadas em tela, Costa concluiu haver “uma certa ‘ilusão’ de partilhamento espaço-temporal”.

Destacando o hibridismo característico da lista, a pesquisadora demonstra a dificuldade de se saber “onde começam e onde terminam, em termos de materialidade lingüística” os textos publicados no ambiente, uma vez que algumas mensagens são nitidamente uma continuação de outras precedentes. Para ela, “Os textos se encadeiam como se fossem trechos de um discurso a ‘várias vozes’, tal qual aconteceria em um debate em tempo real” (COSTA, 2007a, p. 144).

Podemos ver, no trabalho dessa pesquisadora, essa aparência de debate materializada na forma como os usuários integram, ao seu discurso, textos (completos ou partes) de outros membros para efetuar comentários e críticas. Esse procedimento também foi visto por Violi (2009) no caso dos e-mails, conforme mencionado anteriormente, e ainda foi percebido por Mondada (1999, p. 3), como se pode ver na seguinte passagem:

[...] prática recorrente, nas mensagens enviadas por e-mail, nas listas ou nos fóruns de discussão, que consiste em retomar a mensagem do outro para respondê-la, comentá-la, avaliá-la, completá-la. Por esta forma de tratar o discurso do outro, o enunciador introduz uma interatividade na sua mensagem e se coloca na cena: ele deixa

manifestar, assim, suas atividades de produção e de interpretação; ele constrói um espaço de intersubjetividade que pode ser modificado por sucessivos locutores.<sup>29</sup>

Tal possibilidade de pôr “na cena” o discurso ou fragmentos do discurso de outro, segundo demonstra Costa (2007a) com base na lista, pode ser essencial quando o usuário intenta focar seus comentários em porções específicas da argumentação de outro participante.

Outra observação de importância feita pela estudiosa é a de que, enquanto usuária, ela não tinha o costume de recorrer a mensagens já lidas para compreender as subsequentes, no caso, a autora assevera que “Os referentes parecem ainda estar ‘no ar’, dentro da atmosfera intercognitiva criada pelas trocas anteriores” (COSTA, 2007a, p. 147). Ela explica que mesmo as mensagens que não são réplicas típicas podem ser compreendidas pelo grupo apenas com o auxílio de informações de cabeçalho (endereço, data e assunto) e do “conteúdo geral do texto”, uma vez que existe toda uma memória dividida entre os participantes.

Além dessa memória compartilhada, Costa (2007a, p. 141) percebe que existe uma identidade comum entre os membros: “[...] o enquadre ao qual se submetem os membros da CVL está aí explicitamente determinado: trata-se de um ambiente que deve ser ‘freqüentado’ por pessoas que partilhem certos saberes muito próprios do campo da lingüística [...]”. Esse enquadre, conforme notou a autora, tinha uma influência considerável nas escolhas das expressões referenciais empregadas pelos sujeitos. Exemplo disso era o uso de termos genéricos, pouco detalhados, uma vez que o grupo dividia conhecimentos específicos que não careciam ser externalizados para a compreensão do discurso.

Focando-se em expressões referenciais resumitivas dispostas na lista, Costa discute como estas são construídas sob suposições dos produtores em relação à audiência. Tal reflexão é norteadada pela Teoria da Acessibilidade de Ariel (1996,

---

<sup>29</sup> “[...] pratique récurrente, dans les messages envoyés par courriel, dans les listes ou dans les forums de discussion, qui consiste à reprendre le message de l'autre pour y répondre, le commenter, l'évaluer, le compléter. Par cette façon de traiter le discours de l'autre, l'énonciateur introduit une interactivité dans son message et il la met en scène : il rend ainsi manifestes ses activités de production et d'interprétation ; il construit un espace d'intersubjectivité qui pourra être modifié par les locuteurs successifs”.

2001)<sup>30</sup>, cujo princípio nuclear, segundo explica Costa (2007a, p. 113), “[...] é que as formas referenciais constituem instruções ao destinatário de como este deve recuperar da memória certa parte de uma determinada informação, pela indicação de quão acessível está esse pedaço de informação no discurso corrente”. Desse modo, quando se prevê uma maior possibilidade de incompreensão por parte do público-alvo, detalha-se mais o referente na materialidade linguística. Do contrário, quando se infere que determinado referente seja mais facilmente recuperável, não se vê a necessidade de particularizá-lo explicitamente. Vejamos um exemplo discutido por Costa (2007, p. 151, grifo da autora):

(3) Sent: Tuesday, May 18, 2004 11:01 AM

Subject: [CVL] Re: o assunto das cotas!!!!!!!!!!!!

Não se poderia dizê-lo melhor!

A. S.

Nesse exemplo, extraído da CVL, a pesquisadora percebe a consideração de um alto grau de acessibilidade na escolha da forma pronominal “lo”. A preferência por esse pronome sugere que o produtor não sentiu necessidade de dar pormenores a respeito da entidade referida, por supor que o seu interlocutor não tivesse problemas para recuperá-la. No caso, a pesquisadora acredita que o *frame* lista de discussão e a proeminência do tópico em debate, especificado no *subject* “o assunto das cotas”, contribuam para essa recuperação.

Essas observações feitas por Costa, que mostram a interferência de particularidades funcionais do gênero lista de discussão no processo cognitivo de construção de objetos de discurso, foram-nos importantes, uma vez que trabalhamos

---

<sup>30</sup> Dando a conhecer detalhes dessa proposta teórica, Costa (2007, p. 118) explana que, na visão de Ariel, existiriam graus de acessibilidade, os quais justificariam as escolhas referenciais feitas pelos sujeitos. Esses graus poderiam ser percebidos a partir de “três critérios de codificação”: informatividade, rigidez e atenuação. A informatividade diz respeito ao “nível de conteúdo informativo expresso pela forma” (COSTA, 2007, p. 118); a rigidez, ao “grau de unicidade com que o referente é determinado” (p. 118); e a atenuação, à “extensão formal da expressão referencial” (p. 118-119). Assim, a utilização de uma forma referencial menos informativa, menos rígida e mais atenuada indicaria um alto grau de acessibilidade; enquanto que uma expressão mais informativa, mais rígida e menos atenuada sinalizaria um baixo grau de acessibilidade.

com a referenciação no ambiente de um fórum eletrônico, um gênero que tem aproximações<sup>31</sup> com a lista.

Afora esses estudos mencionados, que tratam mais diretamente sobre questões específicas do funcionamento da linguagem mediada pela tecnologia, consideramos que as ideias de Pierre Lévy (1999, p. 22) podem representar o coroamento da discussão, na medida em que apontam para a relação mais ampla, mútua e complexa entre tecnologia, sociedade e cultura. Como observa o autor, “É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo”. Sob esse raciocínio, ele critica a ideia, amplamente propagada, de que a tecnologia exerce um “impacto” na sociedade e na cultura, uma vez que essa forma de ver o fenômeno acabaria por desconsiderar o pressuposto de que qualquer técnica é promovida e alimentada por ações socioculturais. Nesse entendimento do estudioso, fruto de sua visão antropológica, os atos humanos inter-relacionam de modo inseparável “pessoas vivas e pensantes”, “entidades materiais e naturais” e “ideias e representações” (p.22). Nesse sentido, não existiria uma causa responsável por “um estado de fato social ou cultural”, mas, sim, uma soma de “processos em interação que se autossustentam ou se inibem” (p. 27). Daí, as técnicas serem condicionantes e, não, determinantes.

Relacionando mais diretamente as ideias de Lévy ao nosso trabalho, apresentamos algumas considerações que ele fez sobre “comunidades virtuais”, já que tratamos com mensagens produzidas em um fórum de uma comunidade virtual. Na visão do autor, tais comunidades se configuram como um dos princípios<sup>32</sup> do desenvolvimento do ciberespaço e da cibercultura. Ele as define como “[...] os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato” (1999, p. 133). Isso basicamente porque elas (as comunidades) podem reunir pessoas ultrapassando limites geográficos e diferenças de filiações institucionais.

De maneira semelhante ao que observou Costa (2007a), quando tratou do enquadre que envolvia os participantes da CVL, Lévy afirma que “[...] Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos,

---

<sup>31</sup> Ambos são assíncronos, reúnem pessoas com uma identidade comum, oportunizam um espaço de debate, dispõem de recursos tecnológicos diversos.

<sup>32</sup> Os princípios seriam três: a interconexão, a criação de comunidades e a inteligência coletiva (LÉVY, 1999, p. 129).

sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca [...]”. Para ele, geralmente nesses ambientes a moral é a da “reciprocidade”. Tal afirmação não significa que não haja conflitos intensos entre os membros, o que é bastante comum, mas significa que existe uma espécie de lei não formalmente expressa de que se deve esclarecer, em uma atitude de auxílio mútuo, questões e dúvidas colocadas por qualquer integrante do grupo.

Esse rol de afinidades parece se fortalecer quando o autor declara que as comunidades não substituem encontros físicos. De acordo com ele, “O desenvolvimento das comunidades virtuais acompanha, em geral, contatos e interações de todos os tipos” (p. 132). Além disso, argumenta ele, as comunidades têm uma vida, elas permitem que seus integrantes interpretem uns aos outros “o mais humano possível”, uma vez que as características estilísticas, as competências e as posturas argumentativas de cada um “deixam transparecer suas personalidades” dentro do ambiente (p. 131).

Esse modo de ver do antropólogo, um tanto próximo ao de Violi (2009), o qual não coloca as técnicas como puramente “externas” aos sujeitos, que as percebe tanto produzidas por ações humanas quanto modificadoras das representações sociais e culturais, dialoga com esta pesquisa, visto que, como temos exposto, enfocamos o processo de negociações de sentido e de construção de referentes, levando em conta aspectos contingentes e amplos, no ambiente de um fórum eletrônico.

Enfim, toda essa base teórica nos é pertinente para compreender e explicar ajustes intersubjetivos que estão na base da escolha e de possíveis interpretações das assinaturas tomadas para análise.

## 2 METODOLOGIA

“É impossível separar o humano do seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo”.

Pierre Lévy

No capítulo anterior, reconhecemos que “[...] as relações entre o intra-mental e o extra-mental, e entre as diversas mentes humanas passam pela linguagem como uma atividade inter-subjetiva e cognitiva” (MARCUSCHI, 2007, p. 86). Como mostrado, essa consciência de que afetações intersubjetivas residem no âmago dos atos referenciais nos incentivou a abordar essa questão em seus dois lados: um mais eventual, vinculado às especificidades enunciativas; outro mais duradouro, vinculado à sociedade, à cultura, aos valores e às crenças do sujeito.

Tendo como centro de apoio a proposta teórica da referenciação e fitando o nosso intento, descrevemos, neste capítulo, os dados de pesquisa, a forma como eles foram selecionados e organizados. Clarificamos o raciocínio que nos induziu aos dois processos de coleta principais: um voltado para a escolha de mensagens eletrônicas relevantes para a pesquisa, extraídas do fórum de discussão da Comunidade “PROFESSORES DO CEARÁ” (CPC); outro voltado para o desenvolvimento e a aplicação de uma entrevista semiestruturada com o sujeito produtor dessas mensagens.

Pelo nosso foco de pesquisa ser mais conceitual e reflexivo, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, pois, como declara Cavalcanti (1989, p. 160), “[...] a abordagem a ser escolhida é dependente do problema sob investigação e do objetivo da pesquisa”. A nosso ver, a natureza qualitativa nos é adequada, visto que, para alcançar nossos resultados, prescindimos de um levantamento da quantidade dos fenômenos. Em nosso caso, admitimos a ideia de que as pessoas (re)elaboram “[...] seus próprios valores, significados e propósitos” (SALMON, 1979, p. 39 *apud* CAVALCANTI, 1989, p. 160) nas relações sociais e, a partir disso, penetramos nos dados.

## 2.1 Como chegamos à Comunidade PROFESSORES DO CEARÁ

De modo semelhante a Costa (2007a), que considerou ser relevante tratar da “história” que motivou a produção do seu trabalho, acreditamos que a escolha dos nossos dados de pesquisa envolve fatos dignos de nota.

Ingressamos na CPC em fevereiro de 2010, época em que pleiteávamos uma vaga, em concurso público, para o cargo de professor da rede estadual do Ceará. Sempre em busca de esclarecimentos sobre as etapas do concurso, enxergamos na CPC um ambiente bastante útil para sanar dúvidas a respeito da seleção. Depois, já na condição de professora do Estado<sup>33</sup>, continuamos a acessar constantemente o fórum. Dessa vez, preocupados em saber informações mais pontuais acerca do movimento de greve dos professores estaduais cearenses<sup>34</sup>, do qual fizemos parte.

O nosso hábito de ler e acompanhar quase que compulsivamente tópicos e mensagens postadas no fórum nos deu evidências de que “[...] longe de serem frias, as relações on-line não excluem as emoções fortes” (LÉVY, 1999, p. 130). Surpreendia-nos constatar que membros dedicavam uma energia considerável interagindo pela CPC<sup>35</sup>. As trocas, especialmente as polêmicas, eram “rendosas”, inclusive, alguns tópicos de discussão pareciam não ter fim.

Fomos percebendo, pelas nossas constantes visitas ao ambiente, que tanto os assuntos, quanto os membros, iam tornando-se para nós cada vez mais familiares e, muitas vezes, até previsíveis e repetitivos. Uma sensação que confirma o que diz Lévy (1999, p. 131): “Para seus participantes, os outros membros das comunidades virtuais são o mais humanos possível, pois seu estilo de escrita, suas zonas de competências, suas eventuais tomadas de posição obviamente deixam transparecer suas personalidades”.

---

33 No período de outubro de 2010 a outubro de 2011.

34 Antes de eclodir no segundo semestre de 2011, a greve já era tema central de discussões entre docentes. Tal movimento, como é de se esperar pelo seu cunho social e político, acabou rendendo debates enérgicos no meio virtual; no caso, a CPC testifica isso, houve uma “explosão” de postagens, por ocasião dessa greve.

35 Convém dizer que esse alto nível de interação entre os membros vem diminuindo consideravelmente neste ano de 2012. Apesar disso, acreditamos que as conversas realizadas, especialmente as nascidas no contexto da greve dos professores estaduais cearenses, momento que causou uma “explosão” de participações no fórum da CPC, renderam fenômenos referenciais ricos e dignos de atenção.

As interpretações que íamos fazendo de alguns membros, a partir de suas tomadas de posição e de características peculiares em suas mensagens<sup>36</sup>, despertaram em nós particular curiosidade. Isso porque, nessa esteira de Lévy, percebemos que, nesse tipo de ambiente virtual, em que as pessoas constroem um espaço de convivência, os posicionamentos avaliativos que elas assumem e a forma com que elas se apropriam de determinados recursos podem contribuir para a construção de imagens referenciais sobre elas. Essa observação, como se verá no capítulo posterior, foi elementar para chegarmos a algumas conclusões em nossa análise.

Nossas inquietudes no ambiente cresceram no momento em que notamos que um dos membros do fórum, de modo bem singular, atribuía a si mesmo nomes (*nicknames*) diversos e podemos dizer até excêntricos. A mudança de *nick* era rápida e causava ora riso, ora chateação entre integrantes do grupo, os quais começavam a fazer apreciações acerca desse sujeito notório e de suas designações<sup>37</sup>.

Além dessa postura insigne, com respeito ao *nick*, começamos a ver também que esse usuário tinha outras “manias”. Ele costumava utilizar determinadas expressões verbais e *emoticons* (móveis) em suas mensagens, o que também era observado, inclusive, por outros membros do grupo. Essa recorrência nos levava a ligar instantaneamente, em nossa memória, determinado *emoticon* ou expressão linguística, por exemplo, a esse usuário, fazendo-nos pensar que aquela construção verbal ou visual era “a cara dele”. Ainda verificamos que, diferentemente da maioria dos membros da CPC, ele gostava de usar assinaturas nas postagens. Assim como os *nicks*, as assinaturas veiculadas por esse sujeito variavam muito. Ademais, elas apontavam para fora das “paredes” do fórum, para um quadro de experiência bem maior, já que grande parte dos integrantes do grupo, em decorrência do movimento de greve de 2011 (da categoria de professores do Estado do Ceará), dividia não só um perfil comum na Comunidade, como também experiências advindas de encontros presenciais.

---

<sup>36</sup> Tom, uso de determinadas expressões lexicais, determinados *emoticons*, frases-assinatura, tipográficas, etc.

<sup>37</sup> A título de exemplo, compartilhamos que esse usuário autoneomeou-se de “prof amoroso”, “prof ardiloso”, “prof rancoroso”, “prof laborioso”, etc, o que nos instigava a tentar entender o porquê dessas escolhas referenciais e de suas variações e o que nos dava a impressão de que havia muito mais motivações para esses *nicks*, do que as que podíamos inferir, sob o nosso conhecimento de mundo, a partir das pistas textuais ali materializadas.



Para além de todo esse estímulo ocasionado pelo nosso “mergulho” no ambiente, fomos impulsionados pela espontaneidade e autenticidade das mensagens, as quais não tiveram nenhuma intervenção nossa para a sua produção, e ainda pela materialização das conversas, as quais permanecem gravadas e podem ser acessadas<sup>38</sup> no espaço do fórum, como um “imenso reservatório de corpus discursivos” (MONDADA, 1999, p. 4), o que viabiliza um trabalho de coleta<sup>39</sup> e análise.

## **2.2 Apresentação da CPC e do seu fórum**

Nesta seção, destacamos informações sobre o ambiente da CPC, as quais contextualizam e prosseguem justificando as razões que nos fizeram escolher esse “‘nicho’ específico” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.187). Contudo, não nos preocupamos em fazer uma descrição extensa, uma vez que o foco deste trabalho não é o ambiente em si, mas as suas possíveis interferências no modo como o usuário, envolvido nessa experiência de interação, faz emergir referentes.

### *2.2.1 Breve perfil da CPC*

Neste subtópico, descrevemos a CPC com base em informações extraídas da sua página perfil, que está disponível para visualização abaixo.

---

<sup>38</sup> Esclarecemos, porém, que quando um *nickname* é modificado pelo sujeito, por exemplo, ele é atualizado em todas as mensagens desse membro, ou seja, perdem-se os usos anteriores. Afora isso, destacamos que pode haver apagamentos de mensagens pela equipe de moderação e pelos próprios membros produtores das postagens. Também enfatizamos que existe uma movimentação na adesão ou saída de participantes, sugestão de tópicos, produção de mensagens, o que dá ao ambiente uma característica de dinamicidade, mesmo que, atualmente, a CPC não esteja mais tão ativa. Ainda não podemos esquecer de mencionar as modificações oriundas pela atualização de recursos, feita pela equipe técnica da rede social Orkut.

<sup>39</sup> Destacamos que esse processo de coleta exigiu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UECE. Ver anexo D.

FIGURA 3: Página Perfil da CPC, extraída em 26 de outubro de 2012.

The image shows the Orkut profile page for the 'PROFESSORES DO CEARÁ' community. The page layout includes a top navigation bar with 'orkut', 'Home', 'Perfil', 'scraps', and 'Comunidades'. A search bar is located on the right. The main content area displays the community name, creation date (10/12/2008), location (Fortaleza, Ceará), and a list of moderators. A video player is embedded, showing a YouTube video titled 'Parmalat - "Porque Nós Somos"'. Below the video is a grid of member profile pictures. A sidebar on the left contains a banner for 'Professor sem piso' and a list of community actions. The page also features a 'publicidade' section at the top right and a 'comunidades semelhantes' section at the bottom right.

Um exame da figura 3 nos permite apanhar alguns pormenores da CPC, tais como:

- faz parte da rede social Orkut;
- data de dezembro de 2008;
- conta com um proprietário (criador) e cinco moderadores;
- tem mais de três mil e quinhentos membros<sup>40</sup>;
- é classificada como “visível por público”, o que significa dizer que não membros também podem ler os conteúdos postados no ambiente<sup>41</sup>.
- possui um público-alvo direcionado: professores cearenses, não importando a matéria ou o nível de ensino em que atuam.
- objetiva oportunizar um espaço de colaboração entre os docentes membros;

<sup>40</sup> Dado extraído no mês de outubro de 2012.

<sup>41</sup> Se uma pessoa tem uma conta no Orkut, ela pode ver integralmente o que se passa no ambiente, até as fotos de perfil dos membros, mesmo que ela não seja participante da Comunidade. Caso ela não tenha uma conta do Orkut, ela deixa de ter acesso às fotos de perfil dos usuários, o que dificulta a compreensão dos textos postados. O endereço da Comunidade é: <<http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=78844449&hl=pt-BR>>. Acesso em 23/10/2012.

- esteve engajada na “Campanha salarial de 2011”.

Por meio dessa descrição sintética, notamos que o perfil da Comunidade já nos oferece elementos importantes para (re)categorizar os seus integrantes. De certa forma, percebemos que ao filiar-se a um ambiente como esse, o sujeito se agrupa, conceitualiza-se, predica-se, assumindo categorias e traços comuns à membresia, posto que “Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca [...]” (LÉVY, 1999, p. 130).

No que tange à CPC, temos o “professor cearense”, que, muito provavelmente, aderiu à “campanha a favor do piso salarial em 2011”, o que logo faz do usuário um objeto de discurso. Essa percepção é valorosa, pois nos permite compreender que, antes mesmo de o sujeito participar de alguma atividade dentro do ambiente, ele já pode ser revestido por um leque de conceitos. Como demonstraremos na análise, o referente “professor” está bastante saliente nos dados. Também veremos no capítulo seguinte, que o cenário de reivindicação dos docentes, perceptível na figura 3 (“foto perfil” e descrição “quem sou eu”), é o combustível das trocas desenvolvidas pelos interlocutores. Frisamos essa identificação de grupo, porque, ao lado de Costa (2007a, p. 141), acreditamos que tal bagagem comum afeta a forma como os usuários significam uns aos outros e a realidade, a “escolha das expressões que designam os referentes”, o que ficará mais claro posteriormente, na discussão do *corpus*.

Uma outra informação relevante, no que concerne à CPC, é que seu corpo de membros pode realizar duas ações principais: fórum e enquetes. Ambas são movimentadas pelo grupo, isto é, os textos são gerados e alimentados em conformidade com os interesses da membresia, sob a análise da equipe de moderação. Para os nossos objetivos, o fórum é o ambiente que consideramos mais promissor, uma vez que cria um espaço mais aberto para discussão e exposição das preferências e opiniões dos sujeitos. Como já adiantamos, as mensagens ficam gravadas como um “imenso reservatório de *corpus* discursivos” (MONDADA, 1999, p. 4).

### 2.2.2 Breve perfil do fórum de discussão da CPC

De modo análogo a outros, o fórum da CPC consente que seus membros sugiram tópicos para troca de opiniões, pedidos de ajuda, divertimento, denúncia, divulgação de notícias relevantes para o grupo, etc. Por meio da criação de um tópico, um integrante do grupo pode convidar os outros para uma conversa, a qual deve girar em torno daquilo que foi lançado pelo proponente, o que nem sempre é cumprido, uma vez que pode haver um desvio de interesse no decorrer da interação.

Cada participante da CPC possui uma foto perfil ou imagem de exibição e um *nickname* (os mesmos utilizados na página de perfil do Orkut). Ambos identificam automaticamente as postagens no ambiente. Tanto a imagem, quanto o *nick*, podem ser alterados, a depender da vontade do participante.<sup>42</sup> As mensagens publicadas podem ter um título (que é opcional) e geralmente não são muito longas, já que há um limite de caracteres. Quando alguém sente a necessidade de inserir um texto longo, coloca-o “em pedaços”, distribuindo as partes em várias mensagens publicadas em sequência. No corpo da mensagem, o participante pode utilizar-se de elementos verbais e audiovisuais, os quais, na visão de Marcuschi (2005), têm parte dos créditos da popularidade dos gêneros virtuais.

Configurando-se como um ambiente de comunicação assíncrona, os participantes interpretam-se tendo como mediador um aparelho eletrônico, eles se veem e se leem por meios de textos (verbais, visuais, audiovisuais) projetados<sup>43</sup>. Isso é interessante porque, no mesmo instante que separa os sujeitos fisicamente, parece aproximá-los, podendo provocar “[...] uma certa ‘ilusão’ de partilhamento espaço-temporal” (COSTA, 2007a, p. 143), posto que os membros são “fixados” no ambiente por meio de recursos tecnológicos e multissemióticos variados e há uma rapidez considerável no tempo de troca de mensagens.

Um exemplo que, a nosso ver, evidencia essa “ilusão” de que se está conversando “lado a lado” é o uso do recurso “quote”, bastante adotado pelos membros

---

<sup>42</sup> Essa forma não fixa que os membros têm de se autorrepresentar no fórum, ao mesmo tempo em que enriquece os dados, torna o processo de coleta bastante dificultoso, uma vez que os usos “escapam” se não forem vistos e coletados pelo pesquisador no período certo.

<sup>43</sup> É importante dizer que os participantes do grupo podem ou não interagir ou já ter interagido em outros ambientes, para além do virtual.

da CPC, como pode ser visto na figura 8, localizada no capítulo posterior<sup>44</sup>. Esse recurso permite que os sujeitos citem os textos uns dos outros, antes de fazerem qualquer apreciação. O estabelecimento desse “espaço de intersubjetividade” (MONDADA, 1999, p.3) só é possível porque, como explicado, as conversas permanecem gravadas no ambiente, diferentemente de um diálogo oral, em que as falas se dissipam.

Uma ferramenta que, no fórum da CPC, não foi muito utilizada pelos membros, mas que, para nós, destacou-se pelo uso inusitado que um dos membros fez dela foi: a assinatura. Esse “dato irregular”<sup>45</sup> (MARCUSCHI, 2010, p. 132), como se verá a seguir, tornou-se alvo de discussão neste estudo.

## **2.3 O sujeito de pesquisa e o recurso assinatura**

### *2.3.1 O sujeito*

Ao qualificamos, na subseção anterior, a atitude desse usuário<sup>46</sup> específico de inusitada, estamos querendo dizer que ele: a) diferenciou-se da maior parte dos membros da CPC, os quais não demonstraram ter o mesmo manejo com os recursos tecnológicos; b) surpreendeu-nos porque não assumiu apenas uma ou duas assinaturas, mas várias, dentro de um período curto de tempo; c) pareceu-nos ter adotado assinaturas que se relacionassem fortemente ao grupo e ao episódio da greve dos professores estaduais cearenses de 2011 e, não, a gostos mais triviais, como o emblema de um time esportivo, por exemplo.

Como revelamos na seção 2.1, esse sujeito tinha um comportamento notório dentro do ambiente, ele não passava “despercebido”. Convém esclarecer que o foco que demos a esse sujeito não torna os seus textos superiores ou distintos, em termos de propriedades, dos de outros, apenas consideramos que as peculiaridades mencionadas poderiam favorecer o nosso intento: investigar a dimensão intersubjetiva dos referentes em duas direções: uma mais contingente, voltada para a enunciação concreta; outra mais ampla, voltada para o universo sociocultural e ideológico, o qual envolve o sujeito.

---

<sup>44</sup> Ver página 67.

<sup>45</sup> Para nós, as assinaturas foram um “dato irregular”, porque elas eram utilizadas por pouquíssimos participantes dentro do considerável número de membros.

<sup>46</sup> Esse sujeito é o mesmo que descrevemos na seção 2.1, o qual chamou nossa atenção com os *nicks* e os emoticons.

### 2.3.2 *As assinaturas*

Além de termos sido absorvidos por essas particularidades do sujeito, também começamos a nos sentir atraídos pelas especificidades do recurso assinatura<sup>47</sup> que até então nos era desconhecido.

Pudemos constatar que, como um recurso automatizado, ela se liga a todas as mensagens do sujeito que a habilitou. A nosso ver, essa circunstância de repetição pode impor ao sujeito uma certa cautela em relação àquilo que ele vai adotar como assinatura ou, pelo menos, pede-lhe alguma motivação, mesmo que seja uma razão de menor força ideológica. O nome atribuído ao recurso, assinatura, já sugere que é algo representativo do seu usuário, o que, em nosso entendimento, direta ou indiretamente, termina por acionar referentes sobre a sua identidade ou personalidade.

Outro ponto que nos despertou foi o fato de a assinatura ser um elemento adicional, isto é, algo que não pede uma crítica, nem uma resposta do grupo. Todavia, embora não seja um ponto de partida para um encadeamento dialogal, propriamente dito, a assinatura fixa-se ao ambiente, “gruda-se” ao sujeito, como um elemento importante na interação, e pode gerar interpretações sobre seu produtor, o conjunto de interlocutores ou uma situação, mesmo que essas leituras não sejam compartilhadas explicitamente no ambiente pelo grupo. É como se a assinatura se alojasse na postagem e, ao mesmo tempo, suplantasse os limites da mensagem, já que se trata de um recurso pré-gravado.

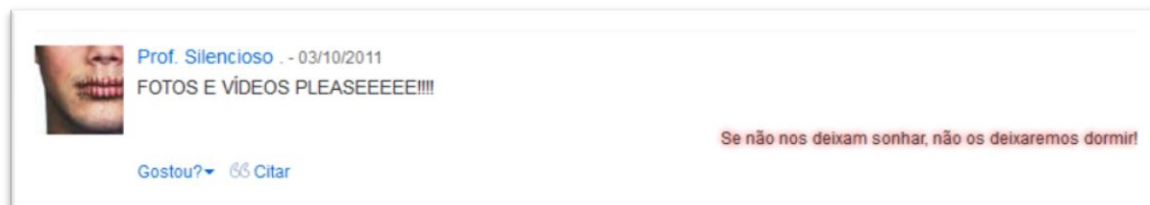
Em resumo, atentamos para assinaturas utilizadas pelo sujeito caracterizado na subseção anterior, porque: a) mesmo sem fazer uma menção referencial explícita, elas nos pareciam contribuir para a construção de uma versão desse sujeito produtor, do grupo e de toda uma situação social; b) mesmo sendo um recurso de uso individual, elas nos pareciam realizar-se sob fortes influências do outro (interlocutor imediato e sociedade); c) é um recurso tecnológico e, como tal, aponta para condicionamentos do ciberespaço em relação aos fenômenos referenciais.

---

<sup>47</sup> Para utilizar esse recurso é necessário que o usuário “baixe” um addon, um pequeno aplicativo de extensão. Na rede social Orkut, existe o chamado “Orkut Manager” (OM) que é executado com Firefox ou com Google Chrome. O OM adiciona diversos recursos ao Orkut, dentre eles, as assinaturas. Elas podem ser compostas por textos verbais, visuais e verbo-visuais. Inclusive, esses textos podem ser móveis. Mais informações sobre complementos oferecidos pelo OM podem ser lidas no endereço eletrônico: <https://addons.mozilla.org/pt-BR/firefox/addon/orkut-manager/>. Acesso em 25 fev. de 2013.

Abaixo, disponibilizamos uma imagem que mostra a utilização desse recurso pelo sujeito de pesquisa. No caso, a assinatura está localizada no canto inferior direito e sombreada com a cor rosa.

**FIGURA 4: Recurso assinatura**



## 2.4 Instrumentos e procedimentos de coleta

Pelo caráter mais solto do recurso em foco com respeito às postagens e, especialmente, por causa do nosso interesse pela face mais profunda da negociação intersubjetiva, sentimos a necessidade de ouvir o sujeito, de saber o que ele pensou para elaborar suas assinaturas. Disso, surgiu a ideia de realizarmos uma entrevista semiestruturada<sup>48</sup>. Esse instrumento nos deu subsídios para tratar desse diálogo mais amplo, o qual se relaciona com a história social, com a bagagem de experiências e com os valores do sujeito. Os dados dessa entrevista foram gravados e, depois, transcritos<sup>49</sup>.

Já que analisaríamos dois tipos de dados - mensagens eletrônicas e entrevista-, consideramos viável nos concentrar em duas assinaturas, ambas bastante utilizadas pelo sujeito de pesquisa no final do mês de setembro de 2011, a saber: “ISTO É O QUE SOMOS” (A1) e “Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir” (A2). Vejamos com mais detalhes como elegemos as mensagens que continham essas assinaturas e como organizamos a entrevista.

<sup>48</sup> Tal ideia da entrevista semiestruturada foi inspirada e adaptada do trabalho de Cavalcanti (1989), onde podemos ler sobre “as técnicas introspectivas” (p. 138); e também foi estimulada pelo trabalho de Oliveira (2012), como explicado na subseção 1.1.2.

<sup>49</sup> Disponibilizamos a transcrição na seção de anexos (anexo B), a qual foi efetuada com a ajuda da Caroline Ferreira, bolsista PROVIC/UECE, orientada pela Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa. Essa entrevista teve duração de aproximadamente 40 minutos, depois que efetuamos alguns cortes necessários. Esses cortes foram feitos para apagar digressões e trechos que não renderiam elementos para análise.

### 2.4.1 Escolha das mensagens eletrônicas

Para facilitar nosso trabalho de coleta, utilizamos a ferramenta de “busca” fornecida pelo próprio ambiente da CPC, a qual disponibilizamos para visualização abaixo.

**FIGURA 5: Ferramenta de busca da CPC.**



Como é possível ver na figura 5, ao colocarmos um termo-chave dentro da “caixa de busca”, recebemos uma lista com todos os tópicos em que ele foi utilizado. Ressaltamos que o item procurado deve preencher a lacuna envolto por aspas. No caso, escrevemos nessa caixa as duas assinaturas já mencionadas.

Apesar de essa ferramenta ser de grande auxílio, ela tem suas limitações. Os tópicos encontrados não aparecem listados em ordem cronológica. Além disso, como em nosso caso queríamos saber a primeira menção que o sujeito fez das duas assinaturas em questão, foi preciso abrir todos os tópicos elencados para conferir o dia e o horário das respostas postadas por ele. Nossa hipótese era a de que a mensagem estreada pudesse nos fornecer mais indícios sobre os referentes evocados pelas assinaturas.

Para encontrar esse uso pioneiro, fizemos dois quadros-controle, um para cada frase. Em cada um deles, colocamos os seguintes itens: o **nome do tópico**, a **data** e o **horário da postagem**. Ao final, arrumamos tudo em ordem cronológica, conforme se pode ver a seguir. Esse “controle” foi uma forma que encontramos de perseguir o



caminho que esse sujeito fez utilizando cada uma das frases e, assim, poderemos identificar a mensagem inaugural.

**QUADRO 1. “ISTO É O QUE SOMOS”.**

<b>Assinatura “ISTO É O QUE SOMOS”</b>		
<b>Título do tópico</b>	<b>Data</b>	<b>Hora</b>
1. INTRANSIGÊNCIA	25/09/2011	08:59:31
2. Conselho de Controle Social do FUNDEB	25/09/2011	09:04:55
3. REUNIÃO DE PAIS - O QUE MOSTRAR, O QUE DIZER	25/09/2011	09:08:44
4. TÁTICA DE GUERRA PARA A PRÓXIMA SEMANA!	25/09/2011	14:24:59
5. Não tenho mais fé...acabou. Cid venceu.	25/09/2011	19:53:10
6. Agenda de Suspensão Mobilizada. O que você acha?	25/09/2011	20:58:08
7. Organização da Comunidade	25/09/2011	21:05:04
8. acampamento na assembleia já!!!	26/09/2011	00:02:24
9. Quase 1 milhão gasto na greve	26/09/2011	15:58:26
10. salário de setembro	26/09/2011	16:04:29
11. ZONAS 26/09 A 29/09	26/09/2011	20:01:07
12. NA GREVE - VAMOS CONTINUAR!	26/09/2011	20:11:46
13. QUEM VAI VOLTAR SEGUNDA?	26/09/2011	20:26:52
14. Chegada de mensagem na assembleia!	27/09/2011	22:10:16
15. atenção todos na assembleia agora!!!!!!!!!!!!!!	28/09/2011	19:22:19
16. Repressão na Assembleia	29/09/2011	16:35:54
17. Censura no Youtube	29/09/2011	17:35:40
18. Unidade já	29/09/2011	21:37:43
19. Tv Assembleia	29/09/2011	21:47:50

**QUADRO 2. “Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir”.**

<b>Assinatura “Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir”</b>		
<b>Título do tópico</b>	<b>Data</b>	<b>Hora</b>
1. RESULTADO DA ASSEMBLÉIA - DIA 29	30/09/2011	13:57:50
2. FIM DA POLÍCIA!	30/09/2011	14:07:11
3. Olha só que grande exemplo do Carlomano M.:	30/09/2011	14:10:10
4. Deputado chama professores de “hienas loucas e irr	30/09 /2011	15:33:13
5. DEBATES - O POVO	30/09/2011	19:06:33
6. QUEM VAI RESPONDER A PROCESSO ADMINISTRATIVO?	30/09/2011	20:34:08
7. amigos de lutas.	30/09/2011	20:48:55
8. ABCEDÁRIO POLÍTICO	30/09/2011	21:11:44
9. CHARGES	01/10/2011	15:19:20
10. Campanha contra Carlomano Marques	01/10/2011	20:39:06
11. Arrecadação para publicação de Outdoors...	01/10/2011	22:36:27

12. [FIXO] PASSEATA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA - PALÁCIO	03/10/2011	15:56:58
13. RONIVALDO MAIA, TRAIADOR OPORTUNISTA!!!	03/10/2011	21:11:28
14. o Sindicato APEOC convoca	03/10/2011	23:41:20
15. TV ASSEMBLÉIA	04/10/2011	12:05:43
16. NOTÍCIAS DA REUNIÃO ( 04/10 )	04/10/2011	15:27:50
17. Pura ironia	04/10/2011	15:35:49
18. Aos que caíram de paraquedas na ALCE	04/10/2011	22:45:34
19. Grande X da questão	04/10/2011	22:53:46
20. Tem alguém do nosso lado?	06/10/2011	18:07:18
21. Reunião com o governo hoje	06/10/2011	22:35:29
22. CONTINUAR A GREVE OU SUSPENSÃO PARA NEGOCIAR?	06/10/2011	23:32:21
23. GREVE SIM! VAMOS A LUTA!	07/10/2011	13:00:38
24. Suspenda a greve hoje...	07/10/2011	13:04:19
25. SUSPENSÃO DECIDIDA!!!	07/10/2011	19:53:31
26. Programa Voz da Educação	08/10/2011	12:01:16

Com base nos quadros, é possível ver que os dois tópicos inaugurais foram: “INTRANSIGÊNCIA”, que continha o uso pioneiro da A1; e “RESULTADO DA ASSEMBLÉIA – DIA 29”, que continha o uso pioneiro da A2. Uma vez selecionados, esses tópicos foram copiados para um documento do Word, uma forma útil que encontramos de guardá-los. A discussão que hospedou a A1 é composta de 110 mensagens e a que abrigou a A2 de 19. Esclarecemos, mais uma vez, que nosso interesse residiu na postagem estreada dessas assinaturas. Uma vez encontrada, fizemos os devidos apagamentos de informações pessoais.

#### 2.4.2 Da entrevista semiestruturada

Seguindo a mesma lógica da coleta e organização das mensagens eletrônicas, entrevistamos o sujeito de pesquisa, dando enfoque às duas assinaturas mencionadas. Dividimos, então, a conversa em duas partes maiores: uma voltada para a A1, outra para a A2. Essa entrevista foi realizada de forma presencial e em um local público, escolhido pelo sujeito de pesquisa.<sup>50</sup>

<sup>50</sup> No caso, marcamos a entrevista por celular. Trocamos os telefones via *facebook*. Na ocasião da entrevista, o sujeito assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UECE. Este documento consta no anexo C. No anexo D, é possível conferir o parecer substanciado do CEP que aprovou a realização desta pesquisa.

Antes de começarmos a questionar mais especificamente sobre as frases, revelamos ao sujeito de pesquisa a nossa curiosidade a respeito dos *nicks* e dos *emoticons* bem peculiares utilizados por ele<sup>51</sup> no ambiente da CPC. Fizemos isso como uma forma de introduzir levemente a conversa e contar a ele o que nos despertou para este estudo. Esse momento inicial acabou nos rendendo dados dignos de apreciação. Por isso, consideramos pertinente dedicar um espaço na análise (ver seção 3.3 do capítulo seguinte), para refletir, mesmo que de forma menos focal, sobre comentários do sujeito acerca desses outros recursos.

Com base no que fez Oliveira (2012, p. 41-42)<sup>52</sup>, em um diálogo presencial com *designers*, elaboramos um roteiro esquemático<sup>53</sup> que nos ajudasse a encaminhar a conversa. No entanto, assim como se comportou essa autora, sem interromper a narração dos seus entrevistados, servimo-nos do roteiro apenas como um “norte”, não como uma regra. Agimos dessa maneira, porque queríamos que o pesquisado se sentisse mais livre para falar da sua vivência no ambiente da CPC. Pensamos que, talvez, um questionário fechado pudesse provocar respostas “secas” e mecânicas e, conseqüentemente, pudesse nos afastar do nosso objetivo de descobrir os diálogos mais profundos que fomentaram a criação das assinaturas e dos outros recursos dos quais o sujeito se assenhorou.

## 2.5 Procedimentos de análise

A análise dos possíveis referentes e sentidos evocados pelas assinaturas (A1 e A2) foi realizada levando em conta:

- Nosso olhar: na condição de participante do fórum e na de pesquisador; e
- O olhar do próprio sujeito produtor das assinaturas.

---

<sup>51</sup> Conforme mostramos na seção 2.1 e na subseção 2.3.1, o comportamento desse sujeito se destacava bastante dentro do grupo.

<sup>52</sup> Foi no trabalho de Cavalcanti (1989) que Oliveira encontrou inspiração para tomar essa atitude de estimular, mas não “barrar” as falas dos seus entrevistados. Em Cavalcanti, (1989, p. 138), lemos sobre a técnica introspectiva chamada de autorrelato ou autopercepção, a qual permite que os sujeitos revelem suas experiências para o pesquisador. Essa técnica nos impulsionou a adotar esse instrumento da entrevista semiestruturada, pois, por meio dele, poderíamos obter, como dissemos anteriormente, dados mais descomedidos e espontâneos.

<sup>53</sup> Ver anexo A.

No primeiro momento, buscamos externalizar nossas impressões mais intuitivas de membro da CPC, diante das assinaturas. Em seguida, tomamos a postagem estreada de cada assinatura como ponto de partida para considerações.

No segundo momento, trazemos falas do próprio sujeito de pesquisa sobre as assinaturas eleitas.

Nesses dois momentos de análise, buscamos atentar para o processo sociocognitivo de construção de referentes e sentidos, cujo universo de intersubjetividade nem sempre é evidente.

Tendo exposto tais delimitações, encaminhamo-nos para o capítulo seguinte, em que nos concentramos na análise.

### 3 ANÁLISE

“Na verdade, a linguagem existe para que as pessoas possam relatar a estória de suas vidas”.

Margarida Salomão

Neste capítulo, apresentamos o estudo que fizemos dos dados com base na proposta teórica da referenciação. No intuito de discutir o alcance do aspecto intersubjetivo atribuído aos fenômenos referenciais, centramo-nos no uso de “assinaturas” em um ambiente de comunicação assíncrona, a CPC.

Reiteramos que as duas assinaturas tomadas para exame foram: “ISTO É O QUE SOMOS” (A1) e “Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir” (A2). Ambas demandaram dois momentos de análise principais: um pautado em nossa avaliação, outro na do próprio usuário. No primeiro momento, ancoramo-nos em nosso “mergulho” no ambiente eletrônico e nos índices textuais (verbais) fornecidos pela postagem que estreou o uso de cada assinatura. No segundo, amparamo-nos nas considerações que o sujeito de pesquisa fez a respeito de sua experiência no ambiente e de sua escolha por essas assinaturas.

Procedendo dessa forma, queríamos garantir uma visão mais apurada das negociações de sentido que estariam na base da formulação e de possíveis interpretações desses enunciados automáticos. Nossa hipótese geral era de que “ajustes” intersubjetivos seriam operados tanto na produção, quanto na interpretação das assinaturas em destaque. Nos dois processos, existiriam negociações tanto mais contingentes, quanto mais amplas.

Incluímos, ao final do capítulo, algumas reflexões adicionais que fizemos com base em relatos do sujeito sobre a forma como ele se apropriou de *nicks* e *emoticons*.

### 3.1 Assinatura “ISTO É O QUE SOMOS”

#### 3.1.1 O lado mais eventual da negociação - olhar do pesquisador

Este subitem registra as apreciações que fizemos da “ISTO É O QUE SOMOS”. Começamos, de uma forma mais geral, relatando as impressões que tivemos acerca dela, a partir do nosso lugar de membro da CPC. Depois, de forma mais específica, buscamos índices materiais<sup>54</sup> que pudessem evidenciar a constituição intersubjetiva dessa assinatura. Estes foram procurados na mensagem em que a A1 surgiu pela primeira vez.

No quadro 1, localizado na subseção 2.4.1 do capítulo precedente, é possível ver que o sujeito de pesquisa se serviu da A1 no final do mês de setembro de 2011. Pensamos que, inseridos na moldura “professor estadual cearense”, integrantes da CPC, afetados, em sua maioria, pelo cenário de greve marcado pela data exposta, dificilmente não entenderiam que a A1 se dirige à “classe docente”. O “nós” implícito é facilmente reconhecido quando atentamos para aspectos enunciativos da produção: a A1 foi ativada nesse tempo de pressão vivido pelos docentes e em uma comunidade virtual destinada aos que exercem o magistério no Estado. Sem demora, de dentro do grupo virtual, pudemos diagnosticar que a A1 evocava o referente “professor”, um objeto de discurso que recaía, ao mesmo tempo, sobre o usuário da assinatura e sobre o restante da membresia (o que nos inclui, já que somos parte do grupo).

O fato de participantes da CPC se relacionarem tanto virtual, como presencialmente - a greve, tão discutida no fórum, mantinha uma “agenda” de reuniões e manifestações públicas da categoria-, pareceu-nos aumentar a bagagem comum do conjunto de integrantes. Em vários momentos, observamos, nas trocas, que vivências externas eram fundamentais para a compreensão do discurso<sup>55</sup>. Esclarecemos que esse transitar entre duas vias de interação, virtual/presencial, não é uma peculiaridade dos interlocutores da CPC, pois, como diz Lévy (1999, p.130): “[...] é raro que a

---

<sup>54</sup> Focamo-nos na materialidade verbal da postagem e, não, em elementos visuais.

<sup>55</sup> Exemplificando isso, podemos mencionar alguns termos utilizados nas trocas, nesse período de greve, tais como: “Cidcato”, “Apegov”, “Apelegoc”, “Apenhoc”. Essas (re)categorizações que incidem sobre o sindicato dos professores estaduais, APEOC, só são compreendidas se as relacionarmos com o quadro contextual maior que deu razão para esses usos.

comunicação por meio de rede de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo, é um complemento ou um adicional”.

No nosso modo de entender, frente ao leque de conhecimentos e experiências comuns dos membros (tanto previsto pela adesão a uma comunidade virtual específica, quanto pelas discussões produzidas nesse ambiente), a “frouxidão” linguística da A1 é bem justificável. Se recorrermos à Teoria de Ariel (ver subitem 1.3), veremos que a maneira como estruturamos nosso discurso sinaliza o grau de saliência que atribuímos a determinadas informações dentro da interação, ou seja, não precisamos especificar muito quando presumimos que na memória do nosso interlocutor estão bem acessíveis determinados saberes e referências. Para nós, essa premissa teórica reconhece o quanto o discurso (e a forma como ele se apresenta linguisticamente) mantém íntima relação com a sua audiência. Na subseção posterior, verificamos que o sujeito, de fato, contava que os seus interlocutores teriam condições de suprir informações implícitas da “ISTO É O QUE SOMOS”, o que aponta para uma negociação “na forma de antecipação do enunciador” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.119) em direção a outros membros da CPC.

Embora estejamos lidando com um recurso tipicamente adicional (que transcende o corpo concreto das postagens), percebemos que há todo um “enquadre cognitivo” (MARCUSCHI, 2005, p. 17-18) que apoia possíveis interpretações da A1, ou seja, ela não foi construída aleatoriamente, nem pode ser lida de qualquer maneira. Nesse sentido, tivemos uma sensação semelhante à de Costa (2007a, p.147), que, ao analisar fenômenos referenciais em uma lista de discussão, observou que “Os referentes parecem[iam] ainda estar “no ar”, dentro da atmosfera intercognitiva criada pelas trocas anteriores”. Por mais que a A1 tivesse um certo grau de independência em relação aos limites da materialidade linguística das postagens do seu produtor, constatamos que essa assinatura estava vinculada ao universo discursivo desenvolvido pelas trocas.

A consideração dessa teia discursiva torna relevante destacar que o contexto da greve não é algo estático e puramente exterior ao sujeito, já que compreendemos, com Salomão, que “[...] o mundo (para nós que o percebemos ou o conceptualizamos) é também um sinal [...]” (p. 70-71). Conscientes de que as versões referenciais não se eximem da “**perspectiva de quem os produz**” (SALOMÃO, 1999, p. 67, grifo da autora), entendemos que o referente “professor”, evocado pela A1, não se exime do

modo como o seu usuário enxerga o mundo. Isso reitera o raciocínio bakhtiniano, exposto na seção 1.2 do capítulo primeiro, de que, nas práticas interativas, existem “[...] diferentes modos pelos quais o mundo entra no horizonte apreciativo dos grupos humanos [...]” (FARACO, 2005, p.39).

Seguindo essa concepção de que os seres humanos percebem “[...] a situação ‘real’ de maneiras transformadoras” (CARDOSO, 2003, p. 118) e inferindo que a A1 propõe uma representação da entidade “professor”, passamos a pensar nos traços dessa representação, quais atributos e sentidos estariam sendo ou poderiam ser acionados por meio dessa assinatura.

O fato de a A1 ser iniciada pelo demonstrativo “ISTO” pode fazer pensar que o usuário fez uma escolha linguística inadequada ou precipitada, visto que é característica de uma assinatura padrão se repetir automaticamente e ter, portanto, uma “liberdade” em relação ao conteúdo das postagens. Essa avaliação ganha ainda mais fundamento se reconhecermos que esse pronome funciona como um encapsulador anafórico<sup>56</sup>, um recurso que, na literatura especializada, já foi descrito como “claramente dependente do cotexto” (CONTE, 2003, p. 182).

O interessante é que esse “estranhamento” só foi sentido por nós quando olhamos para a A1 com intenções de pesquisa. Na condição de participante da CPC, não nos pareceu obscuro encontrar um sentido para a A1. Sempre quando nos deparávamos com essa assinatura, pensávamos que ela divulgava uma imagem referencial positiva e nobre para aqueles que ocupam a classe docente, uma ideia que também faz parte do senso comum, de que os educadores são o princípio ou a “base de tudo”.

Esse nosso raciocínio de que o referente “professor” estava recebendo traços de virtude se mantinha mesmo quando a A1 não “combinava” muito bem com o conteúdo da mensagem assinada. No caso, a “**identidade** [que estabelecemos] **do intérprete**” (SALOMÃO, 1999, p. 71, grifo da autora) nos foi decisiva para isso. Nossa

---

<sup>56</sup> De acordo com Conte (2003, p. 175), o fenômeno do encapsulamento anafórico é “um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto. O sintagma nominal anafórico é construído com um nome geral como um núcleo lexical e tem uma clara preferência pela determinação demonstrativa”. Conforme essa lógica, que se apóia na identificação de uma forma referencial na materialidade do texto, Cavalcante (2011, p. 73-74) elucida que os encapsuladores “resumem, ‘encapsulam’, conteúdos proposicionais inteiros, precedentes e/ou consequentes. Além disso, os encapsuladores não remeteriam a âncoras bem pontuais, bem específicas, do cotexto, mas a informações ali dispersas”.



interpretação sobre a identidade desse sujeito não se restringiu a uma mensagem em particular, mas ao discurso que ele costumava assumir ao longo das trocas e a algumas atitudes dele no ambiente.

Para nós, esse sujeito parecia ser comprometido com o coletivo, pois víamos as tentativas dele de trazer sugestões e soluções para os impasses vividos pelo grupo. Inclusive, o fato de esse sujeito sempre se designar como “prof”, mesmo sob múltiplas facetas, fazia-nos pensar que o “ser docente” não era uma mera posição profissional, mas uma questão de forte razão ideológica para ele, o que, depois, confirmamos por meio da realização da entrevista<sup>57</sup>. A forma com que ele buscava, em seu discurso, em vários tópicos, mostrar a improdutividade de “ataques” pessoais no ambiente também nos inclinava a pensar que a A1, de fato, promulgava uma imagem decorosa, de união, para o grupo. Ademais, independente da continuidade ou não da greve, esse sujeito procurou destacar, em mensagens, a necessidade de os professores permanecerem “batalhando” por seus direitos, o que endossou nosso alvitre a respeito dessa assinatura.

Destacamos na figura 6, exibida abaixo, uma postagem em que o sujeito de pesquisa demonstra ter esse perfil de pessoa preocupada com o coletivo:

**FIGURA 6: Participação do sujeito de pesquisa no fórum.**<sup>58</sup>

The image shows a screenshot of a forum post. At the top, there are navigation tabs for 'Perfil', 'scraps', and 'Comunidades', along with a search bar containing the word 'buscar'. The main heading of the post is '☆ REUNIÃO DE PAIS - O QUE MOSTRAR, O QUE DIZER' with a red plus icon and '- 22 respostas.' To the right is a 'Denunciar spam' button. Below the heading are buttons for 'Responder' and 'Compartilhar', and pagination links: 'primeira', '< anterior', '1 de 3', 'próxima >', and 'última'. The post is by 'Prof. Silencioso' dated '24/09/2011'. The title of the post is 'REUNIÃO DE PAIS - O QUE MOSTRAR, O QUE DIZER' and the main text is 'ESTAMOS INDO DE VOLTA PRA CASA... LAIÁ LAIÁ LAIÁ!'. The body of the post contains two paragraphs of text. The first paragraph discusses the difficulty of organizing a school reunion and asks for help from colleagues. The second paragraph expresses hope for contributions and mentions having prepared some images and videos. At the bottom right of the post, there is a red text link: 'Adianta debater racionalmente com quem está tomado pelo medo?'. At the bottom left, there are options for 'Gostou?', 'Citar (OM)', and 'Citar'.

<sup>57</sup> Ver anexo B.

<sup>58</sup> Figura extraída da CPC em 21 de fevereiro de 2013.

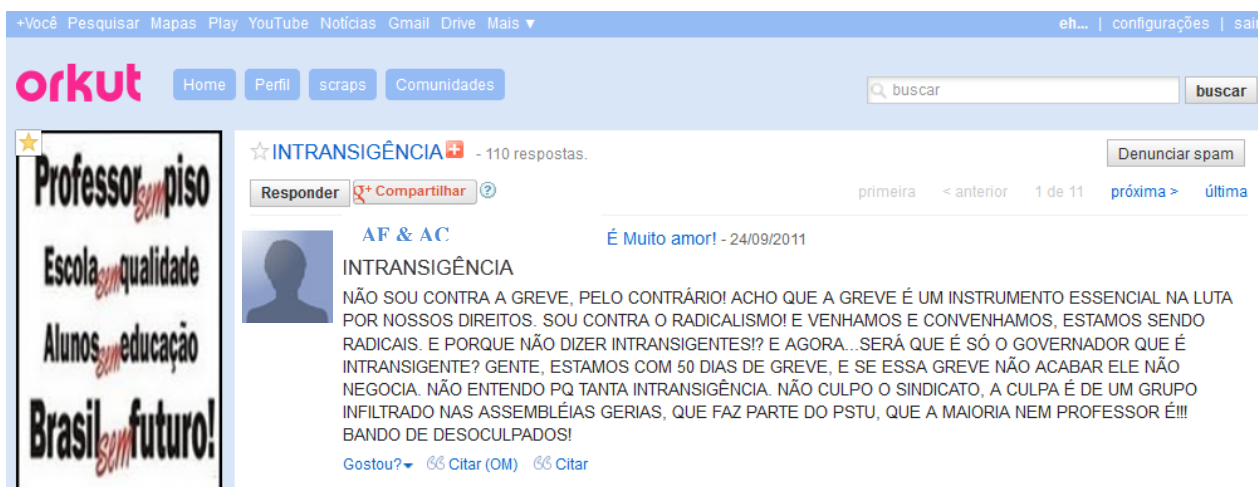
Se, de um lado, a leitura que fizemos do sujeito nos conduziu a uma leitura da A1, de outro lado, esta alimentou a identidade que construímos de seu usuário. É importante mencionar também que a repetição da assinatura no ambiente fez que ela funcionasse, para nós, como uma espécie de forma referencial designativa do seu usuário. De modo mais claro, a automatização da A1 nos fazia associá-la imediatamente ao sujeito de pesquisa, como “a pessoa do ‘ISTO É O QUE SOMOS’” ou “a pessoa das assinaturas”, já que, na CPC, o uso dessa ferramenta não era comum entre os outros membros.

Não obstante ter sido produzida em uma interação assíncrona, a A1 permite notar que existe todo um trabalho de negociação, tanto por parte de quem ativou essa assinatura, quanto por parte de quem pudesse vir a interpretá-la. No caso, inferimos que o referente “professor” acionado por ela tinha um sentido útil dentro do espaço do fórum da CPC, um sentido que poderia trazer ânimo aos interlocutores imediatos, envolvidos em um desgastante movimento de luta social. Pensamos que esse lado circunstancial do referente se estabeleceu também por meio de uma negociação mais ampla, que ratifica um discurso já bem conhecido pelo grupo (o papel central que o magistério exerce dentro da sociedade), um discurso que parecia fazer parte do conjunto de valores do sujeito.

Além dessa análise mais panorâmica, que tomou por base nossa experiência de inserção na CPC, consideramos proveitoso verificar o uso inaugural que esse membro fez da A1. Nossa hipótese era a de que esse uso pioneiro evidenciasse ainda mais as motivações que levaram o sujeito a construir a A1, da forma vaga como ela se apresenta. Essa ideia nos ocorreu por ocasião da pesquisa, pois, como dito com o exemplo de Costa (2007a, p. 147), enquanto participantes da CPC, não sentíamos carência de buscar postagens específicas ou anteriores para averiguar interpretações, tudo nos parecia vir de modo muito natural.

Como descrevemos no subitem 2.4.1, do capítulo de metodologia, o tópico de discussão em que a A1 se manifesta pela primeira vez é denominado de “INTRANSIGÊNCIA”, nele constando 110 mensagens eletrônicas. A postagem propulsora desse tópico deixa ver um clima de embate entre os participantes do movimento de greve de 2011:

FIGURA 7: Mensagem propulsora do Tópico “Intransigência” – A1



Como acabamos de mencionar, vemos que uma atmosfera de conflito perpassa o texto de “AF & AC”<sup>59</sup>. O autor da mensagem exposta acusa o conjunto de professores participantes da greve de radicais e intransigentes. No fim da mensagem, podemos perceber que o autor termina por dirigir sua crítica a um grupo político particular que ele afirma estar “infiltrado” nas reuniões da categoria.

Esse tópico proposto para discussão divide opiniões entre os interactantes. Isso pode ser facilmente percebido nas respostas que vão sendo registradas. Grosso modo, alguns apostam na continuidade da greve, outros clamam pelo fim do movimento. Dependendo do ponto de vista que os interlocutores assumem em relação à questão, são construídas versões referenciais que incidem sobre as partes envolvidas. Em todo o tópico, a realidade vai sendo negociada. Não trouxemos exemplos de todo esse processo porque nosso foco não é, como temos explicado ao longo deste estudo, as possíveis transformações de formas referenciais nessa cadeia de respostas mais evidente. Elegemos o recurso da assinatura para investigação porque queríamos tratar da intersubjetividade em uma construção que fosse mais privativa e que não pedisse resposta explícita.

<sup>59</sup> A designação desse sujeito foi abreviada por nós, por motivos de preservação ética. Também sua foto pessoal foi encoberta. Procedemos dessa forma também com outros interlocutores. Só não agimos assim quando as imagens e os nomes não eram “reais”.

Sentimos a necessidade de fazer essa curta descrição da temática e do desenvolvimento do tópico como uma contextualização da mensagem pretendida para análise. Dessa forma, preparamos o “terreno” para tratarmos desse dado principal. Como elucidamos anteriormente, sob a expectativa de que o uso pioneiro da A1 pudesse tornar mais visível a constituição dialógica dessa assinatura, concentramo-nos no discurso dessa postagem “de origem”, que aparece em um ponto já bem avançado do tópico; reproduzimo-la a seguir.

**FIGURA 8: Mensagem inaugural da A1**

De antemão, podemos verificar, na figura 7, um “espaço de intersubjetividade” (MONDADA, 1999, p. 3) bem marcado. O sujeito de pesquisa retoma o texto de um interlocutor específico, por meio do recurso “quote”<sup>60</sup>. A estratégia da citação provavelmente foi utilizada com a finalidade de diminuir “a distância temporal” (VIOLI, 2009, p. 55) entre as respostas: a de “RL” foi publicada nove horas antes que a do sujeito de pesquisa, como se pode verificar no cabeçalho da mensagem reproduzida por este. Devido a essa distância temporal, mensagens de outros usuários terminaram por se colocar entre o “desafio” de “RL” e o aceite do sujeito de pesquisa.

Essa exibição do discurso do outro permite simular uma copresença, uma negociação semelhante à realizada em conversações orais, o que, para nós, sinaliza a

<sup>60</sup> Esse recurso foi descrito na subseção 2.2.2, do capítulo precedente.

“[...] ilusão de um espaço físico comum, onde as trocas se dariam em tempo real” (COSTA, 2007<sup>a</sup>, p. 12). No entanto, sendo uma ilusão, os interlocutores, na verdade, continuam sem poder interferir no meio do processo de execução do texto uns dos outros. cremos que esse condicionamento do ambiente mereça um destaque, uma vez que promove uma negociação indireta (os usuários não interrompem a “fala” uns dos outros), mas com aspecto de negociação direta (os usuários retomam mensagens ou parte de mensagens uns dos outros para retrucarem).

Discordando do ponto de vista de “RL”, o usuário da A1 lança seus argumentos. Designado nesse *post* como “Prof. Silencioso”, uma atualização de *nick* ocorrida depois da produção dessa mensagem<sup>61</sup>, ele acredita que existem provas factuais de que parte dos professores, a despeito de terem voltado para suas salas de aula, continuaram ativos na causa grevista. O peso desse testemunho pode ser melhor compreendido se lembrarmos o que diz o senso comum: quem retoma suas atividades nesse contexto é uma pessoa individualista, egoísta, traidora, que se abstém completamente de qualquer reivindicação coletiva. Podemos dizer que a realidade que está sendo compartilhada pelo usuário da A1 destoa dessa versão corrente. Ao avaliarmos essa mensagem inaugural, podemos pensar que o “ISTO” aponta para essa realidade “nova”, “recente”, descrita no discurso do sujeito de pesquisa, uma descrição que encapsula não apenas informações linguísticas da mensagem, mas, sobretudo, informações que fazem parte de uma experiência vivida. Mais uma vez, percebemos que a negociação ocorre não apenas com o sujeito imediato, mas com o discurso maior que está colocado em cena.

Vemos que tanto “RL” quanto o “Prof. Silencioso” tentam formular seu discurso objetivamente, um autoreferenciando-se perito na questão de movimentos grevistas, outro escrevendo com base em exemplos “concretos”, “reais”. No entanto, como podemos perceber, a objetividade de ambos denuncia “*uma vida social e intersubjetivamente fundada*” (MARCUSCHI, 2007, p. 137, grifo do autor).

---

<sup>61</sup> cremos, pelas análises que fizemos dos tempos de alguns *nicks* desse usuário, que, nessa postagem, ele estaria denominado como Prof. Laborioso. Essa nossa conclusão foi possível porque, apesar de o sujeito imprimir modificações no seu *nick* e elas afetarem todas as postagens, no corpo das mensagens de interlocutores podíamos ver a referência bem marcada ao “Amoroso”, ao “Laborioso”, ao “Rancoroso”, etc.

Diante do que observamos na figura 7, temos que a A1 aciona o referente “professor” com traços de alguém forte, vencedor. Frente aos ânimos aflorados dos participantes, essa assinatura parecia querer recuperar o sentimento de grupo e a autoestima dos membros, o que já havíamos previsto em nosso primeiro momento de análise, quando falamos a partir da nossa vivência de usuário na CPC. Para quem estivesse ambientado na CPC, supomos que não seria custoso entender que a A1 aponta para uma representação mental honrosa da classe, o que ganha reforço nessa análise mais específica. Essa mensagem inaugural, inclusive, pode nos levar a inferir que a A1, em sua estrutura linguística, é “original” desse sujeito, o que, surpreendentemente, como veremos na seção posterior, não se confirma.

### *3.1.2 O lado mais amplo da negociação – olhar do sujeito*

Dedicamos esta subseção ao estudo dos dados da entrevista sobre a A1. De maneira equivalente ao procedimento adotado no subitem anterior, começamos de um modo mais geral, discutindo os motivos que fizeram que o sujeito optasse por ativar assinaturas; depois, de um modo mais específico, discutimos as observações que ele fez do primeiro uso da “ISTO É O QUE SOMOS”. Em ambos os momentos, buscamos verificar a interferência de fatores amplos (crenças, valores, experiências sociais) na elaboração da A1, a fim de desvendar o diálogo menos perceptível que está na base da formulação dessa assinatura.

Logo no princípio da entrevista, tomamos conhecimento de que a decisão do sujeito de empregar assinaturas foi influenciada pela vivência dele com outros “*grupos de debate*”<sup>62</sup> virtuais, além da CPC. Conforme ele nos contou, essa prática o fez se deparar com alguns usuários que se serviam de várias ferramentas eletrônicas, dentre elas as assinaturas. Isso, então, despertou-o para a personalização de postagens. A vontade de aprender o fez, inclusive, solicitar ajuda virtualmente a esses usuários habilidosos que sabiam instalar complementos às mensagens. Assim, durante sua experiência de interlocução nesses grupos, ele foi adquirindo competências que lhe permitiram incrementar suas respostas no fórum da CPC. Tal motivação pode ser vista no seguinte trecho do relato:

---

<sup>62</sup> Optamos por grifar em itálico e por marcar com aspas expressões e falas do entrevistado que incorporamos diretamente ao nosso discurso. Dessa forma, tentamos evitar ambiguidades que as aspas poderiam causar se nós as utilizássemos sozinhas.

*Assim houve uma época que eu frequentava comunidades, outros grupos de debate, se bem que o grupo de professores era um grupo de debate, mas, por exemplo, eu frequentava grupos sobre o debate entre o evolucionismo e o criacionismo que me interessava ter algum conteúdo sobre isso na parte da filosofia da ciência que era o meu interesse, é debate sobre ateísmo e teísmo, sobre estado laico e estado teocrático, então sempre havia comunidades que trabalhavam a questão do debate e eu participava delas. Ai... eu topei com alguns usuários, bem poucos usuários mesmo que tavam usando esses recursos adicionais, frase-assinatura, é... automático, ficava pré-gravado mesmo, ele não precisava colocar sempre, né? Ele simplesmente digitava o corpo da mensagem no discurso dele dava enter e já saía automaticamente a frase lá no final [...]*

Essa trajetória pessoal do sujeito demonstra que foi através de interações no ciberespaço que ele foi se apropriando de determinados recursos tecnológicos. No entanto, apesar de evidenciar essa influência recebida pelo sujeito, a entrevista nos deu condições de descartar a possibilidade de a A1 ser uma assinatura circular. Como veremos adiante, essa assinatura não é original do entrevistado, mas também não foi extraída por ele de conversas eletrônicas. Ademais, cremos que seja relevante frisar o caráter “aberto” das técnicas, isto é, só o fornecimento de ferramentas não é suficiente para determinar que elas serão utilizadas. Como declara Lévy (1999, p. 26-27), as técnicas abrem “algumas possibilidades”.

Ainda discorrendo sobre as razões que o conduziram a aderir a assinaturas, o sujeito de pesquisa nos revela que, inicialmente, seu desejo era automatizar a exibição de uma imagem<sup>63</sup> ao final de suas respostas. No entanto, segundo ele explica, isso não foi possível por questões de ordem técnica. Então, ele acabou por utilizar frases verbais, acrescidas de elementos tipográficos, como cor e sombra. Apesar de, neste estudo, não nos focarmos na contribuição de elementos visuais no processo de referenciação, consideramos pertinente dizer que, na ocasião em que o sujeito ativou a A1, sua foto perfil era essa imagem mencionada:

*eu me lembro que... num sei se você tem aí, mas a imagem é justamente desses dois professores de mãos dadas com o escudo do batalhão de choque atrás, então a própria frase-assinatura fazia referência à foto do avatar, né?*

No caso, quando coletamos as mensagens eletrônicas, essa imagem, na época utilizada pelo sujeito, já tinha sido substituída pela que pode ser vista na figura

---

<sup>63</sup> Essa imagem era conhecida pelo grupo no período na greve, ela mostrava “dois professores de mãos dadas diante do batalhão de choque, somente as mãos [dos professores]”, nas palavras do próprio entrevistado.

8<sup>64</sup>. Optamos por expor esse momento da entrevista, porque cremos que ele reforça a conclusão a que chegamos no subitem 3.1.1 sobre o referente “professor” evocado pela A1. A ideia de que os professores são fortes e corajosos fica bem evidente quando pensamos nessa figura que deveria estar no lugar da frase “ISTO É O QUE SOMOS”. Também a interferência “externa” da greve se torna bem nítida quando pensamos nessa figura. Ademais, essa revelação que relaciona intimamente assinatura e *avatar* nos fez ver que, de certa forma, havia uma intenção por parte desse usuário da A1 de apontar para uma situação, para que os interlocutores pudessem visualizar o “ISTO” naquela cena mostrada pela imagem, algo muito semelhante ao que ocorre em conversas face a face. No entanto, diferentemente de diálogos orais, que contam com a ajuda “precisa” dos gestos indicadores de direção, dentro do ambiente virtual, não sabemos se os interlocutores fizeram essa associação A1/*avatar*.

Julgamos que os aspectos discursivo, sociocognitivo, ideológico e intersubjetivo, que se imbricam nos fenômenos referenciais, ganham “corpo” na escolha da A1. Nessa opção feita pelo sujeito, existe toda uma “proposta de sentido” (KOCH, 2006, p. 61) montada com base em uma forma de avaliar a realidade, a qual não corresponde a “[...] um mundo autônomo já discretizado em objetos ou ‘entidades [...] independentemente de qualquer sujeito” (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 19). E vemos que essa forma de avaliar, embora esteja saindo de um locutor específico, é “*intersubjetivamente fundada*” (MARCUSCHI, 2007, p. 137, grifo do autor).

Nessa parte da entrevista em que o sujeito traz suas recordações, sem se pautar por nenhuma mensagem eletrônica pontual, já podemos perceber a representação de “professor” associada à A1:

*eu usei essa frase mais pra dizer que, o que é o “isto é o que somos”? Somos a luta... Somos o esclarecimento, nós somos a educação, nós somos a vontade de que as coisas mudem, então era uma frase mais motivacional também... “Isto é o que somos”, estamos na luta, estamos é tentando mudar a situação, né, reverter o processo de sucateamento da educação. [...] O “isto é o que somos” é uma coisa que tentava traduzir a natureza do professor que tava no momento de luta, é, é, e que se sentia comprimido, né, não só carreira, mas na própria natureza o professor se sentia achatada, e era algo pra dizer: “olha, isto é o que somos”.*

---

<sup>64</sup> A parte de um rosto de uma pessoa que está com seus lábios costurados.



Por meio dessa passagem em destaque, podemos ver que o sujeito estava preocupado em resgatar “*a natureza do professor*”. As categorizações externalizadas (o “*professor*” seria “*a luta*”, “*o esclarecimento*”, “*a educação*”, “*a vontade que as coisas mudem*”) permitem enxergar que, na base da A1, há uma forte influência tanto de aspectos enunciativos imediatos (o contexto da greve e os interlocutores, no caso, docentes), quanto de informações vindas de frames atrelados à entidade focada (a visão de que os educadores são o eixo de grandes transformações sociais).

O ponto alto da entrevista, para nós, foi a revelação feita pelo entrevistado de que o enunciado da A1 não era uma “*invenção*” sua. Como expusemos no subtópico precedente, após atentarmos para o uso inaugural dessa assinatura, pareceu-nos óbvio que sua estrutura linguística era algo original, bem inspirado no conteúdo da postagem pioneira. Segundo elucida o sujeito de pesquisa, “*o ‘isto é o que somos’ é uma frase, era um lema na verdade de uma minissérie chamada ‘Milênio’*”. A seguir, transmitimos a narração que o pesquisado faz sobre o conteúdo dessa “*minissérie*”:

*O mesmo autor do Arquivo X que fez mais sucesso aqui no Brasil tinha um seriado chamado “Milênio” e ele lançou esse seriado por volta de 96 até 99, 2000 que foi, teve poucos anos, né, de, de série, poucas temporadas, mas foi um seriado que falava sobre apocalipse, fim do mundo, tava na, naquela época era moda, né? Aquela questão do Nostradamus, 2000 não passarás, como agora foi a questão do calendário maia, né? E, e, havia dentro dessa minissérie um detetive que investigava casos paranormais e, geralmente, casos ligados a psicopatas, né, a serial killers, é, e ele se utilizava de poderes ditos sobrenaturais ou paranormais que ele acreditava ser um dom de Deus na vida dele, dentro dessa série havia uma organização chamada Milênio que era, como eu poderia dizer, tava meio que ligada ao cristianismo, né? Não mais nenhuma igreja específica, mas era uma organização cristã que estudava sinais de que o apocalipse estava acontecendo, e um dos lemas dele era justamente esse “isto é o que somos” para dizer o seguinte: o que é que nós vamos fazer? Nós vamos refrear o apocalipse que vai acontecer inevitável? Ou vamos aceitar os sinais é... do tempo, e deixar a coisa correr, né? Ou vamos acelerar o processo?*

A partir desse trecho, podemos notar que a fictícia “*organização cristã*” enfrentou uma situação bastante delicada, que colocava o grupo diante de um forte dilema. A nosso ver, existiria aí uma aproximação com o contexto tenso de greve pelo qual passava a grande maioria dos professores da CPC. Conforme expõe o sujeito de pesquisa, ele “*não esperava que ninguém reconhecesse a frase*”, no caso, ele teria feito uma atualização, com a finalidade de divulgar a “*ideia de luta*”, de “*mostrar algo positivo, de encorajador, motivacional*” em direção à membresia da CPC. Cremos que

essa atualização também é uma forma de negociação, mesmo que seja efetivada, de forma mais particular, entre o sujeito e um mundo fictício. Prova desse processo de negociação é que o sujeito já presumia que seus interlocutores não perceberiam esse elo, uma limitação que não os impediria de “captar” o sentido atualizado.

Consideramos que a entrevista com o sujeito serviu bem ao seu propósito. As declarações mostradas, em nosso entendimento, levaram-nos para além da “ponta do iceberg”, de que nos fala Beaugrande (1997, *apud* MARCUSCHI, 2006, p. 8), ao defender que texto é um “[...] evento em que convergem ações de natureza lingüística, social e discursiva”. Nesse sentido, cremos que ficou mais clara a ideia de que a língua e o mundo não se relacionam de modo transparente e, conseqüentemente, de que as formas lingüísticas são escassas, como advoga Salomão (1999, p. 66). Dessa maneira, pensamos ter enxergado um pouco melhor as negociações menos perceptíveis efetuadas pelo usuário da A1. Ademais, julgamos que também tenha ficado fortalecida a ideia de que a interpretação não é algo pronto, e, sim, um processo de negociação dependente da ação dos interlocutores nele envolvidos, uma vez que, sem o conhecimento dessa série Milênio, não é possível estabelecer uma relação entre esta e a A1.

Dando prosseguimento à conversa com o sujeito, questionamo-lo sobre a estrutura lingüística “frouxa” dessa assinatura, se ele considerou que alguém pudesse não compreendê-la ou pudesse estabelecer sentidos outros. Em sua fala, o pesquisado demonstrou que, na época, não se importou com isso. Na verdade, ele teve expectativas de que os seus interlocutores interpretassem a A1, tendo em mente os posicionamentos defendidos por ele, como podemos ler no seguinte excerto:

*[...] mas eu esperava que as pessoas relacionassem a frase final “isto é o que somos” com o contexto das minhas colocações... e quem já vinha acompanhando o fórum há mais tempo, tinha uma noção do que eu pensava... então a minha preocupação num era nem tanto com quem tava chegando agora, mas, com quem tava se ambientando... mas com alguém que já tinha um histórico, que já estava ambientado, então a ideia era de certa maneira até que eu pudesse influenciar positivamente, segundo meu ponto de vista do que seria positivo... porque assim talvez... a ideia de luta, de continuidade da greve, que pra mim era necessário na época ressoasse neles, e deles ali eles continuassem defendendo de outra maneira, cada um ao seu modo, cada um usando as suas expressões, né?*

É interessante notar que essa hipótese levantada pelo entrevistado de que os interlocutores iriam interpretar a A1 com base na linha ideológica assumida por ele, foi

confirmada por nós na subseção precedente. Mostramos que um dos caminhos que encontramos, como um membro da CPC, para compreender a A1 foi relacioná-la à identidade que tínhamos elaborado para o seu usuário. Houve, de nossa parte, a “[...] necessidade de **estabelecer a identidade do intérprete para fazer sentido**” (SALOMÃO, 1999, p.71, grifo da autora). Essa fala do sujeito parece mostrar que, de dentro do fórum, “Grande parte da informação é dada como suposta [...]” (VIOLI, 2009, p. 55), o que também destacamos na subseção anterior.

Finalmente, quando indagamos ao sujeito sobre o uso inaugural da A1, lendo com ele a mensagem correspondente por meio do nosso *netbook*, ele confirmou o nosso pensamento de que aquela postagem desafiadora do “RL”, exposta na figura 8, pudesse ter instigado a ativação dessa assinatura:

*Sim, sim, lembrar que ainda tínhamos... condições de permanecer em greve, lutando, né? O retorno naquela época era de dizer assim “não dá mais pro governo”... e o governo observaria “eles não têm mais força de continuar, morreram na praia... e não há mais o que fazer, vencemos”, então se manter em greve, mesmo quando já não havia mais ânimo, não mais pelo ânimo, mas pela questão tática, estratégica, racional mesmo, era não dar motivações ao governo no caso... de empurrar goela abaixo o que ele queria pra gente.*

É importante observar nesse excerto não só esse sinal positivo dado pelo sujeito, mas, principalmente o diálogo que ele constrói em sua mente com o governo. A fala do entrevistado demonstra que suas colocações recebem interferência não só do grupo de “professores”, mas também sofrem pressão daquilo que ele acha que o governo vai fazer, perante as atitudes da categoria. De certo modo, podemos afirmar que a A1 é um “recado” também para os governantes do Estado. Nesse sentido, mais uma vez, notamos a forte influência da situação de greve na qual o sujeito estava inserido.

Ante as conclusões feitas, temos que a A1 provocou negociações que decorreram de múltiplas afetações: a história e as experiências pessoais do sujeito (dentro e fora do ciberespaço), os aspectos enunciativos imediatos (contexto de greve, interlocutores, comunicação virtual), informações consensuais amplas (o ideal de “professor”). Tudo isso confirma o pressuposto de que os referentes são intersubjetivos, construídos na “[...] interação, mediada pelo outro, e na integração de nossas práticas de linguagem com nossas vivências socioculturais [...]” (CAVALCANTE, 2011, p. 15-16).

## 3.2 Assinatura “Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir”

### 3.2.1 O lado mais eventual da negociação - olhar do pesquisador

Seguindo a lógica analítica adotada na seção anterior, neste primeiro momento, discutimos a A2 com apoio em nossa vivência no ambiente eletrônico e em nosso olhar de pesquisador perante o material linguístico da mensagem que a inaugura.

Observando os quadros-controle da A1 e da A2<sup>65</sup>, diagnosticamos que esta sucede aquela na ordem cronológica de publicação. Ambas são exibidas no período delicado em que a greve de 2011 da rede estadual de ensino cearense se encaminha para o seu fim<sup>66</sup>. De modo semelhante a “ISTO É O QUE SOMOS”, cremos que o discurso da A2 seja bem inteligível para os membros da CPC. Uma justificativa sólida para isso, frisada também na subseção 3.1.1, é o fato de os interlocutores estarem dividindo uma “moldura comunicativa” (SALOMÃO, 1999, p. 70): eles pertencem à CPC e são, em sua maioria, educadores afetados pelo movimento grevista (e, como tal, não se sentiam satisfeitos com certas políticas que regulamentavam suas condições de trabalho).

Em nossa posição de usuário, inserido na cena (no quadro contextual “interno” criado pelas conversas eletrônicas e no “externo” relacionado aos episódios da greve), não tardamos a concluir que a A2 evocava basicamente dois entes referenciais: um vinculado aos “docentes grevistas”, aqueles que estariam sendo prejudicados, e outro ao “governo”, aquele que seria o causador desse prejuízo. Vemos que tais representações têm forte razão ideológica, tomando aqui o “ideológico” em uma acepção bakhtiniana, explicada no subitem 1.1.3: de fazer uma avaliação sobre a realidade (FARACO, 2009, p.47). Para nós, tais objetos de discurso, instaurados sob um juízo a respeito do mundo, não podem escapar de um trabalho de negociação colaborativa, mesmo que esta não se revele explícita no material verbal.

Agora, diferentemente do que nos ocorreu quando tivemos contato com o enunciado da A1, reconhecemos logo que a estrutura da A2 não era uma criação autêntica do seu usuário. Dentro da CPC, o enunciado “Se não nos deixam sonhar, não

<sup>65</sup> Localizados na subseção 2.4.1 do capítulo anterior.

<sup>66</sup> Inclusive, a A2 permaneceu um dia depois em que foi decretada a suspensão do movimento.

os deixaremos dormir” era bastante propagado pelos membros, não na forma de “assinatura”, mas no interior do discurso das mensagens. Nossas suspeitas de que se tratava de um dizer afamado nos levou a colocá-la (envolta por aspas) na caixa de busca do *Google*. Isso fez que se confirmassem nossas desconfianças. Embora não tenhamos encontrado uma autoria precisa para esse enunciado, certificamo-nos de que ele vem sendo, ao longo dos anos, largamente utilizado em movimentos sociais.

A história antiga da A2 fortificou a ideia que nos veio à mente, sob a moldura de participante da CPC, de que essa assinatura indiretamente atribuía ao usuário e ao grupo traços de pessoa “revolucionária”, que não desiste daquilo que julga ser um direito social. É interessante notar que essa imagem “aguerrida” dos docentes é fruto de uma “**conceptualização socialmente localizada**” (SALOMÃO, 1999, p. 64, grifo da autora) e não de uma realidade dada. Aliás, de certa forma, a representação do “professor” como alguém combatente que sai às ruas para protestar não nos parece, pelo nosso conhecimento de mundo, ser uma representação naturalizada em nosso Estado. Essa realidade circunstancial reportada pela A2 testifica que “O mundo se explicita categorialmente na recorrência das relações intersubjetivas e não se acha discretizado de uma vez por todas [...]” (MARCUSCHI, 2007, p. 41).

Similarmente à experiência que tivemos com a A1, não necessitamos procurar uma postagem pontual para visualizarmos esses referentes na A2. Embora não houvesse na estrutura linguística dessa assinatura as expressões referenciais “professor” e “governo”, naturalmente ativamos essas entidades por estarmos posicionados no lado “de dentro das discussões” (COSTA, 2007a, p.147). Também consideramos que, de modo equivalente a A1, a interpretação que fizemos da A2 estabeleceu estreita relação com a identidade que construímos para o usuário, alguém que nos parecia preocupado com o futuro da educação e em motivar os participantes do movimento de greve a lutarem por seus direitos.

Para nós, essa análise mais geral já nos permite ver que a A2, assim como a A1, estabelece negociações implícitas tanto por parte do seu produtor, quanto por parte dos seus possíveis interpretantes. Isso aconteceria no âmbito da produção, porque o seu usuário (re)alimentou versões referenciais que estavam sendo instanciadas no universo discursivo das trocas (realizadas entre os interlocutores imediatos da CPC) e também porque esse sujeito ratificou um discurso amplamente propagado em movimentos

sociais; e no âmbito da interpretação, porque, como “**operação social**” (SALOMÃO, 1999, p. 71, grifo da autora), o interlocutor, mesmo de forma silenciosa, ajusta possíveis representações, tendo em conta a sua própria perspectiva e a do produtor do texto. De uma maneira mais ampla, cremos, sob a ótica bakhtiniana, que toda avaliação que fazemos acerca do mundo sempre concorda com ou discorda de, alimenta ou resignifica, mantém ou transforma, algo que faz parte da “corrente de comunicação verbal ininterrupta” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 128).

Após expormos o nosso entendimento mais geral sobre a A2, sem nos centrarmos em nenhuma mensagem eletrônica específica, entramos na fase de averiguação da sua postagem de estreia. Como explicamos na seção precedente, supomos que esse texto de inauguração da assinatura pudesse trazer pistas materiais mais explícitas a respeito dos referentes e sentidos a ela associados pelo seu produtor, o que nos permitiria enxergar com maior clareza as possíveis negociações que teriam acontecido.

O tópico em que a A2 surge pela primeira vez é intitulado “RESULTADO DA ASSEMBLÉIA - DIA29<sup>67</sup>”, nele constando 19 postagens. De modo equivalente à mensagem que lançou a A1, a que principiou a A2 também destaca um “espaço de intersubjetividade” (MONDADA, 1999, p.3), como se pode verificar a seguir.

**FIGURA 9: Mensagem inaugural da A2**

Prof. Silencioso . - 30/09/2011

12:47 (1 hora atrás) Postou:

Depois daquele ataque de ontem, não há mais alternativa a não ser manter a greve. Se o governo radicalizou contra a gente, vamos radicalizar contra ele.

---

Quem acompanha as minhas postagens deve ter percebido que eu sempre questionava se queríamos lutar pela educação ou fragilizar o governo. Pois agora quero as duas coisas. Pra mim chega, temos que conseguir de fato essas duas vitórias...e uma delas companheir@s, já estamos levando vantagem...esse governo está super desgastado, parabéns a tod@s nós.

---

Vamos cobrar esta postura de todo o sindicato. Demoraram muito pra entender uma verdade clara!

Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir!

Gostou? ▾ Citar (OM) Citar

<sup>67</sup> Essa Assembleia Geral dos professores, na verdade, ocorreu no dia 30 de setembro de 2011, uma correção que é sinalizada pelos interlocutores do tópico.

Este tópico foi criado, em tese, para compartilhamento de informes. A ideia era que os professores divulgassem o resultado da votação realizada em assembleia oficial da categoria – se a greve fora mantida ou suspensa. Caso o movimento fosse reafirmado, o pedido era que aqueles que estiveram presentes nessa votação esclarecessem a agenda, isto é, as próximas atividades. No entanto, pelo que podemos notar através das respostas obtidas, os interlocutores não apenas expunham notícias, como faziam apreciações sobre elas, dirigiam mensagens de ânimo para os colegas, agradeciam aos que estavam contribuindo com o movimento, discutiam estratégias futuras etc.

É importante mencionar que essa votação em destaque foi a ocorrida após um acontecimento bem marcante na história dessa greve, como podemos perceber no registro de “A” na figura 9: “Depois daquele ataque de ontem, não há mais alternativa a não ser manter a greve”. Com repercussão nacional, esse episódio - em que os docentes tentaram entrar na Assembleia Legislativa do Ceará para impedir a aprovação de uma proposta salarial que, na opinião dos grevistas, era indigna<sup>68</sup> - terminou com alguns manifestantes feridos pela intervenção da Polícia Militar. Esse dia ficou, então, conhecido pelo grupo grevista como a “quinta-feira negra”.

Vemos, nessa mensagem inaugural da A2, que o interlocutor “A” passa a admitir a necessidade tanto da manutenção da greve (a “luta pela educação”), quanto da desestabilização do governo, o que para o sujeito de pesquisa (“Prof. Silencioso”) há algum tempo já era uma obviedade, “uma verdade clara”. A nosso ver, essas duas ações aí colocadas como indispensáveis casam com o discurso da A2, que coloca professores e governo em uma situação de choque. Pela leitura dessa mensagem de estreia, tivemos suspeitas de que o episódio de repressão pudesse ter estimulado a escolha dessa assinatura pelo nosso sujeito, uma questão que será retomada na entrevista a seguir.

### *3.2.2 O lado mais amplo da negociação – olhar do sujeito*

Dedicamos esta subseção para tratar dos comentários do sujeito de pesquisa sobre a A2, obtidos em entrevista oral semiestruturada. Assim como fizemos com as

---

<sup>68</sup> Podemos ler uma notícia a respeito disso no link: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2011/09/29/apos-pancadaria-no-ceara-deputados-aprovam-pagamento-de-piso-para-professores.htm>. Acesso em 07 mar. 2013.

falas concernentes à A1, buscamos destacar motivações e negociações operadas pelo usuário na escolha da A2 como um enunciado de reprodução automática.

Logo no princípio da entrevista, o sujeito introduz a A2 como um discurso

*[...] muito utilizado em protestos, manifestações... “Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir” é uma frase já muito ligada dentro da esquerda é muito comum o pessoal usar mesmo, então é algo mais comum, os professores já conheciam já de outros carnavais...*

Por essa descrição do pesquisado, temos que a A2 manifesta um discurso esquerdista. Essa passagem exposta acima testifica o que dissemos na subseção anterior, a A2 recupera palavras de reputação histórica. Dessa forma, cremos que tal apropriação, por parte do usuário, de um discurso “consagrado” evidencia um trabalho cognitivo de negociação intersubjetiva ampla, uma vez que esse usuário acaba por ratificar e atualizar ideias e representações que recobram uma memória antiga. Isso nos lembra o que diz Faraco (2009, p. 84) ao tratar do sujeito dialógico de Bakhtin: “[...] não tomamos nossas palavras do dicionário, mas dos lábios dos outros”.

Alimentando uma voz social reconhecida como de “esquerda”, percebemos, conforme já apontado em 3.2.1, que a A2 evoca uma versão referencial do usuário e dos membros em geral associada a pessoas que reagem ao que elas julgam violar direitos coletivos, uma versão aceitável nas circunstâncias da interação (o contexto de greve). O sujeito acaba por estabelecer uma aproximação entre o movimento de greve vivido por ele (e pelo grupo da CPC) e outros contextos de reivindicação ocorridos ao longo dos anos. Ademais, ao assumir esse discurso como assinatura, ele mostra uma identificação com valores assumidos por quem já ecoou esse brado. A partir disso, podemos dizer que o olhar do sujeito para o real envolve negociações, num plano mais individual e profundo, dele para com seus valores que, por sua vez, são socioculturais. Tais considerações reforçam a ideia de que não há como separar “interpretação-do-mundo, representação-de-si e escolha da linguagem” (SALOMÃO, 1999, p. 72).

No decorrer da conversa, conseguimos entender melhor essa certeza que o sujeito exprime, na sua fala destacada anteriormente, sobre o enunciado da A2 ser familiar para a membresia. O sujeito nos explica que extraiu esse enunciado do próprio ambiente da CPC, como se pode verificar na seguinte passagem:



*Na comunidade... não era um tópico voltado para frases motivacionais, mas alguém começou, o outro deu corda e todo mundo foi postando frases... alguém andou postando umas cinco ou seis frases desse tipo... e citando até mesmo o autor, não me lembro de ter conhecido o nome do autor dessa frase, mas foram postando frases combativas... frases de luta, que motivavam a pessoa a ficar consciente de seus deveres e direitos... e no caso direitos aí, eu acho que eu achei interessante essa frase e quis utilizar[...].*

Por meio desse excerto, tomamos conhecimento de que houve uma atitude bem espontânea por parte dos membros de postarem “*frases combativas*” no curso de um dos tópicos de discussão, uma ação que pode estar relacionada à moral de “reciprocidade” que, conforme Lévy (1999, p. 130), é tácita nas comunidades virtuais em geral. É interessante notar que houve aí um alinhamento de ponto de vista entre o sujeito e outros participantes da CPC. A A2, então, não é apenas um acordo intersubjetivo que parte do usuário em direção ao grupo, mas também, e de forma anterior, uma concordância desse usuário com um discurso que já havia sido registrado na CPC e assumido por outros integrantes. Conforme elucidada o pesquisado, esse discurso lhe pareceu “*emblemático*”, algo que “*traduzia bem o espírito da coisa [o momento de greve vivido]*”. Temos que os sentidos da A2 são ancorados por um *background* resultante das trocas no fórum e dos episódios da greve que afetaram os membros.

Pudemos perceber, com apoio da entrevista, que a intenção do sujeito ao utilizar a A2 era a de influenciar os demais membros a não abandonarem seus direitos. Havia, portanto, uma “proposta de sentido” (KOCH, 2004, p. 61) por parte do usuário. Assim como ocorreu com a A1, a repetição da A2 também exprimia um desejo de estimular o grupo a não desistir da luta pela educação, o que torna compreensível a divulgação de uma imagem referencial positiva da membresia:

*Ambas têm a mesma base motivacional, de incentivo, de, como eu poderia dizer, de dar motivação mesmo ao professor pra que continue na luta, à disposição de não se deixar abater, de não se deixar iludir pelas promessas momentâneas [...].*

Ainda, à semelhança da A1, as negociações efetuadas na escolha da A2 travavam um diálogo indireto não só com interlocutores imediatos, no caso, os membros da CPC projetados em tela, mas também implicitamente com o governo estadual, como se pode observar na seguinte fala do entrevistado:

*“Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir”... Ou seja, temo que ficar provocando é, quem tem o poder nas mãos de resolver o problema... É, a gente tinha que usar os meios necessários pra chamar a atenção deles, pra que eles é, criem consciência de que nós não vamos desistir de um direito que é nosso [...].*

Embora os representantes do governo não estivessem inscritos oficialmente na Comunidade, o contexto maior que inspirou as trocas eletrônicas os colocava como parte envolvida na atmosfera discursiva criada no ambiente. Percebemos que a imagem referencial “combativa” e “corajosa” que o sujeito tentou divulgar para o ente “professor” por meio da A2 era resultado também da forma como ele queria que o governo do Estado enxergasse a classe. Além disso, podemos inferir que a A2, à semelhança da A1, era uma espécie de resposta, de alerta, ao governo: [...] *a questão mais era, é, estão nos massacrando... estão nos diminuindo aqui, eu acho que cabe uma contra resposta [...].*

Acreditamos que essas falas do sujeito deixam ver, em certa medida, o trabalho sociocognitivo operado por ele. Seu relato torna mais explícito o diálogo interno que estava na base do processo de escolha desse enunciado que vigorou como assinatura. Percebemos que a imersão da membresia da CPC nas trocas e no contexto da greve tornou desnecessária a menção explícita do referente “professor” e do referente “governo do Ceará” na estrutura linguística da assinatura, uma vez que, nas circunstâncias da interação, ambos estavam proeminentes. Essa conclusão a que chegamos pode ser fundamentada pela Teoria da Acessibilidade de Ariel, já mencionada na seção 1.3 e na subseção 3.1.1. O fato de ser dispensável, para efeito de compreensão por parte de usuários, a inscrição de uma forma nominal informativa que detalhe essas entidades no material linguístico da A2 sugere que ambas dispõem de um *status* de alta acessibilidade na interação, no discurso e na intercogitação.

A nossa suspeita de que o episódio da “quinta-feira negra”, tratado em (3.2.1), pudesse ter sido decisivo na escolha da A2 não pôde ser confirmada pelo sujeito. Ele alegou não lembrar se foi esse mesmo o “evento disparador”. De acordo com o pesquisado, pode ter simplesmente “*havido uma coincidência entre a aquisição da, digamos assim, de uma competência mínima... de saber como configurar o script [...]*”. A nosso ver, essa dúvida não compromete o peso do contexto de greve na escolha e em possíveis interpretações dessa assinatura dentro do ambiente, como é possível

verificar nos trechos da entrevista já mencionados e em outros que podem ser lidos na seção de anexos.

Ainda sobre os motivos que o levaram a mudar de assinatura, no caso de substituir a A1 pela A2, o sujeito respondeu:

*[...] eu lembro agora que eu notava que tava uma coisa muito repetitiva e tava talvez se tornando até sacal, sempre a leitura da mesma coisa ao final dos mesmos posts, e que isso tava ficando olha se tava ficando sacal e eu mesmo estava ficando saturado de ver aquilo repetitivo eu pensei que dirá os outros...*

Em nosso entendimento, essa passagem aponta para o que diz Lévy (1999, p. 22): “É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo”. Percebemos, nesse excerto, que o ciberespaço desempenhou interferência importante na leitura que o sujeito fez da recepção dos seus interlocutores com respeito às assinaturas. No caso, o sujeito previu que a repetição excessiva das assinaturas poderia causar algum mal-estar em outros membros e essa suposição partiu da própria experiência dele enquanto usuário do ambiente e desse recurso específico.

Perante tais conclusões, podemos dizer que a A2, de forma equivalente à A1, é fruto de um conjunto de afetações intersubjetivas: diálogos indiretamente travados com os membros, com o governo e com vozes mais antigas, as quais o sujeito atualiza. Vimos também que a interação, dentro das especificidades de um meio eletrônico, exerceu condicionamentos importantes nesse processo de negociar sentidos e construir referentes.

### **3.3 Reflexões adicionais: a intersubjetividade do processo de negociação de sentidos na construção de referentes por meio de *nicknames* e *emoticons***

Como externalizado em (2.4.1), introduzimos a entrevista com o sujeito de pesquisa destacando características idiossincráticas de suas participações no ambiente que nos chamaram bastante atenção. No caso, “puxamos” assunto dando a conhecer nosso interesse pelo uso singular que ele fazia de *nicknames* e *emoticons*.

Reiterando o que dissemos em (2.1), os *nicks* adotados por esse usuário despertaram a nossa curiosidade basicamente pelo fato de variarem muito em um exíguo espaço de tempo e de serem, no nosso modo de ver, bem autorais e inventivos, isto é, não retomarem pessoas ou personagens célebres. Algumas autodesignações de que o sujeito lançou mão, conforme também mostrado no segundo capítulo, foram: “prof. Orgulhoso”, “prof. Amoroso”, “prof. Ardiloso”, “prof. Rancoroso”, “prof. Laborioso”, etc. Nas palavras do sujeito, ele foi “[...] pegando nicks sempre com esse sufixo ‘oso’, sufixo ‘oso’[...]”. Contudo, segundo pudemos apreender da entrevista, essas escolhas de termos referenciais não eram simplesmente uma operação de seleção de forma linguística. Vejamos o que o sujeito nos disse a respeito das suas motivações:

*Era assim um misto de provocação em relação aos adversários do discurso... Aos meus interlocutores que se opunham à minha forma de pensar e mais denegriam a minha imagem mesmo do que o meu pensamento, não apontavam, eu acho que você deve, se você não percebeu, eu vou até dar uma olhada também que bateu saudade agora, mas assim, faziam mais uma coisa que a gente chama na filosofia e na lógica de argumento ad hominem, é o ataque ao argumentador. Eles não se, eles não apontam as falhas lógicas, argumentativas, as falhas conteudísticas formais ou ainda a intenção do discurso. Eu não sei quantas dimensões deva ter o discurso, mas eu, eu, como leigo, reconheço que deva ter pelo menos três: o conteúdo, se eu estou falando a verdade ou mentira; a forma, se é lógica ou ilógica; e a intenção. E aí eu notei que eles afeta/atacavam mais a pessoa...*

Essa passagem, para nós, permite ver a profundidade da dimensão intersubjetiva que está na base dessas autonomeações feitas pelo sujeito. Podemos constatar que o sujeito dialoga com ideias de uma área intelectual humana, a filosofia, que é sua área de formação, enquanto dialoga com seus interlocutores imediatos, membros da CPC. Isso se coaduna com a perspectiva bakhtiniana, em que o processo de avaliação da realidade tem um horizonte social amplo que toma forma concreta dentro de uma circunstância mais pontual de interação (ver subseção 1.1.3).

Segundo nos explica o sujeito, longe de serem somente uma brincadeira ingênua, as modificações de *nick* funcionavam como

*Às vezes, uma resposta irônica, às vezes, um deboche, escancarado mesmo, e, às vezes, uma crítica, uma forma de rebater... Dizendo olha não é bem a pessoa que você deve atacar ou ferir, mas, sim, a minha argumentação, o meu discurso, é coerente, é lógico, ele se sustenta, ele tem base na realidade, ele tem base lógica, ele se fundamenta em quê? Enquanto as pessoas tavam atacando a pessoa, eu rebatia dessa maneira.*

Com base nesses relatos da entrevista, podemos verificar que os *nicks* estavam bem associados a momentos mais pontuais dos diálogos empreendidos no ambiente. O sujeito chega a nos dizer que “A modificação do *nick* era uma resposta” aos argumentos de determinados interlocutores da CPC. Isso só é possível dentro dos condicionamentos do meio eletrônico: um ambiente de interação assíncrona, que permite um trabalho de elaboração mais requintado e que permite a incorporação de identidades diversas. Podemos verificar, assim, que esses “nomes não são gratuitos e têm um ‘valor discursivo’” (MARCUSCHI, 2005, p. 44) a ser considerado.

Esses depoimentos do sujeito, a nosso ver, também endossam o que diz Salomão (1999), quando ela reconhece que as representações envolvem a assunção de uma perspectiva sobre uma cena, diante de um auditório particular. Vemos que tais autorreferências feitas pelo usuário estão estreitamente vinculadas à forma com que ele interpretava as ideias dos seus parceiros em instantes interativos. Em vez de apenas contra-argumentar verbalmente em mensagens, o sujeito tomou como estratégia de revide a ironia refinada de dar razão aparente aos seus interlocutores revestindo-se, de modo simulado, de características que lhe eram atribuídas por eles. A crítica recebia, assim, um tratamento engenhoso e astuto.

Por meio da entrevista, percebemos que, diferentemente das assinaturas que tinham um objetivo mais motivacional dentro daquele contexto de exaustão de fim de greve, os *nicks* tinham uma inspiração mais local, voltada para “*uma picuinha, ou alguma coisa menor, algo individual [pessoas específicas]*”, algum desentendimento bem específico que surgia no desenvolver da interação.

Sendo um ambiente virtual de convivência que memoriza as postagens dos participantes, o fórum da CPC nos pareceu propício para mostrar esse processo de leitura que fazemos das pessoas a partir de suas opiniões e de suas atitudes, isto é, o modo como, nas circunstâncias da interação, tornamo-nos e fazemos dos outros objetos de discurso. Sobre essa questão, saindo um pouco do contexto da CPC e abordando sua participação em redes sociais de modo geral, o usuário nos conta que

*Muitos professores têm essa visão, de que eu sou uma pessoa extremamente rancorosa, amarga, sem esperança, um desesperançado, colegas de trabalho meus falam isso, se eu posto uma notícia sobre alguma coisa ruim que acontece no mundo, né, e teço a minha crítica “olha tá vendo a gente já sabia que ia dar nisso aí”, então muitas vezes, eles levavam “você não tem*

*esperança, você é rancoroso, você tá no deserto, você não vê nenhuma saída”, não, saída eu vejo, mas passa por uma, como eu poderia dizer, uma modificação muito grande na realidade, passa por uma aposta total na educação do homem, por uma reformulação da educação do homem.*

Por meio desse excerto, podemos notar que o teor dos textos que são postados regularmente por alguém, em redes sociais, acaba por despertar imagens referenciais sobre quem essa pessoa é. Isso, a nosso ver, reforça o que diz Marcuschi (2007, p. 119): “[...] estamos sempre propensos a ver nos comportamentos de nossos parceiros de diálogo significações. Também estamos o tempo todo interpretando suas palavras para além dos seus significados”.

Sobre os *emoticons*, elucidamos, tal como dito no capítulo precedente, que eles nos atraíram pela sua recorrência notável nas postagens do sujeito de pesquisa. Essa repetição de determinados *emoticons*, para nós, transformava-os em um sinal distintivo desse usuário em relação aos outros membros. Questionado a respeito dessas formas diagramáticas de personalização, ele nos respondeu que

*[...] eu me lembro muito que tinha um cachorro... Um cachorro com um arco-íris atrás... E outros emoticons até que eram no estilo gift que era, como eu poderia dizer, que havia um certo movimento... E pra dar um teor mais humorístico, mais, como eu poderia dizer, pra soar mais engraçado, mais leve... Porque a gente tava em um momento muito tenso, né, também? Então como um meio também de aliviar a tensão e de fazer o ambiente ficar mais informal, jocoso... A gente usava essas figuras, essas imagens, com o objetivo de tornar o ambiente mais agradável ou até mesmo tornar a fala mais cômica [...].*

Tal depoimento do sujeito serve de confirmação para a ideia de Violi (2009) de que a tecnologia implica alterações nas nossas “dimensões de experiência”. Percebemos, nesse trecho destacado, que o sujeito se preocupa em tornar “o ambiente mais agradável”. Consciente de que a greve estava gerando tensão para o grupo e interpretando que as trocas, frente a esse cenário de disputa, implantavam uma atmosfera pesada na CPC, o sujeito tenta dar uma outra “cara” para as suas postagens e para o ambiente, na tentativa de descontrair o grupo. Vemos que essa atitude, por parte dele, é fundamentada por toda uma percepção inferencial que ele tem do estado do outro e da aceitação que esse outro vai ter dessa ação.

Tais apontamentos, a nosso ver, enriquecem a ideia que temos defendido de que as negociações intersubjetivas de sentidos e referentes mesclam a fugacidade circunstancial do evento interativo e a resistência de discursos e crenças estabelecidos socialmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora pensemos que, na condição de diálogo amplo, uma pesquisa não possa precisar absolutamente seu início e seu término, buscamos aqui dar um acabamento à “costura” que tentamos empreender ao longo deste relato.

Em nosso trajeto dissertativo, centramo-nos na dimensão de intersubjetividade do referente, a qual, no nosso modo de ver, embora seja reconhecida, ainda tem pouca ênfase nos estudos do texto atuais, interessados no fenômeno da referenciação. Em direção a esse foco, buscamos oferecer um diferencial na forma de lidar com esse aspecto, vislumbrando uma ponta de singularidade para a pesquisa.

No tocante à teoria, esforçamo-nos para tornar notória a face intersubjetiva do referente em sua ligação íntima com outros princípios que têm sido aceitos na referenciação: o discursivo, o sociocognitivo e o ideológico. Embora reconheçamos que nossa argumentação teórica pudesse ter sido mais alargada, cremos que o arranjo efetuado nos forneceu o necessário para elucidar o modo amplo como estávamos concebendo as “negociações intersubjetivas”. Sobre isso, destacamos, como um ponto importante desta pesquisa, a relação que estabelecemos entre o princípio do dialogismo bakhtiniano e o caráter intersubjetivo do referente, uma associação que não vimos ser feita por outros trabalhos em referenciação e que pode ser mais alongadamente debatida por outras pesquisas. Tal pensamento filosófico do Círculo nos permitiu enxergar as “negociações” também como uma “conversa” ao mesmo tempo fugaz e perene nos atos de linguagem.

Na parte mais prática da pesquisa, nosso propósito de contribuição se manifesta na escolha que fizemos pelos dados e no tratamento que dispensamos a eles. Os enunciados-assinatura não só nos pareceram intrigantes, como nos deram a impressão de não repetir o modelo das conversas orais tipicamente usadas para aferir solidez ao postulado de intersubjetividade da referenciação. A produção privativa e a recepção muda característica das assinaturas postadas no fórum da CPC nos tocaram como um desafio. Esses e outros atributos dos dados e nossa ambição de adentrarmos mais fundo no aspecto intersubjetivo nos conduziram, para além da análise material de mensagens eletrônicas, à decisão de relatarmos nossa leitura mais intuitiva sobre as assinaturas, revestidos da condição de membro da CPC, e, sobretudo, de entrevistarmos



o próprio sujeito portador delas. Essa atitude metodológica, para nós, representou um ganho na pesquisa, na medida em que nos forneceu “[...] fatos que de outro modo não seriam notados [...]” (RADFORD & BURTON, 1974, p. 395 *apud* CAVALCANTI, 1989, p. 142).

No que tange a nossa autopercepção frente às assinaturas, destacamos a automática influência da identidade, que havíamos construído para o sujeito durante nossas visitas à Comunidade, na leitura espontânea que fazíamos da A1 e da A2, o que aponta para o *frame* fórum de discussão. Apesar de avaliarmos que uma entrevista com outros membros poderia ter sido melhor aproveitada no sustento dessa consideração, cremos que não há motivos para se excluir o valor do nosso depoimento, já que, como mencionamos, ocupamos a condição de participante ambientado na CPC. Aproveitamos esse momento para dizer que a opção pelo exame de um único sujeito se deve, em maior parte, não só ao pouco tempo destinado a uma pesquisa de mestrado, mas também à impossibilidade de se manejar dados antes da autorização oficial do Comitê de Ética e às demandas que envolvem todo esse processo de aprovação. Sendo a CPC uma comunidade de alcance estadual e sendo os dados do ano de 2011, o contato com os autores das mensagens se tornaria bastante dificultoso, diante do prazo estabelecido para o mestrado, junto ao prazo dos trâmites do Comitê de Ética.

No que concerne ao relato do sujeito, obtido por meio de entrevista, animaram-nos vários “achados”. Gostaríamos de frisar aqueles que consideramos dignos de maior atenção. Apontando para a interferência do meio eletrônico no processo de referenciação, pensamos ter sido valorosas a confirmação do sujeito de que ele contava com um *background* por parte dos interlocutores na interpretação das assinaturas e sua lembrança de que a troca delas se devia a uma tentativa de evitar uma “saturação”, por parte dos interlocutores.

Ainda em relação a acordos intersubjetivos que estiveram na base da escolha dessas assinaturas, consideramos curiosa a revelação do sujeito sobre a memória antiga das assinaturas. A A1 recuperava um lema adotado por personagens de um seriado de televisão e a A2 recuperava um discurso de esquerda. No primeiro caso, não havia expectativas por parte do usuário de que esse lema fosse de conhecimento comum da membresia, o que, para o pesquisado, não afetaria a compreensão do sentido

pretendido por ele. No segundo caso, o grupo foi quem, na verdade, “apresentou” o enunciado para o sujeito de pesquisa e este o adotou.

Pensamos ser pertinente ainda o fato de a entrevista nos permitir visualizar melhor o diálogo que indiretamente o sujeito empreendia não só com a membresia da CPC, mas também com valores e crenças assumidos por ele e com o governo estadual cearense<sup>69</sup>. A imagem referencial do ente “professor” subjacente às assinaturas tinha a ver com o modo como o sujeito compreendia o papel e o valor do magistério na sociedade e o modo como ele gostaria que o governo visualizasse a classe, como pessoas unidas que lutam por seus direitos. Isso nos ajudou a ir além da materialidade linguística, a endossar a ideia sociocognitivista de que existem muitos fatores imbricados atuando na construção de significações.

Sobre possíveis contestações que podem ser feitas a respeito do grau de fidedignidade desses dados da entrevista, ressaltamos o que declara Cavalcanti (1989, p. 141): isto é um “[...] problema não somente para técnicas introspectivas como também para outras técnicas. [...] Se os sujeitos estão motivados e com vontade de cooperar, não há razão [...] para supor que eles vão mentir”.

Além disso, a respeito dessa questão do nível de certeza das informações fornecidas pelos dados, não podemos deixar de considerar, com Marcuschi (2010, p. 123), que a subjetividade está presente em qualquer pesquisa que lide com dados linguísticos, sem necessariamente afetar a credibilidade dos resultados obtidos. Para ele, nos estudos em linguagem, os dados “[...] já são vistos hoje como produzidos pelo ponto de vista e pelo interesse investigativo, sem que isto signifique algo de pernicioso para a investigação”.

Em nossa análise mais pontual das mensagens estreadas das assinaturas, dois elementos do ambiente eletrônico foram importantes para nossas considerações: a marcação da data de publicação e o uso do recurso quote. O primeiro pelo motivo de apontar para os dias finais do movimento de greve e já nos fazer construir uma imagem referencial de tensão sobre os interactantes. O segundo pelo motivo de indicar uma negociação indireta, com “ares” de negociação direta. Cabe ressaltar que, apesar da hipótese de que essas mensagens inaugurais nos fornecessem mais indícios sobre os

---

<sup>69</sup> Na época da greve, este ocupava o papel de vilão para grande parte da classe docente da rede pública do Estado.

referentes evocados pelas assinaturas ter sido validada, não intentamos fazer disso uma regra geral.

Mesmo que não tenhamos dado ênfase a outros elementos presentes no ambiente da CPC, os quais acreditamos ter potencial de novidade para tratar do tema da intersubjetividade dos referentes, cremos que as reflexões complementares que fizemos a respeito dos *nicknames* e dos *emoticons* sinalizem boas oportunidades para novas pesquisas. Longe de serem postados de forma arbitrária, notamos que existia todo um sentido no uso desses recursos: pelo que observamos nos textos e pelo que nos revelou o sujeito entrevistado, não havia, por trás do uso desses recursos, somente uma satisfação pessoal, mas também uma tentativa de provocar uma sensação no possível leitor, o que poderá ser discutido de modo mais focal por outros trabalhos.

Alertamos que todas as inferências que realizamos não excluem a possibilidade de as assinaturas examinadas terem sido lidas de outras formas por integrantes do grupo, pois, como dizem Mondada e Dubois (2003, p. 37), os objetos de discurso, introduzidos na interação, não se prendem às “intenções individuais” do seu enunciador. Afora isso, não podemos garantir em que medida essas assinaturas, enquanto emblemas adicionais pré-gravados, foram foco de atenção para a membresia.

Além das contribuições aqui já apontadas, pensamos que este estudo pôde dar evidências do fenômeno da autoconstrução referencial nas práticas interativas. Percebemos, dentro da CPC, que o referente “professor”, enquanto identidade do grupo, era naturalmente (re)alimentado e adaptado durante as trocas. Em nossa análise, ficou notório o quanto, intencionalmente ou não, o discurso a que aderimos desperta leituras sobre a nossa personalidade, e esse tópico, a nosso ver, é bastante promissor e rendoso, em termos de pesquisa, em situações de interação mediadas por computador.

Finalizamos esta pesquisa, frisando que muito pudemos aprender em todo o seu processo de desenvolvimento. Esperamos que ela, como “[...] apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta [...]” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 128, grifo do autor), possa render discussões relevantes concernentes à linguagem.

## REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, F; ALEXANDRE, L. R. B. A construção de objetos de discurso nos perfis fakes do twitter. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v.12, n.3, p. 765-792, set./dez. 2012.

BAKHTIN, M. O enunciado, unidade da comunicação verbal. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão: revisão da tradução Maria Appenzeller. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 289-326.

BAKHTIN, M./ VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de.; BRAIT, B... [et al.]. (orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Rio Grande do Norte: Editora da UFRN, 1996, p. 21-42.

BENVENISTE, Émile, 1902-1976. A língua e a experiência humana. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar; Rosa Atitié Figueira; Vandarsi Sant' Ana Castro; João Wanderlei Geraldi; Ingedore G. Villaça Koch. Campinas, SP: Pontes, 1986, p. 68-80.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hause, ou a fabricação da realidade**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BRAIT, Beth. Enunciação e intersubjetividade. **Revista Letras Émile Benveniste: Interfaces Enunciação e Discursos**. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, n. 33, p. 37-50, jul. - dez. de 2006.

CARDOSO, S. H. B. **A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: UFC Edições, 2011.

CAVALCANTI, M. do C. **Interação leitor-texto: Aspectos de interpretação pragmática**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

[CIDCATO]. Altura: 226 pixels. Largura: 409 pixels. 30,9 Kb. Formato JPEG. Disponível em: <[www.lbiqi.org/jornal-luta-operaria/no-226-1a-quinzena-de-novembro-2011/trs-derrota-201ccidcato201d-na-assembleia-geral-que-deflagrou-a-retomada-da- greve-geral-da-categoria](http://www.lbiqi.org/jornal-luta-operaria/no-226-1a-quinzena-de-novembro-2011/trs-derrota-201ccidcato201d-na-assembleia-geral-que-deflagrou-a-retomada-da- greve-geral-da-categoria)>. Acesso em: 10 mar. 2011.

CONTE, Marie-Elisabeth. Encapsulamento Anafórico. In: CAVALCANTE, M. M., BIASI-RODRIGUES, B. & CIULLA, A. (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p.177-190.

COSTA, M. de F. V. da. A heterogeneidade dos sujeitos nos modos de dizer. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B.; DIEB, M. (orgs.). **Seminários linguísticos: discurso, análise linguística, ensino e pesquisa**. Mossoró - RN: Edições UERN, 2010, p. 293-303.

COSTA, M. H. A. **Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão**. Fortaleza, 2007. 176p. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2007a.

\_\_\_\_\_. Ariel e a noção de acessibilidade referencial: ampliando os limites do discurso. In: CAVALCANTE, M. M... [et al.]. (orgs.). **Texto e discurso sobre múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos**. vol. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b, p. 40-73.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

**EDUCAÇÃO UOL**. Disponível em : <http://educacao.uol.com.br/noticias/2011/09/29/apos-pancadaria-no-ceara-deputados-aprovam-pagamento-de-piso-para-professores.htm>. Acesso em 07 mar. 2013.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 37-60.

\_\_\_\_\_. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

GALVÃO, A. N. **As formas nominais anafóricas no gênero fórum de discussão do Orkut**. Belém, 2008, 163p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2008.

GUIMARAES, E. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas: Pontes, 1995.

KOCH, I. G. V., 1933. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 75-82.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, Maria L. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística**. v. 3: fundamentos epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 251-300.

LÉVY, P., 1956. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, 176p.

\_\_\_\_\_. Aspectos da questão metodológica na análise da interação verbal: o *continuum* qualitativo-quantitativo. In: MARCUSCHI, B.; AGUIAR, M. A. de M. (orgs.). **Luiz Antonio Marcuschi, seu percurso, seus textos: uma homenagem**. 1. ed. Recife: PGLetras, 2010. v. 1. 153 p.

\_\_\_\_\_. Referenciação e progressão tópica. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.48, n.1, p.7-22, 2006. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/1539/1111>. Acesso em: 25 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: \_\_\_\_\_.; XAVIER, A. C. (orgs.). **Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.13-67.

MARTINS, H. Três caminhos da filosofia da linguagem. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 439-473.

MATURANA, H. R.; GARCÍA, Jorge L. Herança e meio ambiente. In: GARCÍA, J. L. (Org.). **Da Biologia à Psicologia**. Tradução Juan Acuña Llorens. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p 49-54.

MONDADA, L. Formes de séquentialité dans les courriels et lês forums de discussion: une approche conversationnelle de l'interaction sur Internet. **Recherche**. vol. 2, n. 1, p. 3-25, juin 1999. Disponível em: <<http://alsic.revues.org/index1571.html>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. A construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M., BIASI-RODRIGUES, B. & CIULLA, A. (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p.17-52.

OLIVEIRA, F. P. L. de. **Da construção à co-construção de referentes: um olhar sobre os mecanismos cognitivo-discursivos subjacentes à produção e à compreensão de peças de divulgação elaboradas por designers**. Fortaleza, 2012. 167p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2012.

**ORKUT MANAGER**. Disponível em: <https://addons.mozilla.org/pt-BR/firefox/addon/orkut-manager/>. Acesso em 25 fev. de 2013.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas: revista de estudos lingüísticos**, Juiz de Fora, v.3, n.1, p. 61-79, 1999. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo35.pdf>. Acesso em 23 jan. 2013.

SANTOS, M. de F. S. dos; OLIVEIRA, M. do S. Procedimentos de textualização em ambientes virtuais de aprendizagem: a referenciação no fórum educacional. In: Encontro Nacional de Hipertexto e Tecnologias Educacionais. 4., 2011, Sorocaba. **Anais eletrônicos do IV Encontro Nacional de Hipertexto e Tecnologias Educacionais**. Sorocaba, SP: Universidade de Sorocaba, 2011. Disponível em:

<[http://www.uniso.br/ead/hipertexto/anais/69\\_MariaFatima.pdf](http://www.uniso.br/ead/hipertexto/anais/69_MariaFatima.pdf)>. Acesso em 13 mar. 2013.

SAUSSURE, F. de, 1857-1913. **Curso de lingüística geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Traduzido por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOBRAL, A. Ato/ atividade e evento. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-36.

TEIXEIRA, E. N.; MARTINS, H. F. Curso de Lingüística Geral: reação e adesão à perspectiva representacionista. **ReVEL**. Edição especial. n. 2, 2008, p. 1-25. Disponível em:

[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_esp\\_2\\_curso\\_de\\_linguistica\\_geral\\_reacao\\_e\\_adesao.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_curso_de_linguistica_geral_reacao_e_adesao.pdf). Acesso em 23 jan. 2013.

VIOLI, Patrícia. O diálogo eletrônico entre a oralidade e a escrita: uma abordagem semiótica. Tradução de Maria Helenice Araújo Costa. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Orgs.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUPE, 2009, p. 45-60.

## **ANEXOS**



## ANEXO A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### ENTREVISTA COM O SUJEITO DE PESQUISA

**DIA:**

**HORÁRIO:**

**DURAÇÃO:**

- ❖ APRESENTAÇÃO DA PESQUISA (SEM DETALHES)
- ❖ CONVERSA PRELIMINAR SOBRE *NICKNAMES* E *EMOTICONS*
- ❖ ENTREVISTA – PARTE 01 - ASSINATURA “ISTO É O QUE SOMOS” (25/09/2011- 29/09/2011) – TÓPICO “INSTRANSIGÊNCIA” (110 RESPOSTAS)

- 1) O que você pretendia dizer ao construir esta frase-assinatura “Isto é o que somos”?
- 2) Ela tem muito de você? O que ela diz de você?
- 3) O que ela diz do grupo? Por que em vez de usar o “eu”, você optou pelo “nós”?
- 4) Por que usá-la como frase-assinatura e, não, só usá-la em uma mensagem? Por que você desejou que essa frase se repetisse como uma marca, uma assinatura sua?
- 5) Por que começar a usá-la neste dia 25/09? Ela está bem relacionada a essa data?
- 6) Como um recurso automático, a frase-assinatura se incorpora à toda mensagem que você vier a produzir, você pensou, então, que essa frase poderia ser entendida de outras formas no decorrer das interações que você fosse tendo com o grupo, em outros tópicos, em outras postagens suas? Ou que ela fosse perdendo o sentido?
- 7) A forma pouco específica como você construiu a frase foi proposital?
- 8) Por que trocá-la por outra? Por que você decidiu não mais usá-la?

- ❖ ENTREVISTA - PARTE 02 – ASSINATURA 02 “SE NÃO NOS DEIXAM SONHAR, NÃO OS DEIXAREMOS DORMIR” (30/09/2011-06/10/2011) – TÓPICO “RESULTADO DA ASSEMBLÉIA – DIA 29”

- 1) O que você pretendia dizer com essa frase-assinatura? Ela é uma frase “famosa”, né? Por que tomá-la como assinatura? O que você conhece sobre ela? Isso foi determinante?
- 2) Ela tem muito de você? O que ela diz de você?
- 3) O que ela diz do grupo?
- 4) Por que usá-la como frase-assinatura e, não, só usá-la em uma mensagem? Por que você desejou que essa frase se repetisse como uma marca, uma assinatura sua?
- 5) Por que começar a usá-la neste dia 30/09? Ela está bem relacionada a essa data? Por que você decidiu não mais usá-la?

## ANEXO B – RELATO DO SUJEITO DE PESQUISA

**Dia:** 02/02/2013

**Local:** Shopping Via Sul, Fortaleza, CE

**Horário:** 14hs

**Duração:** aproximadamente 40 minutos (considerando os cortes)

### Legenda:

**Pesq.:** Pesquisadora

**Suj.:** Sujeito de pesquisa

## 1 Introdução

### 1.1 *Nicknames*

**Pesq.** Eu lembro que tinha o prof. Orgulho também...

**Suj.** Prof. Orgulhoso, né? Assim, você vê que eu fui pegando *nicks* sempre com esse sufixo “oso”, sufixo “oso”, né? O Orgulhoso, o Ardiloso, o Amoroso, né?

**Pesq.** O Raivoso, o Rancoroso...

**Suj.** O Raivoso, eu acho que teve um raivoso também. Era assim um misto de provocação em relação aos adversários do discurso, né? Aos meus interlocutores que se opunham à minha forma de pensar e mais denegriam a minha imagem mesmo do que o meu pensamento, não apontavam, eu acho que você deve, se você não percebeu, eu vou até dar uma olhada também que bateu saudade agora, mas assim, faziam mais uma coisa que a gente chama na filosofia e na lógica de argumento *ad hominem*, é o ataque ao argumentador. Eles não se, eles não apontam as falhas lógicas, argumentativas, as falhas contedísticas formais ou ainda a intenção do discurso. Eu não sei quantas dimensões deva ter o discurso, mas eu, eu, como leigo, reconheço que deva ter pelo menos três: o conteúdo, se eu estou falando a verdade ou mentira; a forma, se é lógica ou ilógica; e a intenção. E aí eu notei que eles afeta/atacavam mais a pessoa, né? É, é, é, por exemplo, por exemplo, quando eu usava o termo “As carpideiras, né? O *nick* “As carpideiras”, eles botavam assim você só está de zoação com a categoria, né? Mas não atentavam se as críticas, não atentavam se as críticas correspondiam à realidade, não atentavam se a forma do discurso era coerente, era lógica, se fazia sentido a crítica, né? Era mais uma coisa rebate a pessoa ou rebate a intenção, né?

**Pesq.** Eu lembro que eu até pensei ah será que é em relação assim aos momentos da greve, né? Se tá mais ferido ou mais irritado?

**Suj.** Havia...

**Pesq.** Porque acontecia alguma coisa favorável ou desfavorável...

**Suj.** Havia. Mas agora me ocorreu isso que você tá comentando e eu acabei de falar pra você, de ter mais, e eu não sei se isso é bom ou ruim pra sua pesquisa, mas de ter algo mais de dentro da comunidade do discurso. Algo influencia, alguma pretensa acusação ou algum argumento, alguma fala, algum discurso gerava a própria modificação do *nick*. A modificação do *nick* era uma resposta, já servia como uma resposta...

**Pesq.** Ao interlocutor, né?

**Suj.** Ao interlocutor. Às vezes, uma resposta irônica, às vezes, um deboche, escancarado mesmo, e, às vezes, uma crítica, uma forma de rebater, né? Dizendo: olha não é bem a pessoa que você deve atacar ou ferir, mas, sim, a minha argumentação, o meu discurso, é coerente, é lógico, ele se sustenta, ele tem base na realidade, ele tem base lógica, ele se fundamenta em quê? Enquanto as pessoas tavam atacando a pessoa, eu rebatia dessa maneira. É claro que eu contra-argumentava, mostrando os erros, né, geralmente, mas, como geralmente o pessoal não tava nem aí, as pessoas no geral eles não entendem essas coisas, né? E com professores é a mesma coisa também.

## 1.2 *Emoticons*

**Pesq.** Eu lembro que você usava também muitos *emoticons* que ficavam bem característicos assim, né? Uns *emoticons* de movimento, né?

**Suj.** Sim, sim, sim. Assim houve uma época que eu frequentava comunidades, outros grupos de debate, se bem que o grupo de professores era um grupo de debate, mas, por exemplo, eu frequentava grupos sobre o debate entre o evolucionismo e o criacionismo que me interessava ter algum conteúdo sobre isso na parte da filosofia da ciência que era o meu interesse, é debate sobre ateísmo e teísmo, sobre estado laico e estado teocrático, então sempre havia comunidades que trabalhavam a questão do debate e eu participava delas. Aí, é, é, eu topei com alguns usuários, bem poucos usuários mesmo que tavam usando esses recursos adicionais, frase-assinatura, é, é, é automático, ficava pré-gravado mesmo, ele não precisava colocar sempre, né? Ele simplesmente digitava o corpo da mensagem no discurso dele dava *enter* e já saía automaticamente a frase lá no final, ou utilizavam *emoticons*, é, é, é, eu me lembro muito que tinha um cachorro, né? Um cachorro com um arco-íris atrás, né? E outros *emoticons* até que eram no estilo *gift*

que era, como eu poderia dizer, que havia um certo movimento, né? E pra dar um teor mais humorístico, mais, como eu poderia dizer, pra soar mais engraçado, mais leve, né? Porque a gente tava em um momento muito tenso, né, também? Então como um meio também de aliviar a tensão e de fazer o ambiente ficar mais informal, jocoso, né? A gente usava essas figuras, essas imagens, com o objetivo de tornar o ambiente mais agradável ou até mesmo tornar a fala mais cômica...

[...]

**Suj.** Muitos professores têm essa visão, de que eu sou uma pessoa extremamente rancorosa, amarga, sem esperança, um desesperançado, colegas de trabalho meus falam isso, se eu posto uma notícia sobre alguma coisa ruim que acontece no mundo, né, e teço a minha crítica “olha tá vendo a gente já sabia que ia dar nisso aí”, então muitas vezes, eles levavam “você não tem esperança, você é rancoroso, você tá no deserto, você não vê nenhuma saída”, não, saída eu vejo, mas passa por uma, como eu poderia dizer, uma modificação muito grande na realidade, passa por uma aposta total na educação do homem, por uma reformulação da educação do homem.

## **2 Assinaturas**

### **2.1 “ISTO É O QUE SOMOS”**

**Suj.** E eu optei por usar as frase-assinaturas por um motivo muito simples, a imagem que eu queria utilizar como, como, pra finalizar a mensagem, né? É que era no caso dois professores de mãos dadas diante do batalhão de choque, somente as mãos, né? E atrás bem visível o escudo, eu não consegui, é, é, eu não tinha recursos é, pra deixá-la como uma imagem utilizável pra usar isso dentro do Orkut lá como, como, pra exibir na parte final, né? Então eu usei as frase-assinatura, no caso, as duas que eu lembro agora foi as duas que você me falou, né? “Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir”, né? Ou seja, temo que ficar provocando é, quem tem o poder nas mãos de resolver o problema, né? É, a gente tinha que usar os meios necessários pra chamar a atenção deles, pra que eles é, criem consciência de que nós não vamos desistir de um direito que é nosso, e a segunda frase era “isto é o que somos”, né? Esse “isto é o que somos” é uma frase, era um lema na verdade de uma minissérie chamada “Milênio”, num sei se você pegou essa época, é, é, pois é, mas acho que você deve ter ouvido o seriado “Arquivo X”, você tem quantos anos? Você pode me dizer? Tem algum problema?

**Pesq.** Posso, 25

**Suj.** Pronto. Então eu acho que você deve ter pegue a época do Arquivo X que foi exibido pela Record. O mesmo autor do Arquivo X que fez mais sucesso aqui no Brasil tinha um seriado chamado “Milênio” e ele lançou esse seriado por volta de 96 até 99, 2000 que foi, teve poucos anos, né, de, de série, poucas temporadas, mas foi um seriado que falava sobre apocalipse, fim do mundo, tava na, naquela época era moda, né? Aquela questão do Nostradamus, 2000 não passarás, como agora foi a questão do calendário maia, né? E, e, havia dentro dessa minissérie um detetive que investigava casos paranormais e, geralmente, casos ligados a psicopatas, né, a *serial killers*, é, e ele se utilizava de poderes ditos sobrenaturais ou paranormais que ele acreditava ser um dom de Deus na vida dele, dentro dessa série havia uma organização chamada Milênio que era, como eu poderia dizer, tava meio que ligada ao cristianismo, né? Não mais nenhuma igreja específica, mas era uma organização cristã que estudava sinais de que o apocalipse estava acontecendo, e um dos lemas dele era justamente esse “isto é o que somos” para dizer o seguinte: o que é que nós vamos fazer? Nós vamos refrear o apocalipse que vai acontecer inevitável? Ou vamos aceitar os sinais é, é, do tempo, e deixar a coisa correr, né? Ou vamos acelerar o processo? É claro que a maioria das pessoas não se dava conta disso, é, eles não tinham o conhecimento, embora fosse um seriado até minimamente conhecido na época é, quando da exibição, né, não, quando da greve, eu usei essa frase mais pra dizer que, o que é o “isto é o que somos”? Somos a luta, né? Somos o esclarecimento, nós somos a educação, nós somos a vontade de que as coisas mudem, então era uma frase mais motivacional também, né? “Isto é o que somos”, estamos na luta, estamos é tentando mudar a situação, né, reverter o processo de sucateamento da educação. Muita gente não se deu conta disso, a outra expressão é mais, é, é, é mais conhecida dos professores, né? É muito utilizado em protestos, manifestações, né? “Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir” é uma frase já muito ligada dentro da esquerda é muito comum o pessoal usar mesmo, então é algo mais comum, os professores já conheciam já de outros carnavais, né? O “isto é o que somos” é uma coisa que tentava traduzir a natureza do professor que tava no momento de luta, é, é, e que se sentia comprimido, né, não só carreira, mas na própria natureza o professor se sentia achatada, e era algo pra dizer: “olha, isto é o que somos”, eu usava muito a frase “isto é o que somos”, eu me lembro que, o, o, a, num sei se você tem aí, mas a imagem é justamente desses dois professores de mãos dadas com o escudo do batalhão de choque atrás, então a própria frase-assinatura fazia referência à foto do *avatar*, né?

[...]

**Pesq.** Pelo que você me falou esse “Isto é o que somos” ele tem uma história maior do que essa que tá aqui...

**Suj.** Tem é, não é uma frase original como eu lhe disse, né? É, é, mas é, como eu falei também, dentro do seriado tinha um significado em relação à organização, né, cristã, e neste caso eu já, como eu falei, eu ressignifiquei, creio eu, creio eu, né, e é uma coisa eu não esperava que ninguém reconhecesse a frase mesmo não, porque conhecendo os professores como eu conheço e olhando pra minha situação hoje, trabalhando de manhã, tarde e noite com quarenta turmas, mais de mil e duzentos alunos, creio que talvez até mil e quatrocentos, mil e quinhentos talvez, então eu creio que, eu nunca esperei, eu não lembro de ter esperado isso, né, que as pessoas reconhecessem que tivesse alguma relação direta com o seriado lá, e nada disso, até porque não havia, eu não enxergo nenhuma relação entre essa organização dentro seriado e o que nós estávamos fazendo, mas é uma, talvez tenha sido isso, né, na época, talvez eu tenha ressignificado, né, com essa ideia de luta, né, mostrar algo positivo, de encorajador, motivacional mesmo.

[...]

**Pesq.** Aqui eu posso dizer assim que a fala desse professor anterior, acabou que motivou você a escrever essa frase, ela que te deu um estímulo para você lembrar, né?

**Suj.** Sim, sim, lembrar que ainda tínhamos, né, condições de permanecer em greve, lutando, né? O retorno naquela época era de dizer assim “não dá mais pro governo”, né, e o governo observaria “eles não têm mais força de continuar, morreram na praia, né, e não há mais o que fazer, vencemos”, então se manter em greve, mesmo quando já não havia mais ânimo, não mais pelo ânimo, mas pela questão tática, estratégica, racional mesmo, era não dar motivações ao governo no caso, né, de empurrar goela abaixo o que ele queria pra gente.

[...]

**Pesq.** Você escrevia a frase e se relacionava ao grupo, né? Elas estão sempre no plural...

**Suj.** E, de certa forma você falando isso, me ocorreu o seguinte, eu te falei que muitas vezes a mudança do *nick* era referente a, como eu poderia colocar, acontecimentos dentro do debate, né, o que motivava a mudança do *nick*, juntamente à imagem, era a questão de alguma coisa dentro do debate me chamar a atenção, era uma resposta a alguma coisa do debate, né, era uma resposta, mas a frase-assinatura não se referia a isso, a frase-assinatura já era algo mais, enquanto que havia um quê de provocação no *nick*, um quê de crítica, um quê de chamada de atenção “olha o que você tá dizendo

num faz sentido”, a frase-assinatura já era algo mais motivacional mesmo, talvez mais pro coletivo, né, começava muito voltado, né, talvez por uma picuinha, ou alguma coisa menor, algo individual, né, algo contra mim, algo como resposta, mas a frase-assinatura sei lá, abria mais espaço pra, pro coletivo, pro todo, né, talvez isso, num sei.

[...]

**Pesq.** Aí eu ia até te perguntar assim, porque frase-assinatura, por ser esse recurso automatizado, padrão, você tem consciência de que vai sempre vir relacionado a sua postagem, né? Em que medida isso era bem significativo pra ele, pra que, é, você quisesse que isso se repetisse mesmo, que todas as pessoas lessem e relessem aquela frase?

**Suj.** Eu nunca tinha pensado nisso assim, nessa questão de, é porque assim tem uma opção dentro desse Orkut manager que você pode deixar a frase pré-gravada lá e não fazia sentido pra mim a retirada dela, né, pra mim ficaria muito mais interessante que a frase se repetisse como, eu não quero usar esse termo “propaganda”, é muito pejorativo, né, pra gente da humanas, talvez da letras, mas algo que, é, lembrasse, fizesse lembrar de algo que a gente tava perdendo, né, o próprio “isto é o que somos”, o “isto” parecia se referir a uma coisa muito exclusiva, a algo, quanto “o que somos” se referia ao coletivo, então muita gente parece ter perdido essa noção de coletividade, né, “se não nos deixarem sonhar, não os deixaremos dormir”, sempre no plural, talvez pra significar que, é, é, lembrar os professores que nós somos o coletivo, né, e que algumas decisões individuais, como por exemplo, decisões individuais de professores que queiram retornar à sala de aula previamente, embora em assembleias os professores reiterassem a greve, né, reiterassem que deveriam permanecer na luta, é, é, até o fim, não arredar o pé em nenhum momento, era um meio de lembrar a eles de que eles deveriam pensar no coletivo se quisessem ter alguma vitória também individual, né, ninguém ia sair ganhando sozinho.

[...]

**Pesq.** Essa frase ela é bem “frouxa”... Aí ela vai se repetir... Se você pensou assim que ela poderia ser lida de diferentes formas, se ela poderia “perder” o sentido...?

**Suj.** Eu nunca me preocupei com isso, com o que vão interpretar, embora, penso eu, né, numa comunidade de professores com pessoas supostamente esclarecidas, você viu ali pelas postagens que nem todo mundo tem um nível de conscientização, nem todo mundo é esclarecido mesmo, tem um pessoal que num sei nem como conseguiu sair da faculdade diplomado, então, eu nunca me preocupei o que é que vão entender, porque

eu sempre pensei, se me perguntarem o que é, talvez eu esclareça, como ninguém nunca perguntou, nunca lembro de ter dito nada a ninguém sobre isso, talvez você seja a primeira, né, então, aqui, acolá, alguém deve ter perguntado “o que é aquilo ali?”, talvez eu tenha dito alguma coisa em encontros presenciais durante a greve, talvez não, mas aquela coisa, é, é, eu sou da opinião que, é uma coisa que eu vi na faculdade, eu sempre fui contra isso, mas de uns tempos pra cá eu venho assumindo essa ideia de que uma vez que está escrito e lançado na internet pro mundo num é mais seu talvez, né, é claro que pode ser, eu quis dizer aquilo, mas se você entendeu isso que bom pra você que você entendeu de uma outra maneira, né, é, mas eu nunca me preocupei que a frase tivesse um significado fixo, alguém poderia entender, é, é, o “isto é o que somos” como uma frase pejorativa, desanimadora, né, ó o que ele tá dizendo aí “isto é o que somos” um bando de galinha, de frouxo, né, de professores alienados, manipulados, que não têm consciência de luta, de classe, talvez alguém interpretasse dessa maneira, o que também não deixaria de ser uma, há um quê de verdade ali nessa interpretação, há um quê de verdade ali, mas também, mas sobretudo, no meu ponto de vista era pra tentar motivacionar, eu e não foram poucas as vezes que me ocorreu assim, será eles não sabem o que eu estou querendo dizer, mas tudo bem talvez alguém saiba, talvez alguém não, mas como geralmente eu notava que, é, a minha pessoa, eu não era uma pessoa muito bem quista dentro de alguns redutos políticos ali devido às opiniões que eu sustentava, então, tipo se não vão entender mesmo, talvez nem queiram entender, né, então o que importa é que eu coloco isso, né, e é bem frouxo mesmo isso, é o quê? Não diz exatamente, mas eu esperava que as pessoas relacionassem a frase final “isto é o que somos” com o contexto das minhas colocações, né, e quem já vinha acompanhando o fórum há mais tempo, tinha uma noção do que eu pensava, né, então a minha preocupação num era nem tanto com quem tava chegando agora, mas, com quem tava se ambientando, né, mas com alguém que já tinha um histórico, que já estava ambientado, então a ideia era de certa maneira até que eu pudesse influenciar positivamente, segundo meu ponto de vista do que seria positivo, né, porque assim talvez, é, é, a ideia de luta, de continuidade da greve, que pra mim era necessário na época ressoasse neles, e deles ali eles continuassem defendendo de outra maneira, cada um ao seu modo, cada um usando as suas expressões, né?



## 2.2 “Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir”

**Pesq.** Aí a outra frase, me conta mais um pouquinho como você conheceu...

**Suj.** Devo ter visto num dos *posts*, eu acho que foi isso, devo ter visto num dos *posts*, porque havia um tópico, é, que tinha muita frase motivacionais entendeu? É...

**Pesq.** Mas era na comunidade?

**Suj.** Na comunidade, é, não era um tópico voltado para frases motivacionais, mas alguém começou, o outro deu corda e todo mundo foi postando frases, é, alguém andou postando umas cinco ou seis frases desse tipo, né, e citando até mesmo o autor, não me lembro de ter conhecido o nome do autor dessa frase, mas foram postando frases combativas, né, frases de luta, que motivavam a pessoa a ficar consciente de seus deveres e direitos, né, e no caso direitos aí, eu acho que eu achei interessante essa frase e quis utilizar, mas não havia nada por trás, não havia nada nem de literal nisso, né, a gente não tava pensando em sequestrar ninguém ou atirar qualquer... na casa de quem tinha o poder da caneta que nem diz o Moroni, né, e com a assinatura resolver todo o problema, a questão mais era, é, estão nos massacrando, né, estão nos diminuindo aqui, eu acho que cabe uma contra resposta, né, como foi a questão de denúncias que eram feitas na internet, na época do Orkut nem era tão, não era tão forte isso, como hoje é no *face*, né, um professor que nem eu ou qualquer um outro posta uma mensagem no *face*, coisa de oito horas tem dois mil compartilhamentos dependendo da força da mensagem, né, é, é, então muita gente visualizaria a mesma coisa, não é o caso aí, no Orkut é uma coisa mais, só quem tava dentro dos grupos é que sabia o que se passava, é, é, da greve, eram poucos os professores que tinham contatos, que queriam ter contatos com os alunos, eram poucos alunos que queriam ter contato com os professores para saberem o que tava acontecendo, se passando, então eu com certeza vi na comunidade, né, e eu achei emblemático, achei emblemático, achei que era uma coisa que traduzia bem o espírito da coisa. Eu lembro também que eu usei por algum tempo isso, a frase é: “a hora é agora” que também tá dentro do Milênio, desse seriado Milênio, né, “a hora é agora”, pra dizer não há mais, não tem mais como ficar de braços cruzados, não tem mais como voltar pra sala de aula, não há mais o que fazer, a não ser greve, né, o momento é esse, passou o momento, passou-se a oportunidade.

**Pesq.** Então, sempre tem, tem muito assim essa ideia, né, do professor fazer a diferença, do professor, assim, querer transformar, né, a realidade em que ele está...

**Suj.** Assim, não foi algo de agora, eu me lembro que me tornar professor, eu tinha 17 anos, eu sabia que possivelmente eu seria professor...

[...]

**Suj.** Eu me realizava aonde? Era quando eu mostrava algo para alguém e ele dizia assim: “ah é fácil assim? Tu ensina melhor que o meu professor”, eu me realizava ouvindo coisa do tipo: “caramba, meu irmão, eu ia reprovar de ano, eu só passei por tua causa, te devo muito”, mesmo sem ganhar nada material em troca, é, é, é, esse retorno, esse *feedback* do aluno que tava sentindo dificuldades, que tinha passado pela mão de um profissional, que não tinha feito ele compreender, enquanto que eu não era profissional e já o fazia, eu pensei bem, já que eu devo ser minimamente bom na coisa melhor do que quem tá aí, é pra isso aqui que eu vou, pra fazer a diferença, então tem muito, eu abracei uma profissão ideológica, e aí você pode... ideológico como? Não é essa questão de professor de luta, de reconhecer o direito, não, o momento foi tentar, tentar salvar a educação o que resta e no segundo momento eu acho que foi a greve que me despertou pra isso também, né, o engajamento político.

[...]

**Pesq.** Por esse tópico aqui a gente pode dizer que foi esse momento assim, né, esse contexto, assim digamos pra lá de tenso, né, em que ocorreu essa briga dos professores, inclusive o espancamento que fez você colocar essa frase... que demonstra um vigor, né, esse estímulo à luta?

**Suj.** É, pode ser que sim, eu me lembro que eu pensava em usar esses recursos antes, talvez tenha havido uma coincidência entre a aquisição da, digamos assim, de uma competência mínima, né, de saber como configurar o *script* com esse, eu não me lembro realmente se foi antes ou depois, mas talvez tenha havido uma coincidência, talvez eu já tivesse usado frases, eu acredito, eu lembro que eu usei isso antes, frases, é, é, assinatura no final, mas não usando o programa, né, mas usando o recurso do copiar/colar, eu lembro de ter usado isso, né, antes.

[...]

**Pesq.** As frases se aproximam, né?

**Suj.** Ambas têm a mesma base motivacional, de incentivo, de, como eu poderia dizer, de dar motivação mesmo ao professor pra que continue na luta, à disposição de não se deixar abater, de não se deixar iludir pelas promessas momentâneas, né, então eu acho que há uma relação, sim, eu tenho certeza na verdade.

**Pesq.** A diferença assim, a mudança de uma pra outra, porque no caso eu peguei sequencial a “isto é o que somos” acabou e entrou essa, como é que você fazia essa mudança?

**Suj.** Na verdade, é pode ter sido o evento disparador digamos assim, né, o evento inicial, o estopim, pra mudança talvez tenha alguma relação, eu não posso nem te afirmar com certeza isso que eu já não recordo, com a questão do ato em si da agressão na assembleia, né, mas também eu lembro agora que eu notava que tava uma coisa muito repetitiva e tava talvez se tornando até sacal, sempre a leitura da mesma coisa ao final dos mesmos *posts*, e que isso tava ficando olha se tava ficando sacal e eu mesmo estava ficando saturado de ver aquilo repetitivo eu pensei que dirá os outros, né?

## **ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Eu, Erika Assunção dos Santos, mestranda em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, convido você para participar voluntariamente da minha pesquisa intitulada: A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA INTERSUBJETIVIDADE DAS NEGOCIAÇÕES EM UM FÓRUM DE DISCUSSÃO. Visto que o meu objetivo é investigar o modo como os participantes da Comunidade PROFESSORES DO CEARÁ do Orkut se representam simbolicamente e constroem a realidade durante as mensagens trocadas, peço o seu consentimento para utilizar mensagens de sua autoria, produzidas em 2011, no período da greve dos professores do Estado do Ceará, como corpus da minha pesquisa. Após a sua aceitação, essas mensagens serão selecionadas e copiadas para um arquivo do Word e irão compor o meu banco de dados pessoal, servindo para reflexões da minha dissertação. Os resultados obtidos com os dados poderão também ser apresentados e publicados em eventos científicos.

Ao disponibilizar suas mensagens para esse estudo, você estará contribuindo para o avanço das pesquisas em linguagem, especialmente, em processos referenciais e em comunicação virtual. Esclareço que você não será submetido a nenhum teste ou curso, posso apenas, caso considere útil e necessário, entrar em contato com você, via Orkut, e-mail ou telefone (da forma que você preferir), posteriormente, solicitando a sua colaboração em uma entrevista semi-monitorada, a ser gravada e realizada presencialmente, em local, horário e data, que atendam a sua disponibilidade. Essa entrevista serviria para me ajudar a entender melhor o conteúdo das mensagens escritas por você, que foram selecionadas para a pesquisa.

Destaco que a sua participação é voluntária, ou seja, você tem a liberdade de não querer participar, e ainda pode desistir, em qualquer momento, mesmo após ter iniciado, sem nenhum prejuízo para você. Como tratarei basicamente com mensagens de texto, com foco nas expressões simbólicas utilizadas, produzidas espontaneamente, sem intervenções minhas, esclareço que esse estudo não afetará, nem trará prejuízos à sua condição de vida e trabalho. Toda e qualquer informação pessoal será mantida em sigilo, inclusive, serão preservados nomes próprios de participantes e fotos pessoais porventura postadas no ambiente. Contudo, cabe explicar que mesmo que eu preserve o

seu nome de registro oficial e qualquer foto real sua, outros membros da Comunidade podem conseguir identificar textos seus publicados em meu trabalho, já que, como grupo, há o conhecimento do estilo de escrita entre os componentes. Outra informação importante é que você não será remunerado pela participação.

Se você tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode me procurar a qualquer momento: Erika Assunção dos Santos - Rua Alberto Montezuma, 192 - Bairro Vila União -Telefones: (85)32726203/ (85)87841186 - E-mail: ehrika.flor@gmail.com. Você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética da UECE: Avenida Paranjana, nº 1700 – Itaperi - 60.740-903 - Fortaleza – Ceará - Fone: (085) 3101-9890 - E-mail: cep@uece.br.

Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

---

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa **A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA INTERSUBJETIVIDADE DAS NEGOCIAÇÕES EM UM FÓRUM DE DISCUSSÃO**, de forma livre e esclarecida.

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Assinatura do participante:\_\_\_\_\_.

Assinatura da pesquisadora:\_\_\_\_\_.

## ANEXO D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA INTERSUBJETIVIDADE DAS NEGOCIAÇÕES EM UM FÓRUM DE DISCUSSÃO

**Pesquisador:** ERIKA ASSUNÇÃO DOS SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 07163712.5.0000.5534

**Instituição Proponente:** Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (Funece)

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 182.831

**Data da Relatoria:** 18/12/2012

#### Apresentação do Projeto:

De modo sintético e esclarecedor, a linguista Mondada nos explica que há basicamente duas maneiras de entendermos a relação língua e mundo: uma como "um modelo de correspondência entre as palavras do discurso e os objetos do mundo"; outra como "resultado de um processo dinâmico e, sobretudo, intersubjetivo, que se estabelece no quadro das interações entre locutores". Esse último ponto de vista compõe o que na Linguística de Texto é chamado de fenômeno da referencialização, em uma definição eficiente e prática, "pôr a referência em ação". O ponto de vista teórico da referencialização, assimilado nesta pesquisa, concebe o ato de referir como um processo intersubjetivo, movido pelas relações entre os sujeitos. Trata-se de um estudo que visa conhecer como os sujeitos negociam (re)categorizações referenciais em condições particulares de interação, por permitir o uso de vários recursos semióticos na construção de textos. Será desenvolvida na rede social ORKUT junto à comunidade virtual Professores do Ceará. O fato escolhido para a formação do corpus foi a greve dos professores, ocorrida no período de agosto a outubro de 2011. A amostra será de cinco participantes sendo um sujeito-membro principal considerado mais promissor para análise, com base nas mensagens por ele emitidas. Em seguida, serão escolhidos quatro participantes dentre aqueles que mais interagiram com o sujeito-membro principal. Serão coletados textos/mensagens do sujeito-membro e as intervenções dos outros quatro membros selecionados. A pesquisadora esclarece que se necessário realizará entrevista com o sujeito-membro principal, mas não está claro de que forma ela encontrará o membro promissor se os participantes usam nicknames e

**Endereço:** Av. Paranjana, 1700

**Bairro:** Itaperi

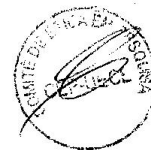
**UF:** CE

**Telefone:** (85)3101-9603

**Município:** FORTALEZA

**CEP:** 00.000-000

**E-mail:** diana@uece.br



avatars. A análise dos dados se pautará no estudo do discurso dos participantes pela referenciação, negociação e recategorização propostos por Mondada e Dubois (2003).

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Investigar indícios de (inter)subjetividade no processo de construção de objetos de discurso, no fórum de discussão da Comunidade virtual PROFESSORES DO CEARÁ.

**Objetivo Secundário:**

a) Perceber como a situação de produção/recepção e os aspectos do funcionamento do fórum de discussão em foco afetam o modo como os sujeitos constroem referentes; b) Observar como determinados sujeitos se autorreferenciam simbolicamente, a partir de que recursos semióticos, e se isso causa alguma interferência no modo como os outros membros do grupo fazem referência a esses participantes mais notórios; c) Observar idiosincrasias nas mensagens e perceber como tais marcas mais peculiares contribuem para construir referentes sobre seus autores; d) Investigar como os recursos não-verbais contribuem para a construção e modificação de referentes nos diálogos empreendidos nesse fórum digital.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Pelo fato de nossa pesquisa estar interessada no funcionamento e nos usos da linguagem, acreditamos que esta investigação não oferece riscos nem para os participantes da pesquisa, nem para a pesquisadora. Destacamos, apenas, que, mesmo que preservemos informações pessoais dos sujeitos, como lidamos com textos verbo-visuais autênticos, marcados por indícios de autoria, eventuais características de tais textos podem apontar para seus autores, especialmente se lidos por pessoas que façam parte do grupo virtual de onde as mensagens serão extraídas.

**Benefícios:**

Percebemos uma escassez de estudos que explorem processos referenciais com foco na (inter)subjetividade dentro da Linguística de Texto. Agregada a isso, percebemos também uma falta de trabalhos que explorem o impacto do meio virtual na maneira como os sujeitos interagem e referem o mundo, a si mesmos, os outros, etc. Acreditamos, pois, que nosso estudo tem muito a contribuir nesses dois sentidos: em uma melhor compreensão do "casamento" entre aspectos cognitivos e sociais na produção e negociação de objetos de discurso; e em uma melhor compreensão sobre o papel de recursos não-verbais na construção da referência. Uma outra motivação forte do nosso estudo é entender quais influências os aspectos do funcionamento do fórum de discussão exercem na maneira como os sujeitos vão fazendo essa negociação de objetos de discurso e, ao mesmo tempo, no modo como eles vão se

Endereço: Av. Paranjana, 1700

Bairro: Itaperi

UF: CE

Telefone: (85)3101-9603

Município: FORTALEZA

CEP: 00.000-000

E-mail: diana@uece.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
CEARÁ - UECE



autoconstruindo simbolicamente.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A proposta de pesquisa é pertinente e apresenta valor científico.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi feito e está adequado.

Folha de Rosto está adequada.

A carta de anuência do proprietário da Comunidade Virtual professores do Ceará da rede social ORKUT está anexada.

Tem orçamento com indicativo de responsabilidade de desembolso financeiro.

O cronograma está adequado.

**Recomendações:**

O pesquisador deve ficar atento as determinações da Resolução 196/96 do CNS.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A proposta de pesquisa é pertinente e provavelmente trará relevante contribuição para o uso da ferramenta fórum de discussão disponível na rede mundial de computadores. As pendências foram resolvidas eo protocolo de pesquisa atende aos ditames da Resolução 196/96.

**Situação do Parecer:**

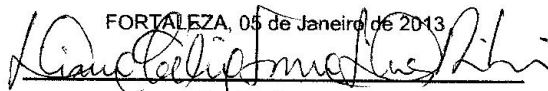
Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O projeto apresenta adequadamente os termos de apresentação obrigatória e respeita aos preceitos éticos da pesquisa que envolve seres humanos. O pesquisador deverá apresentar relatório e encaminhá-lo através da plataforma Brasil.

FORTALEZA, 05 de Janeiro de 2013  


Assinador por:

**DIANA CÉLIA SOUSA NUNES PINHEIRO**  
(Coordenador)

Profa. Dra. Diana Célia Sousa Nunes Pinheiro  
Coordenadora do CEP/UECE

Endereço: Av. Paranjana, 1700

Bairro: Itaperi

UF: CE

Município: FORTALEZA

CEP: 00.000-000

Telefone: (85)3101-9603

E-mail: diana@uece.br

